

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA**

A VELHICE FORA DO LUGAR
História Oral de vida

SHEILA XIMENES DE SOUZA

**PORTO VELHO – RO
2009**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

A VELHICE FORA DO LUGAR

História Oral de vida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva

PORTO VELHO/RO
2009

Catálogo Biblioteca Central/UNIR – Prof. Roberto Duarte Pires

S895v

Souza, Sheila Ximenes de.

A Velhice fora do Lugar: história oral de vida. / Sheila Ximenes de Souza. Porto Velho, Rondônia, 2009.
171f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia (PPGG), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, 2009.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria das Graças S. Nascimento Silva.

1. Envelhecimento. 2. Gênero. 3. Lugar. I. Título.

CDU: 911.3-053.9(811.1)

PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sheila Ximenes de Souza

A Banca de defesa de Mestrado presidida pela orientadora Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Nilson Santos e pela Profa. Dra. Saleté Teixeira Kozel, reuniu-se no dia 02 de julho de 2009, às 16:00 horas na sala Josué de Castro, no Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada “*Velhice Fora do Lugar: História Oral de Vida*” da mestranda *Sheila Ximenes de Souza*. Após a explanação da mestranda, e sua argüição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi APROVADA

Porto Velho, 02 de julho de 2009

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora

Prof. Dr. Nilson Santos
Examinador

Profa. Dra. Saleté Teixeira Kozel
Examinadora

DEDICATÓRIA

Às colaboradoras, Maria Ferreira, Maria das Flores e Zuma, por me presentarem e me ensinarem com suas histórias de vida, contribuindo para o despertar de uma sensibilidade necessária.

Ao meu avô, Luiz Nobre de Souza, por mostrar que a velhice, é mais do que adquirir sabedoria e experiência, é, sobretudo, estar firme na luta diária que a vida social impõe aos velhos.

Às famílias que freqüentam o GEFA, por compartilharmos o mesmo sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre maior, causa primeira de todas as coisas, pelo socorro providencial nos momentos difíceis.

À orientadora Prof.^a Maria das Graças Silva Nascimento Silva, pela confiança, pela convivência e, sobretudo, pela paciência diante das minhas limitações.

A minha mãe, Marciana Nobre, pelo amor abundante, pelos exemplos, pela dedicação e pela acolhida desse projeto, mesmo sem entender a real e verdadeira importância que o mesmo traria pra mim. E ainda, pela oportunidade da convivência nessa existência.

Ao meu pai, Edney Ximenes, que mesmo estando longe, me ajudou a descobrir a tempo, que a distância não consegue separar corações conectados pelo amor.

Ao pai designado por Deus para educar, alimentar e proteger, Gervásio Oliveira, que talvez sem saber, foi o porto seguro nas horas difíceis.

A minha querida irmã, Tathy, pelo amparo afetivo e financeiro nos momentos de “escassez”, pela preocupação, apoio, amizade, se fazendo presente a todo instante.

Ao meu irmão, Luciano, pela imensa alegria que me proporciona, todas as vezes que nos revemos.

Ao Vinícius, pelo companheirismo, pelas contribuições, pelas demonstrações de carinho e respeito, por acreditar e mergulhar em mais um sonho meu.

Às amigas queridas que tanto contribuíram com o trabalho através dos debates, confidências e acalentos fraternos: Domingas Luciene, Elaine Fachine, Marxlene Bezerra, Telma Fortes e Terezinha Ferreira.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, especialmente, ao Prof. Nilson Santos e Prof.^a Madalena Ferreira pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos amigos Adriano, Gabrielle, Selma, Elaine e Ilma pesquisador e pesquisadoras do GEPGENERO, pela amizade e pela oportunidade de tantos debates e discussões que só contribuíram com meu crescimento acadêmico.

Aos amigos do grupo *Joana de Angellis* pela torcida e pelo forte vínculo de afeto que alimentamos a cada encontro, que nutre e renova as forças para o *continuum* da vida.

Aos trabalhadores e amigos de ideal do GEFA, por sonharmos juntos, na tentativa de construirmos um mundo mais justo, por acreditarmos cada vez mais na idéia de que a caridade fraterna e o respeito pela condição humana, podem sim, transformar o nosso mundo num lugar melhor.

RESUMO

A presente pesquisa está pautada no resgate do estudo da velhice na geografia humana, na tentativa de discutir a intersecção entre o envelhecimento, geografia e gênero. O trabalho foi construído e direcionado através dos procedimentos da História Oral de Vida, que possibilita a imersão dentro de um mundo narrado, na busca de reflexões sobre experiências e vivências de mulheres idosas. As três colaboradoras entrevistadas na pesquisa integram um grupo religioso, onde possuem a oportunidade de socialização e integração, mostrando que a velhice é apenas mais um estágio da existência e não o “purgatório” da vida, à espera do fim. Essas mulheres vêm representar e garantir que as vozes dos velhos possam ser ouvidas, mesmo com os limites de uma pesquisa. Buscamos compreender suas visões, o que pensam, o que sentem a respeito da condição feminina, do envelhecimento e do lugar em que vivem, e sobretudo, da percepção sobre o contexto em que estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, Gênero e Lugar

ABSTRACT

This research is based on the redemption of old age in human geography, in an attempt to discuss the intersection between aging, geography and gender. The work was constructed and directed through the procedures of the Oral History of Life, which allows immersion in a world described in the search of experiences and reflections on experiences of older women. The three collaborators interviewed in the research, incorporating a religious group, which have the opportunity for socialization and integration, showing that age is just another stage of existence and not the "purgatory" of life, waiting for the order. These women are represented and to ensure that the voices of the old can be heard, even with the limits of the search. We understand their views, what they think, what they feel about the female condition, the age and place in which they live, and above all, the perception of the context in which they are inserted.

KEYWORDS: Aging, Gender and Place

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Grupo Espírita Francisco de Assis-----	17
Figura 2 – Mapa de Localização da área de estudo-----	28
Figura 3 – Identificação da Escola “8 de março”-----	30
Figura 4 – Condições Ambientais do bairro-----	31
Figura 5 – Construção do GEFA em alvenaria-----	32
Figura 6 – Início dos trabalhos de distribuição de sopa-----	33
Figura 7 – Residência localizada próximo ao GEFA-----	44
Figura 8 – Colaboradora Maria Ferreira da Silva-----	67
Figura 9 – Colaboradora Maria das Flores Farias-----	105
Figura 10– Colaboradora Zuma Ramos da Silva-----	131
Figura 11 – Trabalhadoras do GEFA-----	151

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIR	Universidade Federal de Rondônia
CEPESCO	Centro de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
GEFA	Grupo Espírita Francisco de Assis
GEPGÊNERO	Grupo de Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SADT	Serviço de Apoio a Diagnose e Terapia
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	12
CAPÍTULO I -----	17
ABORDAGEM METODOLÓGICA -----	17
1.1 O Projeto-----	18
1.2 História Oral: buscando uma conceituação-----	21
1.3 Grupo Espírita Francisco de Assis: uma comunidade de destino-----	27
1.4 Memória e Narrativa: lembrança de velhas-----	34
1.5 Experiências em Campo-----	36
1.6 Organograma dos Procedimentos Metodológicos-----	43
CAPÍTULO II -----	44
REFERENCIAL TEÓRICO -----	44
2.1 Espaço, Cotidiano e Lugar-----	45
2.2 Breve histórico da condição feminina-----	49
2.3 Gênero e Envelhecimento-----	53
2.4 Impactos da modernidade na velhice-----	59
CAPÍTULO III -----	67
NARRATIVAS -----	67
3.1 Maria Ferreira da Silva-----	67
3.2 Maria das 'Flores' Farias-----	105
3.3 Zuma Ramos da Silva-----	131
CAPÍTULO IV -----	151
TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO -----	151
4.1 Concepções acerca das Relações de Gênero-----	153
4.2 Concepções acerca do Envelhecimento-----	161
4.3 Concepções acerca do Lugar-----	165
4.4 Algumas Considerações -----	169
REFERÊNCIAS -----	174

INTRODUÇÃO

Antes de apresentar o trabalho, e discutir o que foi proposto, é importante que haja uma retrospectiva do percurso do projeto, da escolha do tema e o surgimento do desejo em pesquisar sobre envelhecimento e gênero.

Após a graduação em Pedagogia, no ano de 2004, surgiu a oportunidade de cursar uma especialização em “Vigilância Ambiental e Educação para a Saúde”, curso este, promovido pela Universidade de Brasília - UnB em parceria com a Vigilância Sanitária do município de Porto Velho. A princípio, Me perguntei várias vezes o porquê de ingressar num curso que não tinha relação teórica com minha formação, no entanto, na graduação, discutíamos intensamente a respeito do ensino interdisciplinar, da importância dos entrelaçamentos dos conteúdos e disciplinas, no intuito de contribuir com o sucesso na aprendizagem de alunos e alunas. E a partir dessa relevância da interdisciplinaridade dentro do ambiente escolar, do número significativo de disciplinas voltadas para a educação que o referido curso oferecia, e por entender que não há auto-suficiência nas diversas áreas do conhecimento, decidi, portanto, fazer um curso destinado principalmente aos profissionais da área da saúde.

Com esta especialização, foi me oportunizado desenvolver um trabalho de campo em uma Instituição de longa permanência para idosos, com o objetivo de analisar as condições da estrutura física do local e compará-la com as normas técnicas estabelecidas. Foi impossível olhar apenas para paredes, instalações hidráulicas e elétricas. Minha sensibilidade jamais me permitiria isso. E foi através dessa curta experiência com os idosos internados naquele local, que nasceu um grande interesse em saber um pouco mais sobre essas pessoas, que naquele momento da vida estavam tuteladas pelo Estado. Nesse período, ainda não tinha experiência com a pesquisa, mas tinha o interesse em aprender a fazer, a entender. E naquele momento muitas interrogações pairavam: como viviam? O que faziam? como se sentiam em viver ali, sozinhos? Por que foram abandonados pela família?

A busca por novas descobertas e aprendizado me fez ingressar no Grupo de Pesquisa e Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero - GEPGÊNERO, da

Universidade Federal de Rondônia, coordenado pela professora Maria das Graças Silva Nascimento Silva, do qual, faço parte atualmente, que também contribuiu intensamente na escolha e delimitação do tema nesta pesquisa.

Um ano mais tarde, um contrato de professores emergenciais no Governo do Estado de Rondônia, me oportunizou trabalhar com uma turma voltada para Educação de Jovens e Adultos. A turma estava regularmente matriculada na 3ª série, atualmente denominada de 4º ano, e era composta por cinco alunos com idade superior a 60 anos e quinze entre jovens e adultos. Era uma turma pequena em relação ao que costumamos vivenciar nas escolas públicas. Apesar da série que se encontravam, os alunos que compunham aquela turma, ainda estavam em processo de alfabetização.

A experiência realizada na “Casa do Ancião” e de sermos neta de um senhor de 94 anos, fizeram com que meus olhos fossem mais atentos ao cotidiano dos idosos. Passei a observar então, quão era difícil a convivência dos jovens com estes, quer fosse naquele pequeno espaço escolar, quer no dia a dia. O contraste cronológico enveredava por caminhos voltados a exclusão, guiando os mais velhos¹ para a certeza da existência e crueldade de uma identidade negativa.

Em relação a essa identidade, notei que outros professores consideravam que, se por um lado os jovens aprendiam com facilidade, tinham idéias criativas, eram produtivos, por outro, os alunos com mais de 50 anos, eram lentos, tradicionais, conservadores e repetitivos. E era essa a opinião dos alunos mais jovens também. O desafio então era: alfabetizar os idosos, e manter os demais estimulados, trabalhando as inúmeras especificidades da turma.

Esse contato mais estreito com os idosos na escola, só aumentou a vontade em tentar entender sua vida, seu cotidiano, suas dificuldades. Havia alguns alunos idosos que trabalhavam em serviço pesado como cavadores de poço, pedreiros, eletricitas, bem como, mulheres que exerciam atividades como babá e empregada doméstica. O interesse a princípio, era estudar a velhice do cotidiano, sobre a velhice não-asilada, não-doente, não-tutelada.

Em 2006 houve a primeira seleção para o Mestrado em Geografia, e a delimitação do projeto, já estava claro: desenvolver uma pesquisa com mulheres idosas. Mas como? Pensava que seria melhor aguardar um Mestrado em Educação,

¹ Os termos “velhos” e “velhas” utilizados neste trabalho, não se apresentam como forma pejorativa ou desrespeitosa, muito menos como fruto do acaso: deixamos que as próprias colaboradoras se definissem.

mas até quando teria que esperar? As recordações da geografia estavam fixadas nos ensinamentos do ensino fundamental e médio, no estudo do relevo, da hidrografia, e do solo das cidades e países. E infelizmente, muitas vezes o medo do desconhecido nos engessa, imobiliza, nos retrai e nos impede de avançar. E foi por esse motivo que resolvi amadurecer mais a idéia e concorrer no ano seguinte.

O grande primeiro impacto com a exclusão e a aparente desimportância da sociedade com os idosos e idosas foi a experiência vivenciada no asilo citado acima, a segunda, em sala de aula, e a terceira, para minha surpresa, foi a rejeição de muitas pessoas diante do tema escolhido. Os comentários mais comuns eram: *Nossa que tema sombrio, triste!*

Você, uma menina tão jovem... por que escolheu esse tema?

Mas "isso" não tem nada haver com a sua formação!

Velho só serve pra ajudar na falência da previdência!

Não havia muita clareza de idéias na forma como seria possível reunir numa única pesquisa, temáticas referentes a gênero, geografia e velhice. Mas como acredito que o avanço da ciência também depende de projetos e idéias arrojadas, e que, para haver rupturas ou fissuras nos estereótipos, nos preconceitos e nas "fobias", há também, que se pensar na necessidade de doses de ousadia, (mesmo sabendo que as ousadias também tem seus limites) optei por persistir, acreditando que seria possível defender essa idéia, na tentativa de despertar interesse, estudos e pesquisas sobre idosos e idosas em nosso Estado.

O primeiro contato acadêmico com a geografia foi através de Milton Santos, leitura obrigatória para o processo seletivo. Momentos dolorosos aqueles... uma leitura complexa do mundo, onde confesso a imensa dificuldade que tive em compreender. Na verdade, não acreditava que a "geografia era tudo aquilo". O professor Oswaldo Bueno proferiu uma palestra na XXVI semana de geografia realizada em 2007, dizendo que a "geografia sempre se interessou por mundos possíveis", atuando como uma ciência que nos permite sentir, explicar, fazer, desfazer, desmembrar, integrar e principalmente, "amar a natureza e a sociedade". Sua palestra foi uma grande oportunidade para termos a certeza de que a geografia é indiscutivelmente plural, e se é plural, se ama a natureza e a sociedade, certamente os velhos, mulheres, negros, homossexuais, operários e todos os

excluídos da história, fazem parte dessa geografia poética, humana, sensível, preocupada em construir uma sociedade mais fraterna e mais justa.

A partir daí, não restava nenhuma dúvida. Esse seria o eixo do trabalho: estudos sobre mulheres velhas e suas contribuições na transformação do lugar em que vivem.

A idéia de que os estudos geográficos restringem-se apenas ao meio físico e aos fenômenos da natureza, ao que parece, está superada. Além de estudar estes fenômenos, também realiza estudos e reflexões sobre as relações sociais, sobre a transformação do espaço, do lugar, sendo uma ciência que permite evidenciar a importância da intervenção humana.

A escolha da História Oral como metodologia para se realizar uma pesquisa geográfica é uma tentativa corajosa, e porque não dizer, audaciosa. Primeiro porque foge dos procedimentos que costumamos realizar nas pesquisas, pelas perguntas e respostas direcionadas, pelo contato com intuito de absorver apenas o que nos interessamos, sem levar em consideração o que se pensa, o que se deseja, o que se sonha, do que se tem medo, ou qualquer outro sentimento inerente ao homem. Segundo porque a idéia construída em relação a História Oral é de que sua execução é tarefa simples e fácil. Ao realizar todo o procedimento necessário para desenvolvê-la, percebemos que é uma tarefa que exige cuidado, dedicação, paciência, e muitas vezes frustração também. Corremos riscos em desenvolver a pesquisa, gravar, transcrever, transcriar e no momento da conferência, o colaborador desistir de participar, por exemplo. Isso sem dúvida é frustrante. No entanto, por outro lado, vivenciamos a prática da alteridade, a ética e o respeito diante da condição do outro.

Salientamos que vale a pena esclarecer que, por se tratar de uma metodologia mais 'moderna', não exige a contabilidade da amostragem mínima necessária ao entendimento dos resultados. Desenvolvemos a pesquisa com três colaboradoras e as mesmas atenderam as indagações levantadas no projeto inicial. Tínhamos a intenção de trabalhar com todas as mulheres idosas pertencentes ao mesmo grupo social: o Grupo Espírita Francisco de Assis – GEFA. Das cinco mulheres, apenas três se interessaram em colaborar com a pesquisa, e entendemos que as três foram suficientes para o procedimento investigativo.

Como abordar questões geográficas num trabalho com mulheres idosas? Como essas mulheres podem e contribuem no lugar em que vivem? O que pensam a respeito de si mesmas? Como vivem, o que fazem, o que as motivam? Essas foram algumas indagações que tínhamos no início da caminhada neste Programa de Pós Graduação, do qual resultou a seguinte organização:

No primeiro capítulo expomos o caminho metodológico que percorremos, justificando o porquê da escolha pela temática referente a relações de gênero e envelhecimento, detalhando a escolha da colônia, das colaboradoras e da comunidade de destino, bem como sua localização e caracterização. Detalhamos o percurso até chegarmos no projeto de pesquisa e a escolha do caminho metodológico.

No segundo capítulo, destacamos os autores Paul Claval, Yi-Fu Tuan, Simone de Beauvoir, Heleieth Safiotti, Éclea Bosi, Armand Frémont, Milton Santos e Oswaldo Bueno Amorim Filho que fizeram parte das discussões do referencial teórico adotado, bem como, a conceituação de espaço, cotidiano, lugar, feminismo como movimento social e político, gênero e envelhecimento, como temas emergentes na geografia humanística.

No terceiro capítulo apresentamos as narrativas de três colaboradoras, na íntegra, onde realizamos os procedimentos de transcrição, textualização e transcrição dos textos.

No quarto e último capítulo, expomos as possíveis interpretações, onde foram analisadas as percepções das colaboradoras diante de temas suscitados no projeto inicial: lugar, gênero e envelhecimento.

CAPÍTULO I

ABORDAGEM METODOLÓGICA

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do
passado antes que o tempo passe tudo a limpo.
(Cora Coralina)*



Figura 1 – Grupo Espírita Francisco de Assis. Foto Flávio Sgarbi

1.1 O Projeto

Observamos desde tenra idade que no seio de nossas famílias, existem diferenciações nas atividades entre homens e mulheres. Considerando que o espaço é produzido, construído, reproduzido e reconstruído por homens e mulheres através do trabalho, sendo este, eixo condutor para o entendimento entre relações de gênero e geografia², nos propomos a compreender essa participação da mulher idosa na produção do espaço.

Qual a contribuição de mulheres idosas para o desenvolvimento de um lugar? Com o quê pode contribuir, pessoas que já perderam o vigor físico, a agilidade e a produtividade exigida pelo sistema capitalista? Como essas pessoas se vêem dentro da comunidade em que estão inseridas? Esses são alguns questionamentos que permeiam as discussões desta dissertação. Discutir sobre gênero, envelhecimento e geografia sinaliza para longos caminhos de debates, e principalmente, para disposição ao enfrentamento de novos temas emergentes na geografia.

Acreditamos na relevância desta pesquisa, pois os trabalhos acadêmicos realizados sobre gênero e envelhecimento, no Estado de Rondônia, são inexistentes, o que torna nossa região carente de dados científicos relacionados a esse eixo temático de estudo. Em linhas gerais, encontramos apenas o desenvolvimento de pesquisas direcionadas ao campo das questões demográficas, previdência social, aspectos sócio-econômicos e no campo da saúde.

A pesquisa foi realizada no Grupo Espírita Francisco de Assis (GEFA) caracterizada como uma instituição de caráter religioso, localizada no bairro Mariana, periferia de Porto Velho, com o intuito de analisar a cotidianidade, através de experiências e vivências, buscando construir uma análise sobre a participação de mulheres velhas, que tinham alguma atividade não estritamente doméstica, na construção do lugar em que vivem, identificando, portanto, suas contribuições na transformação do espaço.

Quando nos propomos a desenvolver um projeto de pesquisa, de imediato somos interrogados sobre o método e os procedimentos que caracterizarão a cientificidade do trabalho. Para Bosi (2004:50), essa resposta obrigatoriamente tem que ser analisada pelo menos em dois níveis: o primeiro seria a orientação da

² Palestra sobre os “Percursos teóricos e metodológicos para a pesquisa em gênero e geografia”, proferida pela Professora Doutora Rosa Éster Rossini, no dia 30 de maio de 2008, no auditório da UNIR centro.

pesquisa como um todo, referente à “tendência teórica” que guiará o início da investigação, e o segundo, a técnica, o procedimento, o método condutor para a efetivação do trabalho, de modo que o que quer se investigar seja compreendido, explicado e tenha sentido dentro de nossa realidade.

Nessa perspectiva, esta pesquisa será apoiada metodologicamente na História Oral de Vida, fundamentada nos conceitos de José Carlos S. B. Meihy, por entendermos que a velhice se ajusta a este jeito “novo” de pesquisar, e por também, ser considerada um *corpus* do conhecimento subjetivo, que tem a possibilidade de oferecer aos leitores e leitoras, uma dimensão social, sendo, portanto, uma estratégia para se compreender a realidade em que os indivíduos estão inseridos. Utilizaremos como referencial teórico para a discussão de gênero e envelhecimento, Simone de Beauvoir, Heleieth Safiotti e Éclea Bosi e para discussões na geografia, empregaremos os conceitos desenvolvidos por Paul Claval, Yi-Fu Tuan, Armand Frémont, Milton Santos e Oswaldo Bueno Amorim Filho.

Esclarecemos a pretensão desta pesquisa, no que tange a escolha do tema e da metodologia deste trabalho, da seguinte forma: ao trabalharmos com História Oral de vida, pretendemos analisar narrativas de mulheres velhas, de entendermos seus percursos pessoais diante de duas condições: ser mulher e estar, cronologicamente, idosa. Contribuições na transformação do lugar, porque se objetiva uma investigação geográfica acerca da história da organização social em que vivem.

Realizamos a pesquisa com três mulheres com idade superior a 60 anos, cuja característica peculiar é a participação no mesmo espaço social: o Grupo Espírita Francisco de Assis. Ressaltamos ainda, que o eixo de nossa pesquisa está alicerçado nas mulheres, sendo o GEFA o lugar transformado, recriado e reproduzido por elas.

Desenvolver uma pesquisa é tarefa que exige dedicação, interesse e principalmente afinidade com o que se vai pesquisar. Justificamos a escolha por esta Instituição específica, porque para nós, é um lugar especial. Tivemos a oportunidade de conhecer o nascimento dessa casa espírita e de seus trabalhos evangélicos, no final da década de 80, que tinha a princípio, o objetivo de evangelizar e de alimentar as famílias que ali residiam, através de um trabalho solidário. Outro motivo primordial está pautado na participação de mulheres idosas

na Instituição, onde desenvolvem diversas atividades, mostrando que a idade cronológica traz consigo limitações, e não impedimentos para a realização e coordenação de tarefas em prol de uma comunidade.

Muito se tem discutido e se questionado sobre a relevância e a validade do quantitativo de colaboradores para o desenvolvimento de uma pesquisa, mas Meihy (1996, p. 138) afirma que: “o argumento decisivo para marcar o limite do número de entrevistas remete à sua utilidade e ao seu aproveitamento”.

E nos remete ainda, a pensar sobre o que Paul Thompson (2002) chama de “rendimentos decrescentes”, uma lei comum nas ciências exatas, onde exemplifica que, quando uma determinada narrativa ou entrevista começam a se tornar repetitivas, ou fugindo dos objetivos propostos no projeto, está na hora de acabar com a abordagem entrevistativa. Portanto, não se trata de uma pesquisa com a proposta de investigação quantitativa, pois a representatividade está vinculada à subjetividade, à singularidade das narrativas das entrevistadas.

As entrevistas não foram direcionadas com perguntas e respostas, pois optamos em deixar as colaboradoras decidirem o percurso das narrativas, dando-lhes a liberdade de começarem por onde sentissem vontade. Esse procedimento não impediu que na trajetória das entrevistas, solicitássemos esclarecimentos sobre situações não compreendidas.

Acreditamos ser necessário esclarecer que não temos a intenção de desenvolver uma pesquisa nostálgica, mas por se tratar de narrativas de idosos, há inegavelmente um vínculo com o passado, um sentimento emocionado e saudosista frente as experiências do pretérito. A presença nostálgica nas narrativas é inerente ao comportamento social e nele se explica. Sobre essa questão, Meihy (2004:56) orienta: “...em vez de ser preterido, exatamente por isso deve ser considerado fator de análise”.

Salientamos que as narrativas são construções, seleções de fatos e percepções, tornando-as versões dos fatos e não os fatos em si. E um mesmo fato dito várias vezes, carrega diferentes significados. A respeito dessa questão, Meihy diz:

A História Oral se apresenta como uma forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será o seu depoimento.

Tuan (1983, p. 9) em sua obra Espaço e Lugar, nos diz que “as emoções dão colorido a toda a experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento”. Ainda em relação às emoções e sentimentos, cita Paul Ricoeur:

... por um lado indica qualidades sentidas quanto às coisas, quanto às pessoas, quanto ao mundo, e por outro manifesta e revela a maneira pela qual o eu é afetado intimamente... no sentimento, uma intenção e uma afeição coincidem em uma mesma experiência. (TUAN, 1983 *apud* RICOEUR, 1967).

Tuan (1983) diz ainda, que a experiência abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa constrói a realidade. E essas maneiras podem variar desde os sentidos diretos, como a visão, o paladar, e o tato, até a “percepção visual de maneira indireta de simbolização”.

Em linhas gerais, a razão de ser do projeto, está conectado ao interesse em saber como essas mulheres compreendem o lugar vivido, como vêm sua participação na transformação do espaço em que estão inseridas, através de suas experiências e vivências.

1.2 História Oral: buscando uma conceituação

O primeiro contato que tivemos com a História Oral foi na disciplina optativa de *métodos qualitativos em pesquisa*, ministrada pelo professor Alberto Lins Caldas. E após o contato com alguns trabalhos, dentre eles, as teses de Nilson Santos, intitulada *Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fatura* (2002), pesquisa direcionada sob o aspecto da investigação geográfica, e de Fabíola Holanda Barbosa *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia* (2006) pesquisa em história social, além de outros textos voltados ao estudo de narrativas com idosos, como Vera Scaramuzzini (2000) e Ecléa Bosi (2004), entendi que com esse processo metodológico, além de oportunizar outras “versões” da história oficial, poderia também tornar público a humanização das emoções, a publicização das percepções, das vivências e experiências, abrindo caminhos para se pensar na realidade presente, na organização social de determinado lugar através de narrativas.

Além de oportunizar outras “versões” da história, esse processo, proporciona o apoio ao direito de participação social, o respeito às diferenças, a compreensão das identidades, das experiências, sendo também uma alternativa de inclusão social, pois a História Oral se apresenta com uma íntima relação com aqueles que não detêm o código escrito, tornando essa característica uma de suas marcas mais fortes. (MEIHY, 2005, p. 98)

É válido registrar que nossa aproximação com a prática da História Oral, se deu pelo poder que esta possui em nos direcionar para caminhos de descobertas, nos aproximando de outros “mundos”, de outras realidades, nos aliviando o egocentrismo.

BOSI (2004) relata em sua obra *O tempo vivo da memória (2004)*, que desde o período medieval, os cronistas³ narravam episódios agradáveis, através das conversas de rua, de uma janela para outra. E que tais procedimentos reafirmam que havia o registro da memória oral. MEIHY (2005), também descreve que este recurso era repassado para a cultura em diversos níveis: “... de pais para filhos, de geração para geração, na vida cotidiana, através dos séculos, as pessoas transmitem suas experiências, seus preceitos e seus ensinamentos úteis”.

Essas narrativas só ganharam caráter histórico ou científico quando os dados foram sistematizados de forma metódica e criteriosa. E apenas após a segunda guerra mundial, a História Oral reafirmou o estabelecimento de critérios organizados, que a diferenciou de outras formas de entrevista.

Os avanços tecnológicos contribuíram para a difusão da “moderna”⁴ História Oral que nasceu em 1948, em Nova York, na Universidade de Columbia. Nesse período, seu grande foco era publicizar os relatos e experiências de combatentes, familiares e vítimas da segunda grande guerra mundial. Nesse início, houve duas grandes funções que complementar o objetivo da História Oral: registrar e divulgar as experiências relevantes que pudessem incentivar o entendimento, e o registro da história do lugar, da história local.

No Brasil, a História Oral demorou mais a se desenvolver devido a dois fatores fundamentais: a falta de empenho das instituições não acadêmicas em elaborar projetos de tradições populares, com registros das histórias locais, e pela

³ Palavra derivada de ‘crônica’, raiz: chronos = tempo. Tem como definição a narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo. (BOSI, 2004).

⁴ Ganhou o adjetivo de “moderna” para ser diferenciada de outras práticas da oralidade. (MEIHY, 2005)

falta de um elo de ligação da Universidade com a cultura popular. Então, a partir da década de 70, grande esforço foi realizado para que houvesse sua propagação.

José Carlos Sebe Bom Meihy, elaborou cinco versões do *Manual de História Oral* (1996, 1998, 2000, 2002 e 2005). Desde o primeiro *manual* publicado em 1996, já diferenciava o trabalho de História Oral ao de fontes orais e apresentava o processo com os procedimentos sistemáticos necessários, para a realização das entrevistas. Do segundo em diante, introduz outras discussões conceituais como memória, experiência, oralidade, identidade e escrita. Discute ainda a politicidade da História Oral, a inclusão, reflexões sobre o dar sentido a existência, fomentando a prática de políticas públicas.

Em sua quinta edição do *Manual* ainda resgata das quatro edições anteriores a dificuldade em definir temas complexos como a História Oral. A nível material considera que “a História Oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos”.

Para Thompson (2002, p. 20) toda história depende de sua finalidade social. Com a História Oral não é diferente, pois é composta de procedimentos específicos, premeditados e sistemáticos. Meihy (2005, p.10) esclarece que há no mínimo duas dimensões que caracterizam a vitalidade da História Oral: seu caráter democrático e seu alcance coletivo. E ainda, o caráter da História Oral promove a subjetividade humana, levando em consideração a participação efetiva dos sujeitos analisados.

Muito se tem discutido sobre a relevância e cientificidade da História Oral, mas, torna-se importante classificar três termos que geram equívocos quanto ao entendimento e confiança na sua aplicabilidade: fontes orais, oralidade e História Oral. Meihy (2005, p. 260-261) define da seguinte forma:

“Fonte Oral: toda e qualquer referência sonora gravada que serve de base para eventuais estudos ou arquivos”

“Oralidade: conjunto de sons humanos”

“História Oral: o conjunto de procedimentos que visam à formação de documentos destinados à análise de depoimentos”.

As discussões recentes apontam alguns entendimentos sobre a ‘identidade’ da História Oral. Há os que a defendem como técnica ou ferramenta de pesquisa onde as entrevistas entrariam no texto como um apêndice, com a preocupação de

se manter fontes para pesquisas, de cunho arquivista. É reconhecida também, como uma forma metodológica, onde as entrevistas permeiam como o centro da pesquisa abordada, pronta para responder as indagações e anseios do pesquisador, neste caso, responder aos questionamentos geográficos. E ainda, é também desenvolvida como uma disciplina/forma de saber, do qual, torna-se um recurso preocupado com o outro, em dar-lhe visibilidade, colocando-o como ator principal da pesquisa e não como simples informante. Essa forma de saber é o uso do conhecimento e da experiência de indivíduos, organizado através de trajetórias humanas. Esta pesquisa está apoiada no processo ético-metodológico, sendo o testemunho oral a investigação em si, e não parte acessória. O seu uso e aplicabilidade será desenvolvida de modo a esclarecer trajetórias individuais, que muitas vezes não têm outra oportunidade de serem entendidas e elucidadas. Essa característica da História Oral a fez ser entendida ainda, como a história dos excluídos. Meihy (1996, p. 9) diz que:

Por meio da História Oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais discriminadas, principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Mesmo que as minorias encontrem espaço através da História Oral, concordamos com Barbosa (2006), quando diz que temos que nos colocar numa postura que possibilite que as “diferentes temporalidades e concepções de mundo”, sejam conhecidas, que possam fluir, e não ficarmos estigmatizados como aqueles que “dão voz” aos excluídos.

A História Oral obedece alguns critérios específicos: o primeiro deles é a mudança de sujeito-objeto para sujeito-sujeito, colocando o colaborador como centro principal do trabalho, onde o pesquisador é o interlocutor e mediador, seguindo uma postura humanizada com o colaborador. O segundo é a devolução pública dessa História Oral, para que não fique apenas dentro das bibliotecas e das Universidades, mas que tenha compromisso político e retorno para a sociedade. Para Meihy e Holanda (2007, p. 30) é necessário esclarecer os passos da História Oral, que implica estabelecer as etapas principais de seu desenvolvimento, tornando-a metódica, sistemática, portanto, científica:

- 1- elaboração do projeto;
- 2- gravação;

- 3- estabelecimento do documento escrito e sua seriação;
- 4- sua eventual análise;
- 5- arquivamento; e
- 6- devolução social.

Portanto, a História Oral é um processo sistemático, planejado, projetado, com objetivos, seguida de etapas que a caracterizam, que perpassa pela pré-entrevista, transcrição, textualização e transcrição, conferência com o colaborador e análise/interpretação das narrativas, onde estas são consideradas um conjunto de procedimentos relacionados entre si, tornando-os imprescindíveis na execução de uma pesquisa pautada na metodologia da História Oral.

Outros fatores importantes são os meios para se obter as narrativas. As ferramentas eletrônicas devem obrigatoriamente fazer parte das entrevistas e apesar dessa obrigatoriedade, não supera o contato do oralista⁵. Os meios tecnológicos registram vozes ou imagens, mas o ambiente em que ocorrerá a entrevista deve ser captado também através dos sentidos, a relação humana, deve ser direta. Os artefatos tecnológicos captam imagens e sons, o contato direto, permite a captação do cheiro, dos sabores, da temperatura e das condições do lugar, das expressões, ou seja, apenas através dos nossos sentidos, conseguiremos captar as emoções, os detalhes, as nuances. É garantido então, que não há possibilidade dos recursos tecnológicos substituírem ou suprirem os contatos diretos entre oralista e colaboradores.

Outros conceitos como *colônia*, *comunidade de destino* e *rede* devem estar esclarecidos para que se compreenda os critérios de escolha. Meihy (2005), classifica *colônia* como uma coletividade ampla que tem uma comunidade de destino, que por sua vez, é o motivo central que identifica a reunião de pessoas com algumas características afins, e a *rede*, podemos chamar também de “delimitação”, pois é a *subdivisão da colônia*, ou seja, um segmento específico de um grupo com algumas afinidades definidas.

Apoiada nesses conceitos, entendemos que a nossa *colônia* seria as mulheres que vivem na cidade de Porto Velho, mas essa classificação se apresentou extremamente extensa, dilatada, e para que fosse possível a execução da pesquisa, seria fundamentalmente necessário critérios para a escolha das

⁵ “Pessoa que pratica história oral em qualquer de suas formas assumindo que história oral é mais do que simplesmente entrevista. (MEIHY, 2005:261)

entrevistadas, a delimitação, ou seja, a *rede*. Nossa escolha foi investigar apenas mulheres velhas pertencentes a uma organização social, onde tivessem participação efetiva nas atividades desenvolvidas na instituição. E por fim, caracteriza-se como comunidade de destino o GEFA, lugar em comum, freqüentado pelas colaboradoras da pesquisa.

BOSI (2004), diz que a história oficial que estudamos em toda nossa vida escolar, não aborda o passado recente. Afasta como se fosse de menor importância as nuances, os detalhes, os comportamentos, o cotidiano das pessoas. Confirma ainda a idéia de que a memória dos velhos pode ser trabalhada como uma fonte mediadora entre a nossa geração e as testemunhas do passado. A história ancorada simplesmente apenas com documentos oficiais, não “pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios da vida”. No entanto, é importante ressaltar, que nem sempre as testemunhas orais são totalmente autênticas ou mais autênticas que a história oficial, pois a memória oral também tem seus desvios, suas inautenticidades, cabendo ao pesquisador analisar as lembranças e os esquecimentos:

Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época. (BOSI, 2004 p.15)

A autora diz que o “presente, entregue às suas incertezas e voltado apenas para o futuro imediato, seria uma prisão”, e esta metodologia de trabalho vem sendo ilustrada ao que se pode chamar hoje, de história das mentalidades, história das sensibilidades. Meihy (2004, p. 57) também destaca alguns elementos que podem estar presentes nas narrativas: mentira, esquecimento e deformação. Acredita que desprezar essas possibilidades resultaria em: “...esfriar o lado humano das versões narradas... mentiras, esquecimentos e deformações são matéria da boa História Oral, que, mais que identificá-los, deve também explicar suas razões”.

A História Oral de vida é um gênero da História Oral e no Brasil, vem ganhando espaço, tornando-se uma tendência forte, devido à influência da corrente britânica, liderada por Paul Thompson. É um espaço dado ao depoente para que ele organize sua narrativa conforme seus desejos. “A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das Histórias Oraís de Vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial” (MEIHY, 2005 p.148).

BOSI (2004), na obra *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, também não se preocupou com os lapsos, com os erros, com os esquecimentos dos seus entrevistados, seu interesse principal era no *que estava sendo lembrado*, no que iria ser registrado como história, no que iria perpetuar-se, conforme as escolhas de cada um, fazendo-os de fato, sentirem-se donos da sua própria história, ou melhor, sentirem que eram autores de uma história, de uma trajetória.

O educador Paulo Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, também nos convida a refletir sobre a oportunidade, sobre a presença no mundo que temos direito, ocupando uma posição de quem luta, de quem tem voz, pra não cair nas armadilhas da submissão, de não ser apenas o objeto, mas sim, sujeito ativo da história, sujeito ativo da sua própria história. Meihy (2005), também destaca a necessidade de esclarecer a diferenciação entre a História Oral de vida e a “narrativa biográfica”. A primeira trata essencialmente do valor moral da experiência pessoal e a segunda aborda um roteiro cronológico, seguindo uma seqüência lógica e temporal.

1.3 Grupo Espírita Francisco de Assis: Uma Comunidade de Destino

Segundo o IBGE, o município de Porto Velho possui 360.345 habitantes distribuídos em 68 (sessenta e oito) bairros no perímetro urbano. O bairro Mariana foi reconhecido e regulamentado em 11 de maio de 1999, através da Lei Municipal n.º 1.355. Segundo Diagnóstico local do município de Porto Velho⁶, realizado pela Universidade Federal de Rondônia, em parceria com o CEPESCO e Prefeitura Municipal de Porto Velho, publicado em 2008, existe apenas 1(uma) unidade de Saúde⁷ que realiza atendimentos ambulatoriais, Serviço de Apoio a Diagnose e Terapia – SADT, e Urgência e Emergência. Esta unidade atende a área “situada no extremo leste da cidade, constando de 06 bairros (São Francisco, Mariana, Ulisses Guimarães, Marcos Freire, Ronaldo Aragão e Cidade Jardim) com aproximadamente 9.121 famílias. Apresentaremos a seguir o mapa que demonstra detalhadamente a localização da área de estudo.

⁶ Diagnóstico realizado conforme diretrizes do Sistema Integrado de Saúde das Fronteira – SIS FRONTEIRAS, que visa estabelecer um diagnóstico da situação dos serviços de saúde do município, contemplando aspectos assistenciais, epidemiológicos, sanitários e ambientais, e a elaboração de um Plano Operacional conforme diagnóstico local. (2008:3)

⁷ Unidade de Saúde José Adelino

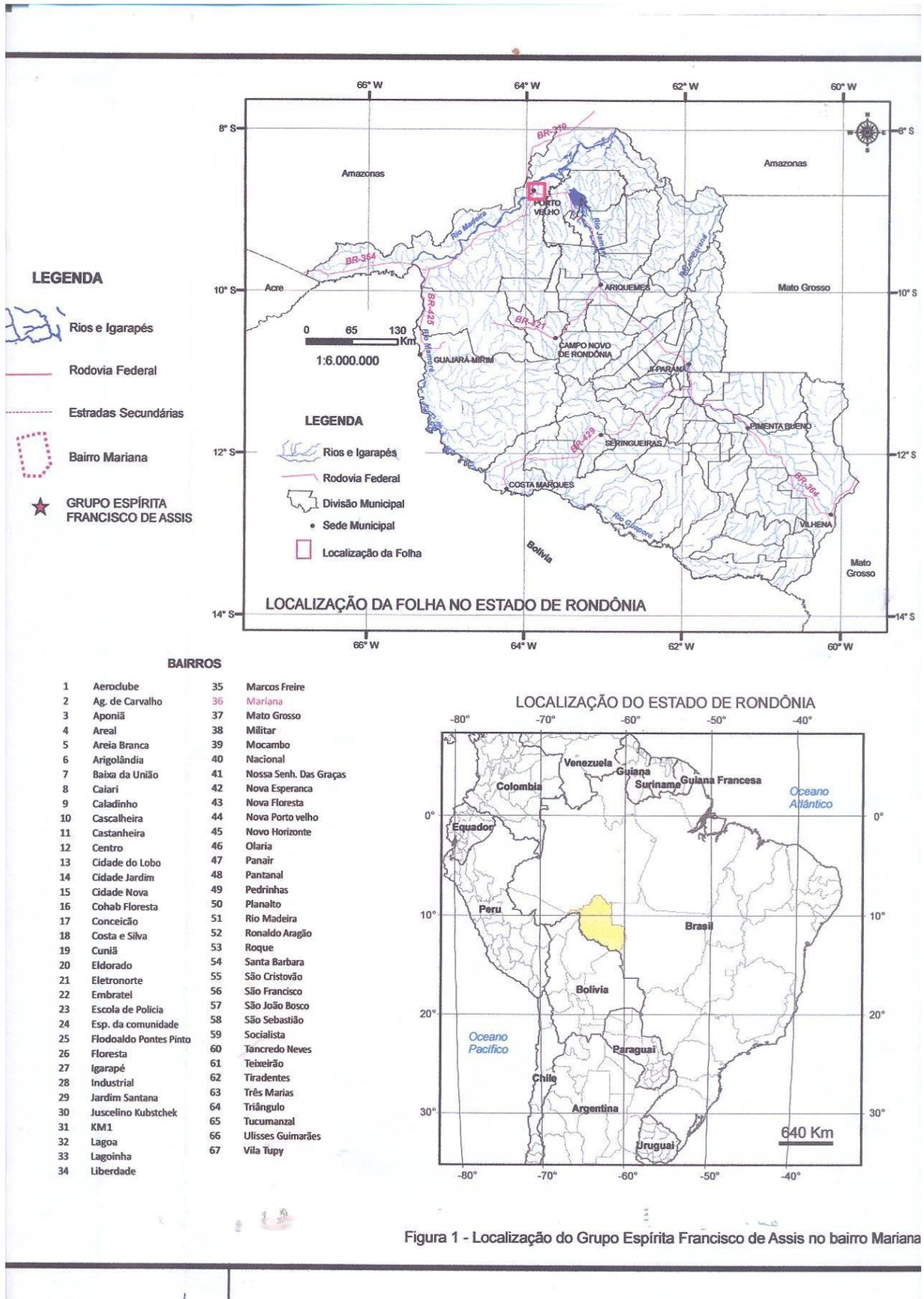


Figura 1 - Localização do Grupo Espírita Francisco de Assis no bairro Mariana



Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento (2009), o bairro conta com três escolas, uma municipal (Escola “8 de Março”) instalada nas dependências do GEFA; uma estadual (Escola “ Jânio Quadros da Silva”) e uma conveniada (Escola “Lar da Criança”).



Figura 3 - Identificação da Escola “8 de março”. Foto: Elaine Fechine, abril de 2009.

Desde sua legalização, o bairro Mariana, não sofreu grandes mudanças nos aspectos de saneamento básico, educação e saúde. Esgoto a céu aberto e lixo espalhado pelas ruas são situações muito comuns. 9.121 famílias que vivem no bairro Mariana e em cinco bairros do entorno dependem do atendimento de apenas uma unidade de saúde. Necessitando se deslocar para outras unidades, devido a dificuldade em conseguir agendar consultas médicas.



Figura 4 - Condições ambientais do bairro. Foto: Elaine Fechine, abril de 2009.

O GEFA é uma Instituição espírita, situada no bairro Mariana, formada por trabalhadores de ideais cristãos que juntos movimentam esforços com objetivos de consolidar valores morais e espirituais de si mesmo e do próximo. Foi fundada em abril de 1988 e a participação nesse movimento espírita é livre, espontânea e voluntária, e conta apenas com a afinidade da causa espírita-cristã, no auxílio ao desenvolvimento das atividades oferecidas pela casa.

E foi nesse contexto que o GEFA se instalou e vem se consolidando. Atualmente, dentre os trabalhos filantrópicos como a distribuição de sopa e entrega de cestas básicas às famílias, o GEFA, também desenvolve atividades como palestras evangélicas públicas, evangelização infantil, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE, acompanhamento familiar, palestras educativas de saúde, atendimento médico (parceria com Faculdades), cursos de bordado e costura, coral infanto-juvenil, recreação infantil e eventos diversos em prol das famílias que ali freqüentam. Através da distribuição de sopa, a Instituição atende aos finais de semana, uma média de quatrocentas pessoas, direta e indiretamente, além de contribuir com a distribuição mensal de cestas básicas às famílias cadastradas.

Fomos levados a conhecer a realidade de um bairro que estava em seu início, das pessoas que ali viviam, da forma em que iam se adaptando ao “novo lugar” em processo de construção. Para chegar ao bairro, havia muitas dificuldades, afinal, na

década de 80, o bairro Mariana ainda era um local distante, partindo do ponto de referência do centro comercial de Porto Velho. As ruas empoeiradas, sem asfalto e estreitas, ainda podem ser vistas atualmente, as casas eram cobertas com telhas de zinco, e grande parte delas com cobertura de palha ou lona. A ornamentação ficava por conta do quantitativo abundante de árvores, que no momento, não saberíamos descrever a espécie, e muitas, muitas palmeiras. Era uma paisagem esteticamente não muito atrativa, por percebemos rapidamente as necessidades básicas, oriundas de uma localidade que se iniciava.



Figura 5 – Construção do GEFA em alvenaria (1989). Foto Flávio Sgarbi

Não entendíamos ao certo a dimensão do significado daquela reunião, ao fundo do quintal de uma moradora, que cedera parte de seu espaço doméstico em benefício da comunidade. A perspectiva resumia-se em perceber a elaboração da sopa e a evangelização de crianças e adultos. No entanto, essas atividades são ricas de detalhes em nossa memória: Uma panela de aproximadamente 20 litros ao meio de pedras, cascalhos e fogo a lenha, sob um chapéu de palha, e a alegria de vários colaboradores em participar de todo o processo, desde a higienização das verduras, o corte, o cozimento, a distribuição e a limpeza. Essa era a melhor parte. Lavar as panelas, pratos e colheres, trazia grande divertimento, pois a fuligem advinda do fogo a lenha, era motivo para descontração, onde voltávamos para casa

sujos, cansados e sobretudo, felizes. E mesmo sem entendermos a real filosofia solidária, um tenuous vínculo, então, se estabeleceu.

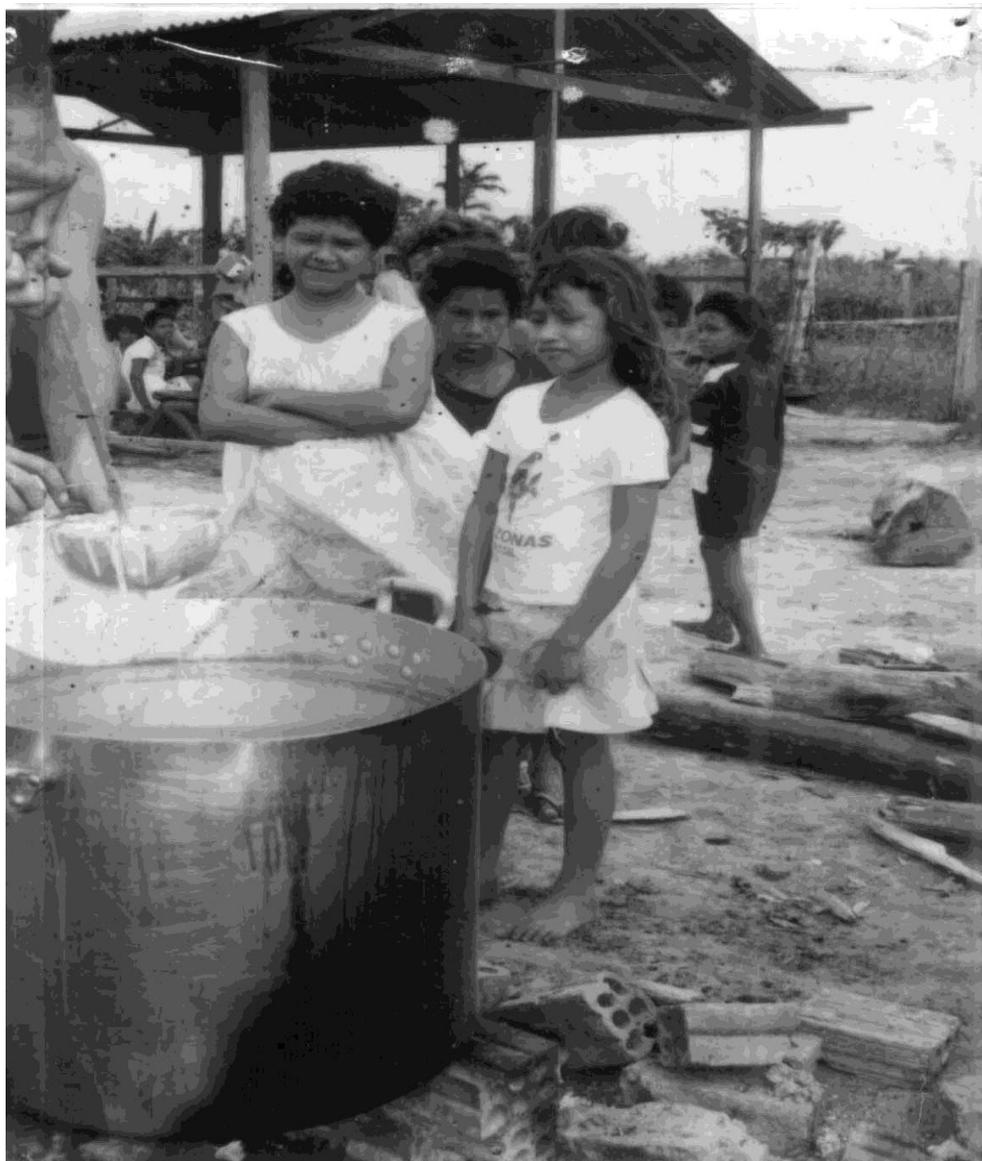


Figura 6 – Início dos trabalhos de distribuição de sopa (1988). Foto Flávio Sgarbi

A trajetória dos indivíduos como seres pensantes é consolidada através das relações sociais, do convívio com familiares e amigos, das influências externas, do amadurecimento, da curiosidade. Sem querermos ou percebermos, somos influenciados de alguma forma. E através de nossa história social, fazemos nossas escolhas para nossa vida pessoal, profissional ou acadêmica.

DESLANDES (1994, p. 34) nos diz que quando escrevemos um projeto de pesquisa, mapeamos de forma sistemática um conjunto de escolhas, um conjunto de recortes. E para que esses recortes sejam delineados, há necessidade de interligar

três dimensões: a dimensão técnica, onde é estipulado as regras científicas, referente à montagem dos instrumentos necessários à pesquisa; a dimensão ideológica, que está situada nas escolhas do pesquisador, onde o mesmo opera as escolhas, mesmo sem ter uma percepção clara disso; e a dimensão científica: onde o método científico permite que a realidade social seja reconstruída, reinterpretada, enquanto um foco de análise e de conhecimento, unindo o teórico e o empírico.

“A neutralidade da investigação científica é um mito”, nos diz a autora, esclarecendo que não se trata de uma visão maniqueísta, mas de uma “característica intrínseca ao conhecimento científico: ele é sempre histórico e socialmente condicionado (...) tendo como horizonte sua posição social e a mentalidade de um momento histórico concreto”. Dessa forma, o lugar e o tema da pesquisa foram sendo paulatinamente construídos, onde o problema da vida prática, “transformou-se” num problema intelectual, pois:

Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema de vida prática. Isto quer dizer que a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (FECHINE 2007, apud, MINAYO 1992)

A partir de 2006, o espaço outrora voltado apenas para atividades religiosas e filantrópicas, é também utilizado pela Prefeitura Municipal de Porto Velho, onde mantém a escola “8 de março”, que oferece o ensino fundamental (1ª a 4ª série), às crianças do bairro Mariana e de seu entorno. As atividades escolares e as atividades programadas pela casa espírita se intercalam, oferecendo à comunidade um espaço educativo, cristão e de apoio social.

1.4 Memória e Narrativa: Lembrança de velhas

Bosi (2004) cita o psicólogo francês Henri Bergson, onde o mesmo observou que a imagem presente se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos relacionados com ações e reações do corpo com o meio em que está inserido o indivíduo. O esquema motor *imagem-cérebro-ação*, ocorre quando as sensações cumprem o percurso de ida e volta. Ao contrário, quando a sensação é enviada ao

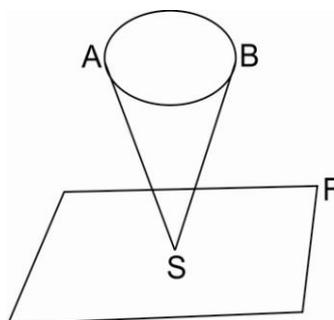
cérebro num trajeto apenas de ida, ou seja, quando a imagem “pára” no cérebro, quando não é devolvida através de estímulos externos, Bérghson denomina o esquema perceptivo de *imagem-cérebro-representação*.

Para Bérghson, a percepção e a inconsciência são derivadas de processos inibidores, ocorridos no sistema nervoso central. Os dois esquemas citados acima referentes a percepção e a ação dependem de um outro esquema: da relação que o corpo estabelece no momento atual diante de sua relação com o meio. Em relação ao entendimento da percepção, nos remete a compreender duas situações referentes a memória:

1ª ... a percepção aparece como um intervalo entre ações e reações do organismo; algo como um “vazio” que se povoa de imagens as quais, trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência.
2ª o sistema nervoso central perde toda função produtora das percepções (tal qual a teria em um esquema biológico determinista) para assumir apenas o papel de um *condutor*, no esquema da ação, ou de um *bloqueador*, no esquema da consciência (BOSI, 2004, p. 45)

No entanto, se a percepção só existe se a imagem do corpo estiver presente, Bérghson se ocupará em discutir o outro viés da questão. O oposto ao fenômeno da percepção denominará de lembrança. Nesse estágio, o autor discute sobre a passagem da percepção das coisas para o nível de consciência. E diz: “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”.

Para exemplificar de forma ilustrativa, Bérghson imaginou representar a diferença entre o espaço da memória e o espaço da percepção, através de um cone invertido:



Bérghson comenta a ilustração da seguinte forma:

Se eu represento por um cone *SAB* a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base *AB*, assentada no passado,

permanece imóvel, ao passo que o vértice *S*, que figura em todos os momentos o meu presente, avança sem cessar, também, toca o plano móvel *P* de minha representação atual do universo. Em *S* concentra-se a imagem do corpo: e, fazendo parte do plano *P*, essa imagem limita-se a receber e devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano. (BOSI 2004, p. 48)

Entende que os atos percepção e lembrança, se interpenetram e trocam substâncias, que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde”. Aparece como um intervalo entre as ações e reações. Bosi (2004:53) diz que a memória é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelas relações dos indivíduos.

Para Meihy (2005, p. 63) a memória mantém um vínculo fundamental com a História Oral e a diz que as “memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais”.

BOSI (2004), a respeito das minorias, destaca a importância de se discutir sobre a substância social da memória, dos idosos, pois acredita que:

...a memória dos velhos é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Em relação à memória dos velhos, Bérghson, esclarece que possuímos uma memória indiscutivelmente inalterável, onde as lembranças-imagens compõem a percepção, pois o corpo não só armazena lembranças, mas tem a autonomia de escolher essas lembranças e trazê-las para a liberdade. Para ele, o passado nos acompanha, pois é através das experiências, aprendizados e vivências que tomamos nossas decisões, é o passado que nos orienta, nos guia para o presente.

1.5 Experiências em Campo

As vivências e o caderno de campo são instrumentos de reflexão, são experiências de um diário íntimo, que tem como função, a possibilidade do diálogo em referência ao projeto inicial. É através dele que conseguimos perceber o vai e vem das idéias, a confirmação ou a refutação de hipóteses e a ansiedade diante das expectativas, diante de um “mundo” diferente, diante de novos saberes, pois é nesse

momento que conseguimos registrar as sutilezas, os pequenos gestos, enfim, os detalhes que muitas vezes passam despercebidos, e outras vezes, parecem ser desimportantes, mas que se analisados com cuidado, têm profundos significados.

O que significa algumas poucas, doces, suaves e lentas lágrimas rolares, quando falamos de um jardim? Quando falamos das flores que não estão sendo cuidadas, pois a falta de saúde traz o impedimento? O que falar então de lágrimas de súplica, de desespero quando se lembra que um ente querido não está mais entre nós? ou mesmo da outra extremidade: lágrimas eufóricas de felicidade, de saudade?

Apresentamos então, nosso relato de experiências em campo, nossas tentativas de exercitar a sensibilidade, percepções diante das colaboradoras, do lugar. Descreveremos as observações feitas antes e depois da entrevista “formal”, as conversas a beira do fogão ou colhendo frutas no quintal, onde tivemos a oportunidade de ouvir confidências, segredos e “jurar” que não contaríamos nada a ninguém. As palavras que saíam quase num sussurro, sobre algo muito triste ou sobre algo “vergonhoso” aos olhos dos outros, foram ditas por longas horas, necessitando que voltássemos muitas outras vezes, apenas para tomar um cafezinho, e continuar o “bate-papo”. Muitas “histórias” que foram contadas, não foram autorizadas para publicação. Expressões como: “não grava isso não, tá?” ou “o que eu vou falar agora... é só pra ti... só pra ti”, foram respeitadas.

Não tivemos sucesso nas primeiras tentativas na “busca” de mulheres idosas que trabalhassem na comunidade, e que pudessem ter interesse em participar da pesquisa. Duas senhoras foram abordadas, uma com 65 anos e a outra com 72, não tinham interesse em participar da pesquisa, por não se sentirem velhas. Frase como “velho é o mundo, minha filha”! foi ouvida, algumas vezes e obviamente respeitada, por se tratar de um trabalho ético, onde a produção da narrativa, a produção textual é realizada através da participação de dois lados: do oralista e do colaborador.

Fizemos o convite para cinco senhoras e apenas três se dispuseram a participar. A aproximação com as colaboradoras não foi tarefa difícil, pois o GEFA é um ambiente comum entre a “pesquisadora” e as “pesquisadas”, pois também desenvolvemos ali, trabalho voluntário.

Encontraremos nos textos das três entrevistadas, a expressão “tios” e “tias”, forma carinhosa utilizada pelas pessoas que fazem parte da comunidade, referindo-se aos trabalhadores voluntários da casa espírita.

Obedecendo as etapas rigorosas de um projeto embalado metodologicamente pela História Oral, a primeira etapa, foi a pré-entrevista. Após a explicação do projeto e dos objetivos que nos levaram ali, a primeira colaboradora a aceitar participar do trabalho, foi D. Maria Ferreira da Silva, conhecida como D. Maria do GEFA, que preferiu que as entrevistas fossem realizadas em sua residência.

As entrevistas ocorreram na varanda de sua casa, ela acomodada na rede, e nós, na cadeira. Esse foi o local que fizemos a entrevista, durante toda a pesquisa. Ao total, tivemos cinco encontros. Alguns encontros foram remarcados, diante de situações como indisposição ou compromissos surgidos de última hora no GEFA.

Sua casa é localizada ao lado da Instituição, e é considerada como a “dona das chaves” como ela mesmo diz. É responsável em receber alimentos, organizar a utilização das salas, mantendo contato com o presidente da Instituição, levando os problemas, as necessidades e quaisquer notícias de interesse da casa espírita, enfim, supervisionando e liderando todas as atividades, trabalho esse, que realiza há mais de duas décadas. Sua casa é rodeada de plantas medicinais e flores. Fomos recebidos sob o olhar preocupado de uma anfitriã que transbordava cuidados no intuito de agradar. Tivemos a oportunidade de apreciar um suco maravilhoso de uma fruta que até então, não conhecíamos. A primeira gravação fora realizada, no mês de setembro do ano de 2008, embalada por bolachas e suco de iticum. Depois da primeira entrevista, tivemos mais quatro encontros. Era impossível nos mantermos passivos diante de uma gigante riqueza de encontros e desencontros, alegrias e tristezas, lembranças e esquecimentos.

Além do aprendizado acadêmico, a História Oral nos oportuniza exercitar a igualdade, nos mantendo na mesma posição diante do outro: a posição de ser humano que escuta, que aprende e que, sobretudo, interage com o outro.

No primeiro encontro, D. Maria questionou sobre o porquê de escolhermos uma ‘velha’ pra falar. Quando esclarecemos, dentre outros objetivos, que se tratava de História Oral de Vida, logo, veio uma resposta contundente: “mas... minha vida não teve nada de importante!”.

A presença do gravador, necessário para “colher” as entrevistas, também foi algo que de início, “engessou”, “desnaturalizou” a conversa, mas, que pouco a pouco foi esquecido. Depois do primeiro encontro, a entrevista passou a ser vista como forma, talvez, de “reconhecimento”, digna inclusive, de colocar roupa nova para nos receber.

No momento da conferência, D. Maria concordava com o texto que ia sendo lido, e de vez em quando dizia: “foi isso mesmo”, ou “é verdade”. Quando o texto se referia a algum filho seu que já havia falecido, suspirava, colocava a mão no peito e dizia: “parece que to vendo benzinho ele”. Nesse processo de leitura, correções e explicações o texto foi analisado detalhadamente. Pedia pra que repetíssemos o que não tinha entendido e quando esclarecido, balançava a cabeça em sentido positivo, sinalizando a autorização para prosseguirmos com a leitura. Fomos interrompidas por sua filha, e de dentro de sua rede na varanda, a convidou para ouvir a sua história: “vem... vem aqui ouvir a minha história!”. No decorrer da leitura, percebíamos seu pensamento distante, olhos fixos em um só lugar, como se o tempo estivesse congelado em suas lembranças, perguntávamos se estava tudo bem, e D. Maria se desculpava, dizendo que não estava prestando atenção, pois seu pensamento estava longe, estava na lembrança dos filhos que morreram e dos vizinhos no seringal. Voltávamos à página anterior para que ela “achasse” de novo a concentração e conferisse minuciosamente o texto.

A conferência e a assinatura na carta de autorização da entrevista, foi um momento de muito orgulho e satisfação para Dona Maria. Era a primeira vez que assinava um documento, utilizando o código escrito. Desabafou que se sentia muito envergonhada em ter que “assinar com o dedo polegar”, pois às vezes as filas eram longas demais e as pessoas que ficavam atrás, “ficavam olhando”. A seu pedido, esse foi um momento registrado pela câmera fotográfica.

Dona Maria das Dores é conhecida pela comunidade, como Maria das Flores, a preferência pelo apelido se deu, diante de uma brincadeira de um amigo, dizendo que a mesma já havia sofrido muito, portanto, deveria ser chamada de Maria das Flores. A idéia foi acatada com felicidade e é dessa forma que a mesma se apresenta. Respeitando a sua escolha, nos referiremos à Maria das Dores, da forma como ela gosta de ser chamada.

Mora sozinha, num cômodo de madeira num terreno cedido por uma amiga. É apaixonada por jardim, plantas, árvores frutíferas e flores. Seu quintal é repleto de plantas, do qual, religiosamente, cuida todos os dias. Mesa, cadeiras, armário de cozinha e colchão são alguns móveis que recebeu de doação de amigos, voluntários do GEFA e da filha.

Nascida no rio Tapajós, em Belém, Maria das Flores teve sua vida marcada pela violência. Fugiu da casa do pai aos doze anos de idade e traz consigo as marcas no corpo dos maus tratos que recebeu da madrasta. Ao falar da violência sofrida, levantava a saia na tentativa de mostrar e comprovar o que estava falando. Surras com chibata, e queimaduras de ferro de passar roupa, movido a carvão, são lembranças que a fazem se emocionar.

Sofreu Acidente Vascular Cerebral (AVC) duas vezes, em decorrência da pressão alta e por esse motivo, depende de medicação diária e acompanhamento médico mensal. Mesmo com o histórico de luta, Maria das Flores, se mostra otimista e “de bem com a vida”. Vive de doações, de pequenas costuras e da venda de artesanatos, como tapetes (feitos de retalhos), pinturas (em vidros e potes de sorvete descartáveis), crochês, enfeites para cozinha, consertos de roupas, lavagem de roupas para fora e algumas faxinas esporádicas. Seu trabalho artesão é realizado com materiais reciclados ou doados. Cobra pelas peças uma média de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) a R\$ 4,00 (quatro reais). Mas, também já trabalhou como empregada doméstica e cuidando de pomares e hortas em chácaras. Mostra com orgulho, sua foto estampada no jornal, como destaque em curso de pintura promovido pela Fundação Iaripuna em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Velho.

A cada entrevista, D. Maria das Flores, nos esperava ao portão e algumas vezes fomos recebidas com quase uma “bronca”: “achei que você não vinha mais... demorou muito pra aparecer!”. Agendamos com ela uma vez por semana, pois não queríamos cansá-la ou impedi-la de algum outro compromisso. Dizia que nós e uma amiga éramos os únicos que freqüentavam sua casa, e por esse motivo seu coração se enchia de alegria com a nossa “visita”. Entretanto, por várias vezes, não a encontramos em casa, esquecia do encontro e saía andando pelas ruas do bairro na tentativa de vender seus produtos. No encontro seguinte pedia muitas desculpas, e

se justificava dizendo que não tinha nada na geladeira e que “tinha que se virar” de alguma forma.

A entrevista de D. Zuma, foi realizada em quatro encontros. Seu discurso também foi marcado por violência. Com todas as dificuldades enfrentadas pelas três, D. Zuma tem a saúde mais frágil. Foi aposentada por invalidez em decorrência de um AVC e osteoporose, e recebe um salário mínimo por mês.

D. Zuma, aparentemente, é a que tem menor vigor físico. Apesar de trabalhar em casa e no GEFA, a idade, em sua opinião, é um fator decisivo nas suas limitações físicas. Chegávamos ao portão e éramos recebidas com um largo sorriso. Logo perguntávamos se estava bem e vinha ao nosso encontro balançando as duas mãos em sinal de “mais ou menos” e sempre repetia a mesma frase: “minha filha, to mais ou menos, velho não fica bom, não! Só melhora...”

Mora em frente à casa espírita, e optou em realizar as entrevistas no quintal, por ser um local ventilado. Vive na mesma casa com o filho, apesar de ter alguns filhos e netos residindo no mesmo bairro em que mora. Durante o dia, desfruta da companhia de uma filha que reside próximo a sua casa. Além de atividades domésticas, já trabalhou costurando em casa.

As três colaboradoras não tiveram a oportunidade de estudar na juventude e o interesse surgiu, com a abertura de uma turma de alfabetização oferecida pelo GEFA. A atividade era a título de voluntariado, e o professor, segundo elas, desistiu do trabalho. As três aprenderam a escrever apenas o nome, mas são unânimes em dizer que gostariam de retomar os estudos, “pra clarear a vista, a vida”.

As colaboradoras também concordam, explicitamente, ao dizer que a velhice traz consigo dependência, solidão e discriminação. Quando se referem a condição da mulher, revelam, implicitamente, a relação de poder que existiu em suas vidas.

No momento da conferência, as três reagiram de forma animada, balançavam a cabeça de modo a confirmar o que estava sendo lido. No entanto, D. Zuma foi a que mais se emocionou, ria muito, gargalhava, chorava, às vezes colocava as mãos no rosto com vergonha, esperava inquieta a seqüência da história e quando não concordava, dizia logo: “não foi bem assim, não...vamos mudar!”.

Tinha o cuidado de explicar novamente algumas situações e interrompia a todo o momento a leitura para acrescentar algo que havia esquecido e que achava importante. Resolvemos conferir o texto em dois encontros, pois D. Zuma estava

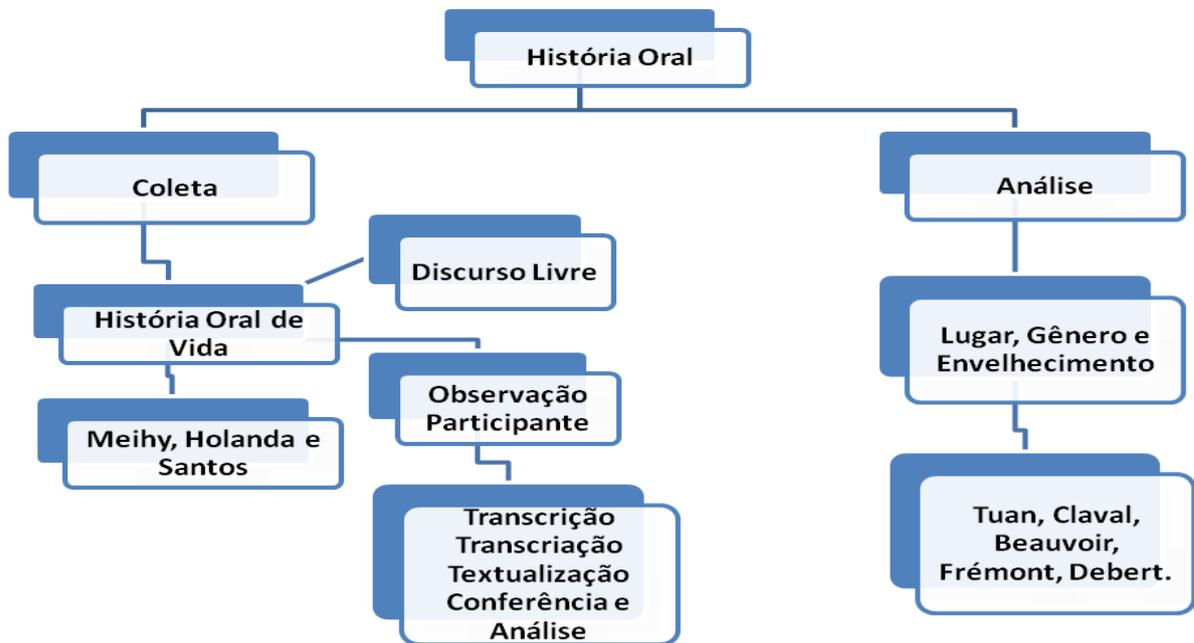
com torcicolo, devido a uma noite dormida de “mal jeito”. Quando perguntamos se podíamos continuar no dia seguinte, ela logo respondeu: “... nem vi o tempo passar... não é que minha história é boa de ouvir!” O novo encontro ficou então, marcado para o dia seguinte, para conclusão dos trabalhos.

Percebemos que no momento da assinatura na carta de cessão para a autorização da publicação das entrevistas, as três sentiram-se constrangidas em assinar, desculpavam-se dizendo que a letra era feia, que escreviam devagar. D. Maria escreveu o nome aparentemente sem dificuldades, mas não sabe ler. D. Maria das Flores e D. Zuma conhecem as letras, e tiveram dificuldades em escrever o próprio nome. No momento da assinatura, perguntavam qual seria a próxima letra, e soletrávamos na tentativa de ajudá-las. A dificuldade em enxergar também foi um fator que dificultou a tentativa da escrita.

Essas foram as impressões que tivemos dos textos das três colaboradoras, que apesar da preocupação e do esforço que nós, pesquisadores, temos em apresentar as narrativas da forma mais real possível, sabemos que muitos desejos, muitas intenções das colaboradoras, não conseguimos explicitar. No entanto, partimos do pressuposto de que o que foi dito, o que nos foi confiado é a versão verdadeira da história, mesmo com as incompletudes, esquecimentos e omissões presentes nas narrativas.

Os textos foram transcritos na íntegra, do oral para o código escrito e foram textualizados de acordo com os vícios de linguagem. Termos como aí... pois é... ó... né..., dentre outros, foram mantidos para preservar a caracterização da linguagem de cada colaboradora. Os sinais de pontuação representam a tentativa de transcrever, além das palavras e dos diálogos, as pausas, os sons, os sentimentos, as emoções, enfim, a linguagem corporal e aspectos do ambiente em que foram gravadas as entrevistas.

1.6 Organograma dos Procedimentos Metodológicos



CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO

o tempo passou na janela,
só Carolina não viu
(Chico Buarque, 1968)



Figura 7 – Residência localizada próximo ao GEFA. Foto Elaine Fechine, maio de 2009.

2.1 Espaço, Cotidiano e Lugar

A geografia humanista tem o propósito de alcançar a compreensão do homem, da sua condição e do meio em que vive. Tenta explicar e entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Frequentemente o conceito de espaço se funde com o conceito de lugar. O geógrafo Milton Santos, em sua vida acadêmica, enfrentou o desafio em desmistificar, e teorizar o real objeto da geografia. Diante das várias acepções que tem o espaço, utilizaremos seu conceito, pois nos dá uma visão expandida, ampla, esclarecendo antes de tudo, que o espaço também é social. Em sua obra *espaço e método* (1992) diz que:

O espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual.

Santos (2006) reforça seu pensamento em relação a essa conceituação do espaço em sua obra *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (2006), com a afirmação de que: “o espaço é um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações. Considerando ainda, (2006, p. 61-62):

... o espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor...

Esclarece que a natureza do espaço é formada de um lado pelo resultado do material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. O entendimento é ampliado quando classifica o espaço como fator da evolução social, onde o objeto geográfico está sempre mudando seus significados. O enfoque desse espaço geográfico na visão do autor evidencia o processo de relação com os homens permitindo o trânsito do passado ao futuro,

mediante considerações visualizadas no presente. Daí se explica a inseparabilidade dos objetos e das ações.

Dessa forma, o espaço é considerado como instância da sociedade, seja cultural ou ideológica, através da complementaridade dos sistemas de objetos e sistemas de ações, ou seja, do espaço e da ação humana. Milton Santos dá significado ao fato dizendo, que esse espaço moldável, contém e é contido. Com a expansão crescente da modernidade o “espaço se tornou mais capitalístico” (1992:42), pois os objetos que o compõem estão cada vez mais artificiais, as próteses são construídas de forma cada vez mais fluidas e efêmeras.

Portanto, entendemos que o espaço sendo constituído por ações e resultados dessas ações (fixos e fluxos), tem-se como resultado a definição dos lugares, de forma contínua. Necessário se faz explicar que as ações e intervenções humanas são caracterizadas pela ação consciente e lógica, pois se dessa forma não fosse, os animais seriam também considerados autores das transformações ocorridas no espaço. A consciência é requisito fundamental para definir o trabalho e intervenções de homens e mulheres no espaço, transformando-o numa herança da cultura social.

A palavra cultura para Claval (2007) é percebida como herança e invenção, pois a cultura é o “conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão de uma geração a outra, entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Diz ainda, que não se trata apenas de uma herança, pois acopla elementos novos, dependendo de crenças, convicções e comportamentos que vão sendo adquiridos através das relações sociais.

Sendo assim, podemos dizer então, que a cultura humaniza a espécie humana. Claval (2007) considera que cada um faz da cultura uma experiência ligada aos episódios de sua existência: “os horizontes de vida, os meios freqüentados, os contatos possíveis mudam com a idade”. O sentimento da morte, por exemplo, aumenta o interesse pelo espaço destinado a religião, a reflexão, à metafísica. Afirma ainda que para os velhos a cultura não tem mais o mesmo sentido “porque não se participa mais de uma vida ativa a não ser através das lembranças ou por procuração”.

Para Tuan (1983), as idéias de espaço e lugar não podem ser vistas uma sem a outra, pois a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude e da ameaça do espaço e vice versa. Considera o espaço mais abstrato

que lugar, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor.”

É no lugar que estão as representações do cotidiano, mais próximo à existência do homem, onde o cotidiano se estabelece, onde a sociedade cria a sua história. Contrapõe-se ao global, mas é influenciada e influencia o global na medida em que a dinâmica externa força um maior dinamismo interno.

Por ser abrangente, o espaço tem como marca e símbolo a liberdade, pois permanece aberto. O espaço fechado e humanizado é lugar. Os seres humanos “necessitam de espaço e de lugar”, precisam do macro e do micro, pois um não vive sem o outro.

A memória oral, a história de vida traz à tona a compreensão que o indivíduo tem do lugar e de suas ações no lugar, como compreende o mundo em que vive, como o transforma, como contribui para essa transformação. Neste caso específico, como mulheres idosas se vêem dentro deste espaço, como oferecem o trabalho, quais os discursos sobre o lugar em que vivem.

Segundo José de Souza Martins (2000), o interesse pela vida cotidiana tem resultado do refluxo das esperanças da humanidade num mundo novo, num mundo de liberdade, de igualdade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano, deixando de lado a idéia de que o senso comum seja banal, destituído de verdade, desqualificado por si só, de acordo como prega o positivismo.

Armand Frémont em sua obra *A região, espaço vivido* (1980), nos diz que a partir da segunda metade do século XIX, o desenvolvimento das ciências naturais, “particularmente da geologia, da climatologia, da botânica e agora da ecologia, tem permitido ao geógrafo afinar o estudo da repartição dos grandes fenômenos naturais e das relações complexas destes com os homens na terra”. Para ele, as relações dos homens com os lugares é que parece ser o objeto fundamental da geografia, pois a geografia é uma ciência que tem recebido contribuições da história, das ciências naturais, da economia, da sociologia, e que através da contribuição dessas ciências, houve um grande enriquecimento ao conhecimento do espaço humanizado.

O homem não é um ‘objeto’ neutro no espaço, pois o homem apreende o espaço que o rodeia e o que dele faz parte, emite opiniões, insatisfações,

afetividades sobre os lugares, é retido ou é atraído, sendo o espaço um reflexo. Frémont (1980, p. 17) diz:

O espaço vivido, em toda a sua espessura e complexidade, aparece assim como o revelador das realidades regionais; ... a região, se existe é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam.

É importante ressaltar a abordagem geográfica desenvolvida por Frémont (1980) interligando os aspectos sociais e culturais, aos estudos e análises dos espaços vividos, oriundos de relações simbólicas, espirituais e sentimentais entre os homens, as mulheres e os lugares.

Para o autor, as relações do homem com o espaço “não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos”, essa relação é combinada através de uma experiência vivida, de acordo com as idades da vida, que se constrói, se processa, se estrutura e se desfaz. O espaço vivido é uma experiência contínua, e isso perpassa desde o nascimento até a morte.

O espaço vivido deve integrar a dimensão do tempo histórico e do tempo pessoal, é egocêntrico, estando centrado especificamente no corpo, no entanto, mesmo tendo característica egocêntrica, também é social, pois o espaço também é composto por outras pessoas, como membros da família, da escola, igreja, etc.

Faz ainda, uma abordagem do espaço vivido na perspectiva das idades, descrevendo que a psicologia do espaço mostra, na complexidade das representações, toda a força dos valores que ligam o homem jovem ao homem adulto. No entanto, o espaço adulto não é apenas um alargamento de experiências do espaço infantil, pois é caracterizado também por rupturas, desligamentos, onde podemos citar os casamentos, ou as migrações definitivas. Da idade adulta para o envelhecimento, citaremos três grandes rupturas, caracterizadas também como simultâneas ou sucessivas.

Primeiro teremos a aposentadoria, em seguida vem a diminuição das aptidões físicas e por último a sociabilidade e das qualidades de adaptação, essas rupturas “afetam obrigatoriamente o espaço vivido”. Mesmo com o avanço da geriatria e da gerontologia, preocupadas em oferecer uma vida digna e sociável, “as degradações levam a melhor... a morte do cônjuge conduz à solidão. O espaço dessocializa-se” (FRÉMONT, 1980).

Portanto, consideramos o conceito de lugar neste trabalho como as dimensões que perpassam pelo vivido, pela experiência, sendo o espaço o palco das relações sociais, econômicas, culturais, religiosas e a interação e manifestação dos indivíduos frente a cotidianidade.

2.2 Breve Histórico sobre a Condição Feminina

Abordaremos a temática com um breve contexto histórico, da evolução da condição feminina, perpassando desde a pré-história aos movimentos feministas⁸, que foram molas propulsoras na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Demonstrar que houve mudanças significativas no decorrer dos séculos é fundamental, para que possamos compreender e valorizar a importância do movimento feminista e das mulheres que acreditavam num mundo fraterno e possível, através das mudanças significativas no decorrer dos séculos.

Acreditamos que essa pesquisa, a terceira sobre gênero, e a primeira sobre envelhecimento, apresentada no Programa de Pós Graduação - Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia seja mais uma reflexão, sobre esse tema emergente na geografia, e que, sobretudo, contribua na expansão dos debates e interesses em pesquisas abordando essa temática.

O contexto histórico da mulher é marcado por caminhos de exclusões e exploração, no entanto, em contra partida, podemos dizer que também se trata de uma trajetória de lutas e resistências na busca pela igualdade e cidadania.

Para Sandenberg e Costa, (1994, p. 81) a condição da mulher se manifestou de um modo milenar e universal, sendo configurada como a primeira demonstração de opressão e discriminação na história da humanidade.

Segundo Alambert (2004), a pré-história, foi marcada pela hostilidade do ambiente, o que forçava homens e mulheres a praticar a solidariedade para manter a sobrevivência devido as intempéries e aos perigos causados por animais ferozes. Devido a inexistência da propriedade e da família, não havia superioridade cultural.

⁸ Movimentos feministas referem-se aos movimentos que lutam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Segundo Yannoulas (2000) o feminismo foi alvo de comentários e conotações pejorativas, por se entender que se tratava do oposto de machismo. No entanto, o contrário de machismo é o femeanismo, que seria a defesa da superioridade feminina sobre a masculina.

Leal, (2004, p. 17) cita em sua obra *A maldição da mulher*, que no século XIX, um suíço chamado Johann Jakob Bachofen, defendeu a tese da existência e antecedência do matriarcado na história das sociedades humanas. Sua defesa era centrada na importância dada a maternidade. Dizia que a mãe era sempre identificável, era fonte da consangüinidade, estava ligada a divindade, estabelecendo-se então, nesse período, a ginecocracia ou o período matriarcal.

Com a substituição da enxada primitiva pelo arado, abriu-se o caminho para início do patriarcado, o trabalho do homem tornou-se mais valorizado, seu vigor e sua força, contribuía para a visibilidade de sua importância nas comunidades. Com o declínio da sociedade primitiva, surge o desenvolvimento das técnicas, o uso dos metais, a acumulação, e o surgimento do comércio. Inicia-se, então “... a era dos homens iguais contra as mulheres desiguais”. (ALAMBERT 2004, p. 29).

Ainda segundo a autora, a Idade Média foi marcada pelo discurso da condição subalterna da mulher, da escravidão e da crueldade. Em 1494, James Sprenger e Heinrich Kramer, dois monges dominicanos, publicaram um manual inquisidor denominado *Malleus Maleficarum – O Martelo das Feiticeiras*, voltado para “a caça às bruxas e bruxos”.

Mesmo sendo direcionado para os bruxos arqueiros e para as feiticeiras, o alvo principal era a mulher. As torturas utilizadas para se obter confissões na época eram procedimentos tarados e sexualmente perversos. Estima-se que foram milhares e milhares de execuções – usualmente eram queimadas vivas na fogueira, na Alemanha, Itália e em outros países. A partir de meados do séc. XVI, o terror se generalizou de forma brutal, começando pela França e Inglaterra. Estudiosos apontam número mínimo de 100 mil execuções, chegando, portanto, a casa dos milhões. As mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e bruxas executados na época.

Diante da violência e barbárie, ocorrida durante os séculos, não há como deixar cair no esquecimento o movimento feminista que se constituiu no “melhor instrumento de luta que a mulher pôde criar para servir-lhe de bússola e arma de combate...” (ALAMBERT 2004, p. 26).

Para Alves e Pitanguy (2003), o século XVII, que antecedeu as revoluções, foi impregnado de idéias de insubordinação e por mudanças na organização da América. Esse período também foi marcado pela aceleração do ritmo de atividades

manufatureiras, pelas novas organizações de trabalho, expandindo, então, o comércio. E ainda, pelo respeito crescente à razão e a ciência enquanto mecanismos de conhecimento.

Com a intensa participação da massa na esfera pública, o século seguinte foi marcado pelas revoluções. Na década de 1780, na França, o movimento feminista adquire características de ação ideológica e política, sistematizadas e organizadas. A escritora Olympe de Gouges lutou pelos ideais burgueses da Revolução Francesa, que tinham como bandeira de luta o ideário: *liberdade, igualdade e fraternidade*. Ao perceber que as reivindicações feitas na época não incluíam preocupações em relação aos direitos femininos, publicou em 1791 um texto intitulado: *Os direitos da mulher e da cidadã*, onde afirma:

“Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? (...) Ele quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. (...) Esta revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência do seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade”. (...) (ALVES E PITANGUY, 2003, p. 33-34)

O discurso de Olympe de Gouges onde propunha a inserção da mulher na vida pública, civil e política, exercendo seus direitos e deveres de forma livre, igual e fraterna com os homens, causou-lhe um preço alto: sua própria vida. Foi guilhotinada em 03 de novembro de 1793, acusada de ter “querido ser um homem de Estado e ter esquecido as virtudes próprias a seu sexo.” (ALVES E PITANGUY 2003, P. 34)

O mesmo ideal de Olympe de Gouges foi repetido por todo o século XIX pelas feministas, na luta pelo sufrágio e pela igualdade de direitos e deveres, se expandindo pela Europa e pelos Estados Unidos.

No Brasil, o período da virada do século XIX para o século XX até 1932, foi considerado como a gênese do movimento. Essa primeira fase também teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, na busca da participação eleitoral, como candidatas e eleitoras.

Pinto (2003 p. 14-15) considera o movimento feminista no Brasil dividido em três vertentes: a primeira fase é compreendida como o período bem comportado do feminismo brasileiro, pois agiam no limite da pressão do sistema patriarcal. Era

liderado por Bertha Lutz⁹, sendo considerado um movimento forte e organizado, tinha como tema central a incorporação da mulher como sujeito detentor de direitos políticos. As integrantes do movimento consideravam que a igualdade entre homens e mulheres era um complemento para o bom andamento da sociedade, lutavam, sobretudo, pela cidadania. Não visualizavam a exclusão da mulher como decorrência da dominação masculina.

A segunda fase foi considerada a fase menos comportada, era composta por mulheres públicas e intelectuais, como escritoras, jornalistas e professoras. Defendiam a educação da mulher e discutiam sobre o poder, e o interesse dos homens em deixar as mulheres fora do espaço público, além de abordarem temas polêmicos e “proibidos” como o divórcio e a sexualidade.

A terceira e última vertente classificada pela autora, foi manifestada através do movimento anarquista e mais adiante, pelo movimento Comunista. Participavam intelectuais e trabalhadoras, militantes de esquerda, defendendo a liberdade feminina de forma radical. Tinham como tema central de luta, a exploração do trabalho.

Na concepção de Pinto (2003), o movimento feminista no Brasil foi uma organização promissora, que possibilitou importantes avanços na evolução e execução de conquistas cidadãs. A Constituição de 1988 consagrou conquistas fundamentais no que tange aos direitos femininos. Na mesma década, discussões sobre temas considerados polêmicos, também emergiram: violência contra a mulher, aborto e sexualidade.

Diante da invisibilidade social e política vivenciada pelas mulheres no decorrer dos séculos, diante da exclusão, repressão e banimento, diante da violência e da morte de inocentes, podemos identificar que o processo de luta por direitos e deveres foi apenas o primeiro passo para outros avanços, na busca pela real e efetiva liberdade e igualdade de oportunidade para homens e mulheres.

Abordar a temática sobre a imersão do feminismo na história, não significa que pretendemos demonstrar apenas a luta de poderes e por poderes entre homens e mulheres, numa visão radical e sectarista, mas tentar mostrar que através desse movimento, que foi o grande marco da luta pela igualdade, passou-se a perceber

⁹ Bertha Maria Júlia Lutz era bióloga de profissão. Estudou ciências naturais em Paris, na Sorbonne. Depois de tomar contato com os movimentos feministas da Europa e Estados Unidos, criou bases do feminismo no Brasil. Foi a fundadora da Federação Brasileira para o Progresso Feminino em 1922 e fundou no Rio de Janeiro a Federação para o Progresso Feminino, iniciando a luta pelo direito do voto para as mulheres brasileiras.

que havia uma imensa necessidade de refutar as idéias no âmbito biológico que já não davam mais conta de explicar o motivo de tanta desigualdade entre homens e mulheres.

2.3 Gênero e Envelhecimento

Conforme citamos no tópico anterior, os estudos realizados sobre as diferenças dos papéis sexuais entre homens e mulheres, mostrou que a biologia já não podia sustentar explicações referente às relações sociais e o comportamento humano, sendo criado então, o conceito de gênero, com o objetivo de distinguir o sexo biológico do sexo social.

O termo “gênero” foi introduzido pelo psicanalista americano Robert Stoller, na década de 60, ao tratar da identidade de gênero, com o objetivo de definir e distinguir aspectos da natureza e da cultura. (PISCITELLI, 2008, P. 23)

Foi através de feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser utilizado como distinto de *sex*, na tentativa de rejeitar o determinismo biológico, transformando o conceito em uma ferramenta política. O conceito passa então, a ser usado como um grito de ‘alforria’ na busca de ouvidos que pudessem ouvir o apelo para um debate no âmbito relacional, já que as diferenças dos gêneros são moldadas, interpretadas e construídas através das relações sociais.

Este conceito foi construído, a partir do pressuposto de que a espécie humana é composta por machos e fêmeas, no entanto, a maneira de ser homem ou mulher foi um processo construído pela cultura. Considera-se também que as relações de gênero não se apresentam sempre da mesma forma, dependendo dos costumes, das religiões, dos povos, incluindo ainda, etnia, idade ou classe social. É importante ressaltar que o conceito de gênero abrange as relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, pois todas essas relações podem expressar desigualdades. (SAFIOTTI, 1987)

A célebre frase de Simone de Beauvoir (1983), “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, reafirma a hipótese limitada da esfera biológica, reafirmando que as construções sociais e culturais foram e são responsáveis pela disseminação da desigualdade entre os sexos.

Mesmo reconhecendo que o conceito de gênero abrange as relações entre os seres humanos, independente de etnia, credo, sexo ou geração, abordaremos nesta

pesquisa, o cotidiano de mulheres velhas. Mulheres que viveram momentos da história onde a supremacia e o poder masculino eram evidentes, nos oferecerão suas experiências e vivências quanto a esse aspecto, e sobretudo, quanto a sua colaboração, sua contribuição no lugar em que vivem, hoje, após décadas de luta e enfrentamento ao que outrora parecia natural.

Interessante se faz descrever a relevância de se estudar gênero na geografia. Segundo Silva (2003, p. 33), as perspectivas femininas na contribuição do lugar em que vivem, na produção do espaço, devem exigir um olhar esmerado ao “cotidiano, ao micro social, e aos grupos sociais marginalizados”. Ressalta a grande importância da geografia cultural em abrir espaços e oportunidades de novas abordagens, de novos temas emergentes.

Para Louro (1997), o desafio e a pretensão é entender o gênero como “uma constituinte da identidade dos sujeitos”. Para a autora, o conceito de identidade, também permeia pela complexidade, mas através dos estudos feministas, é possível compreendermos os sujeitos através de identidades multifacetadas, plurais:

Identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. – constitui o sujeito e pode levá-lo a perceber como se fosse empurrado em diferentes direções. Ao afirmar que gênero institui a identidade do sujeito como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo, pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o.

O fato das mulheres terem sido excluídas da vida social e política, reforça a necessidade de se fazer visível o seu trabalho, a sua presença no mundo, como ser pensante, político e social. Se a mulher jovem enfrentou e enfrenta dificuldades para “provar” sua intelectualidade e sua capacidade para se viver em harmonia e justiça, o que dizer então, das mulheres velhas? Como o seu trabalho é reconhecido, como a sua presença no mundo é notada? Abordaremos a seguir, breves considerações sobre o envelhecimento.

O envelhecimento causa medo, por trazer a certeza da finitude, do limite, pois é a fase mais próxima da morte. O peso da palavra “envelhecer”, para muitos, causa pavor, pois é uma experiência ainda não vivenciada: o corpo não consegue mais

acompanhar os desejos da mente. O que antes era fácil, simples e corriqueiro, com a decrepitude do corpo, torna-se lentamente difícil e complicado.

A velhice acolhe alguns “mistérios”, frente a uma definição exata de sua essência, de seu conceito. O que podemos identificar claramente é o processo natural que os seres vivos enfrentam ao nascer: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. Este é o ciclo. “morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa”. (BEAUVOIR, 1990).

O tempo é um fenômeno natural que determina o caminho e o destino de homens e mulheres. De forma fluida, se escoia, se esvai, desaparece, contribuindo com o amadurecimento dos indivíduos. (NERI, 1991).

O gerontologista americano Lasing citado por Beauvoir (1990, p. 17) propõe uma definição ampla do conceito de envelhecimento:

Um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado a passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando, invariavelmente na morte.

Beauvoir (1990, p. 20) afirma que a velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade, em sua forma globalizante, analisando uma multiplicidade de fatores, pois ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural, pois no plano biológico, a “noção de declínio tem um sentido claro”, pois o organismo declina quando suas chances de subsistir se reduzem.

Mesmo com a imprecisão referente à sua causa, o que mais se discute em relação ao envelhecimento são as teorias biológicas que a explicam.

Durante muito tempo a velhice foi caracterizada como doença, e diante disso, diversas teorias foram desenvolvidas no intuito de esclarecer sua possível causa. Geriatras e gerontólogos concordam ao afirmar que o envelhecimento de cada pessoa é uma experiência individualizada e heterogênea. Não temos a intenção de abordar neste trabalho, as teorias que permeiam a explicação biológica do porquê envelhecemos, mas, tentamos entender a trajetória, a experiência de pessoas que já estão vivenciando esta fase da vida, abordando aspectos sociais, culturais e geográficos.

Na obra *A velhice* de Simone de Beauvoir (1990), considerado o mais importante ensaio contemporâneo sobre a condição de vida dos idosos, destaca-se o processo da senilidade, onde a aparência física, é um “cartão de visita”, é o

primeiro impacto para que os velhos sejam vistos como sinônimo de fragilidade, improdutividade e dependência.

A autora descreve as modificações do corpo, destacando os cabelos e pêlos embranquecidos (no queixo das mulheres velhas, por exemplo, os pelos começam a proliferar). Devido a grande desidratação natural e perda da elasticidade, inevitavelmente, a pele começa a enrugar. Os dentes caem e em decorrência disso, a parte inferior do rosto encolhe de tal maneira que o nariz é alongado verticalmente e os lóbulos das orelhas aumentam. Enquanto os “papos” sobre os olhos incham, as pálpebras superiores engrossam. O lábio superior minguia. No processo de modificação do esqueleto, os discos da coluna vertebral entram em processo de “empilhamento” e o que era ereto, passa a se tornar envergado. Entre a idade de 45 e 85 anos, o busto nos homens diminui uma média de dez centímetros e nas mulheres quinze. A circulação sanguínea cerebral torna-se mais lenta, os órgãos dos sentidos são atingidos, a força muscular diminui, os nervos motores e os reflexos trabalham com menor velocidade, dentre tantas outras mudanças, o corpo como uma orquestra rítmica, definha vagarosamente.

Entretanto, mesmo com a decrepitude do corpo descrita acima, havia aqueles que enalteciam a velhice, como Homero, que associava à sabedoria e Sólon dizia: “Ao avançar em anos, nunca deixo de aprender”. Mas é no diálogo de Sócrates e Platão que encontramos o verdadeiro interesse pelos problemas dos idosos, Sócrates dizia: “Para indivíduos prudentes e preparados, a velhice não constitui peso algum”, e Platão confirmava: “A velhice faz surgir em nós um imenso sentimento de paz e libertação”.

O filósofo Hipócrates na Grécia Antiga, por exemplo, foi o primeiro a comparar às quatro estações da natureza à vida humana, e fez analogia da velhice com a estação gelada: o inverno. No século XIII, Roger Bacon, considerava a velhice uma doença e até o fim do século XV, todas as obras sobre velhice eram tratados de higiene. E ainda, no século XVIII, Gerard Van Sweten também encarava a velhice como doença incurável. E apenas no século XX, na década de 30, que a gerontologia desenvolveu-se em três vertentes de estudos: biológico, psicológico e social devido ao aumento considerável de idosos nos Estados Unidos.

No entanto, essas concepções variaram muito de acordo com o passar do tempo. Nas sociedades tradicionais, o velho colaborava com a educação dos mais

jovens, era referência para os outros e significava simbolicamente a experiência e a autoridade. Após a Revolução Industrial, aconteceu uma grande mudança de valores, onde a sociedade se organizou de modo a valorizar apenas àqueles que de fato produziam.

A condição biológica por ser um processo dinâmico, progressivo, ininterrupto e que naturalmente são definitivas e irreversíveis para homens e mulheres, interfere ainda mais, quando perpassa pelas questões de gênero. A mulher foi oprimida, inferiorizada em relação ao homem durante muitos séculos, esses fatores e comportamentos interferem maciçamente em nossa realidade, onde permanece os casos de submissão, repressão e a fragilidade para tomar suas próprias decisões.

A partir do começo do século XX, quando o envelhecimento passou a ser mais amplamente estudado, foi ficando cada vez mais claro que o processo não poderia ser contextualizado só por fatores orgânicos e fisiológicos, porque, junto às transformações corporais, e interagindo com elas, as pessoas apresentavam mudanças de comportamento, de papéis, de valores, de status, de crenças, de acordo com as diferentes fases e grupos etários a que pertenciam, e também em função de suas escolhas e adaptações individuais ao longo do seu ciclo de vida.

Mascaro (2004), relatou que em 1970 o Brasil tinha 4,7 milhões de pessoas com mais de 60 anos¹⁰; em 1980, já eram 7,2 milhões; e em 1991, esse número cresceu assustadoramente, contabilizando 10,7 milhões. A autora consultou os dados na década de 90, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fazia projeção para o ano 2000 e 2020 de 13,0 e 27,2 milhões de pessoas idosas, respectivamente.

Renato Veras (1994) alerta que até 2.025, prevê-se que três quartos da população idosa do mundo estarão vivendo em países subdesenvolvidos:

Em 1950, o Brasil era o 16º do mundo, com 2,1 milhões de pessoas idosas. Até 2.025, estima-se que terá chegado ao 6º lugar, com a assombrosa quantidade de 31,8 milhões de idosos, apresentando o maior aumento proporcional dentre os países mais populosos do mundo desse período.

Segundo o IBGE (2000), no Brasil, 10% da população geral, são idosos, e que a maioria desse percentual, caracterizam-se por viúvas, com baixa escolaridade

¹⁰ A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece aos países em desenvolvimento, limites etários em relação ao envelhecimento:
Meia Idade – de 45 a 59 anos; Idoso – de 60 a 74 anos e Ancião – de 75 a 90 anos

ou com menor renda em relação aos seus pares masculinos. Vários autores concordam que a conceituação de velhice não pode mais restringir-se a uma só área do conhecimento, como a biológica, já recusada por Simone de Beauvoir na década de 1970. Ressalta-se ainda que mesmo com o alto crescimento da população idosa no país e no mundo, essa estrutura populacional atual, ainda permite medidas de planejamento social, econômico, político e cultural.

Os avanços da ciência através da medicina e métodos estéticos rápidos e acessíveis, além das condições atuais permitirem maior acesso aos serviços públicos de saúde, direcionando sempre ao caminho de bem estar físico e cognitivo, é considerado também um fator importante para o aumento da faixa etária. Essa tecnologia vem oportunizando os idosos a rejuvenescerem dez ou vinte anos a menos de tempos passados. Através desse avanço científico e tecnológico, Mota (2006), vem caracterizando esse período de “juvenização das idades”.

Outro fenômeno de destaque seria o que alguns autores vem chamando de “feminização da velhice”. Veras (1994) afirma que as mulheres idosas brasileiras são mais numerosas que os homens. A predominância de mulheres nas idades mais avançadas é conseqüência da discrepância crescente das taxas de mortalidade de homens e de mulheres, isto é, um aumento no excedente de mortalidade masculina em relação a mortalidade feminina em todas as idades, o autor diz que:

O desequilíbrio entre os sexos tem muitas implicações. A velhice para as mulheres está associada à viuvez, renda reduzida, maior pobreza e um risco maior a saúde frágil e institucionalização. A tríade: pobreza, solidão e doença ocorre freqüentemente entre as mulheres idosas. Alguns autores descreveram essa situação como “risco quádruplo”, ou seja, ser velha, pobre, mulher e pertencer a uma minoria.

A explicação para esse fenômeno está vinculado a questões biológicas e sociais. Para ele, os homens estão envolvidos diretamente aos fatores de risco no espaço público, como por exemplo: acidentes de trânsito, homicídios, vícios como fumo e álcool (vinculado a doenças), e acidentes de trabalho. Já as mulheres, permanecem num ambiente mais “protegido”, o espaço doméstico.

As pesquisas apresentadas indicam que o Brasil será um “país jovem de cabelos brancos”. Primeiro, explica o autor, porque existe grande empenho da comunidade científica em estudar mecanismos que auxiliem no processo de

rejuvenescimento e segundo, porque a população envelhecida e a que está envelhecendo encontra-se de fato preocupada em manter uma vida saudável, ativa, de melhor qualidade e participativa nas atividades sociais.

2.4 Os impactos da modernidade na velhice

Diante de todo o avanço da ciência geográfica até o mundo contemporâneo, podemos ressaltar que a estrutura basilar da geografia é que o mundo está constantemente se distribuindo e se redistribuindo, se movimentando e regeografizando-se. Perpassaremos então, pelas concepções de tempo e de espaço.

Dentre os povos da pré-história, sejam caçadores ou coletores o sistema utilizado era o de subsistência e, a temporalidade dessas populações era sazonal e cíclica, baseada nas estações e em elementos da natureza. Giddens (1991) vem nos confirmar em sua obra *As conseqüências da modernidade*, que as populações das culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo através da vida cotidiana, e que sempre houve vinculação entre o tempo e o lugar. Nos mostra que com a invenção do relógio, houve uma uniformidade na organização social do tempo, pois agora com a existência de um instrumento que iria marcar, compassar, controlar e sistematizar o tempo global e universal teríamos como conseqüência a expansão da modernidade, Giddens classificou esse tempo como artificial e social.

Mesmo diante de toda preocupação com essa abordagem, não podemos deixar de trazer para análises e reflexões o papel do tempo, do espaço, da modernidade, das conseqüências e contribuições que esse advento trouxe para os idosos de forma geral. Embora saibamos que essas conseqüências vieram e afetam de uma forma global, pois, ninguém está imune a esse processo globalizado e capitalista, e que o espaço é um conjunto de possibilidades onde se intui, se intenciona e se realiza algo. Por outro lado, sabemos também que toda essa invasão da modernidade na esfera planetária nos leva a refletir que de certa forma esse turbilhão de mudanças também trouxe esperança e expectativas de uma vida longa.

O conhecimento do espaço não é apenas uma construção que perpassa por questões intelectuais, mas um processo de apreensão das representações. Uma

abordagem interessante em relação ao objeto da geografia, ainda na concepção de Santos (2006), são os atributos que esse objeto tem, pois o espaço pode ser qualificado.

Nos mostra que podemos verificar a ocorrência de fenômenos *no* e *do* espaço. Exemplifica indicando a existência de dois fenômenos. O primeiro, classifica como inerente ao espaço, como por exemplo, a capa da crosta terrestre, denomina esse primeiro fenômeno como um processo físico-químico. O segundo fenômeno classifica como os processos que venham a interferir, a agir sobre a superfície planetária, denominando esse fenômeno como biológico - humano, ou seja, como o processo de interação e transformação do espaço mediante a ação humana.

Conforme já citado, nas sociedades pré-modernas, os grupos viviam num sistema de subsistência e de acordo com a evolução histórica, social e econômica da humanidade, vemos emergir novos padrões de consumo, de comportamento, de valores da sociedade. Afinal, o que caracteriza a modernidade? Fatos isolados como o avanço tecnológico científico, as sofisticações, a efemeridade, a globalização de informações, ou o conjunto desses fatores?

Os termos modernidade e pós-modernidade são temáticas controversas diante da visão de alguns autores. Nos apropriaremos da concepção Giddesiana (1991) que entende por modernidade o “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram da Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Para ele, a modernidade tem um tempo e uma localização geográfica inicial, no entanto, defende a tese de que existe certa dificuldade em perceber em qual tempo estamos vivendo e que ainda não podemos falar em pós modernidade no campo social. Diz que não adianta criar novos termos para a modernidade, como “pós-modernidade, pós-modernismo”, pois temos que olhar primeiro para a natureza da própria modernidade e tentar compreendê-la.

O autor entende a modernidade como uma “faca de dois gumes”. Marx e Durkheim viam a era moderna como uma era turbulenta, no entanto acreditavam que as possibilidades de desenvolvimento de formas benéficas eram superiores às características negativas que pudessem ocorrer. Ao contrário, Weber, que tinha uma visão nem um pouco otimista pelos novos caminhos que a sociedade se direcionava, pois via o mundo moderno como um mundo paradoxal, onde o progresso e a falta de

autonomia individuais andavam lado a lado. Mesmo com essa visão da modernidade, Weber não foi capaz de prever o quão seria desumano e sombrio as conseqüências de todos esses avanços, principalmente para a velhice.

Harvey (2006) em sua obra *A Condição Pós Moderna*, cita Baudelaire que diz: “a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra, o eterno e o imutável”. Assim denominada, passamos a entender melhor quando visualizamos o processo de descartabilidade acoplado a sofisticções que se apresentam na contemporaneidade.

Santos (2006) nos diz que “cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica¹¹”. Considera a técnica como um meio. O espaço é formado de objetos e é o espaço que determina os objetos dando ritmo as temporalidades. Define objeto técnico como todo objeto suscetível de funcionar, como meio ou como resultado, entre os requisitos de uma atividade técnica. Evidencia o papel das técnicas em alcançarem através das máquinas momentos de grande aceleração para transformações econômicas consideráveis. Também aborda questões devido a diferenciação em relação a idade dos lugares.

Isso é possível ser notado, face como alguns lugares absorvem as transformações, as inovações, e outros não conseguem acompanhar as evoluções. Bosi (1994) confirma essa idéia analisando por outro viés, quando se refere às gerações, afirma: “Cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”:

Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. Destruirão amanhã o que construímos hoje.

Para Santos, as épocas são diferenciadas pela forma de fazer algo, ou seja, através das técnicas, que é o meio pelo qual o homem dá (re)significados aos fixos e movimenta os fluxos. A época atual é ligada a revolução científico - tecnológica onde nossa vida cotidiana é bombardeada por aparelhos eletrônicos, serviços telefônicos, eletrodomésticos, microcomputadores, entre outros que surgem com o intuito de

¹¹ Segundo Milton Santos (2001), a principal forma de relação entre o homem e o meio é através das técnicas. As técnicas se caracterizam por um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo cria o espaço.

facilitar e agilizar a vida dos indivíduos no dito popular que “tempo é dinheiro”, ou seja, lucro, acumulação. Sobre a essa evolução e revolução tecnológica (2006, p. 181):

“A tecnologia se pôs ao serviço de uma escala planetária, onde nem os limites dos Estados, nem os dos recursos, nem os dos direitos humanos são levados em conta. Nada é levado em conta, exceto a busca desenfreada do lucro, onde quer que se encontrem os elementos capazes de permiti-lo”.

Diante desse contexto, podemos dizer que o capital é uma relação social assimétrica, anti-ecológica, pois a acumulação compromete a diversidade, compromete a existência humana no planeta e quem direciona todo esse processo, quem determina o ritmo dessa temporalidade é o espaço. Milton Santos insistiu no termo espaço porque para ele, o termo espacialidade limita-se a um recorte. Acabamos por ser menos importantes do que as coisas produzidas, nos tornamos vítimas e escravos das próteses, pois a modernidade abriu um grande leque de possibilidades e fetiches acopladas a rapidez e às mudanças. As conseqüências desse mundo “capitalístico” também nos trouxe várias “espacialidades”, vários recortes, vários mundos. O mundo dos excluídos, das classes que sobrevivem a um sistema completamente desumano e explorador.

A população pobre em geral, os trabalhadores ativos e os jovens talvez não sintam o impacto diante de tantas mudanças, até porque, essas modificações se aproximam de forma lenta e gradativa, e quando se percebe, já fomos engolidos pelos fetiches mercadológicos. Se a população menos favorecida, mas que encontra-se ainda no processo economicamente ativo de produção se depara com dificuldades de adaptabilidade e inclusão, quais são então, as dificuldades enfrentadas pelos idosos? De que forma a modernidade transformou e vem transformando suas vidas?

É notório dizer que a modernidade transformou a vida de todos, ou quase todos os seres humanos, todavia não podemos deixar de voltar os olhares para esse segmento populacional que também faz parte da lista dos excluídos.

Giddens (1991) aponta que a modernidade criou possibilidades e entraves também. Quando trabalha com os riscos no mundo moderno, delineia os aspectos da divisão global do trabalho, riscos em relação a guerra nuclear, meio ambiente, certezas, confiança e consciências de que estamos correndo algum risco, a desejar algum produto ou serviço oferecido no mercado.

A velhice do século XXI está destituindo a concepção de invalidez, impotência, de fraqueza e dependência. A passos lentos os idosos estão conseguindo sobreviver parcialmente sua condição de ser humano, mesmo sem as condições básicas de sobrevivência como saúde, lazer, educação, cultura ou qualquer outra atividade que possa reintegrá-los na sociedade. Mesmo com o despertar para uma preocupação atualmente em torno do envelhecimento, devido às evidências estatísticas quanto ao aumento indiscutível de pessoas velhas no cenário mundial, os olhares são voltados em sua grande maioria apenas para um corpo que necessita de cuidados médicos, e não há o despertar da percepção de que existe um ser humano que não deixa de ter sua função social, podendo contribuir de acordo com suas limitações.

Ecléa Bosi (1994) diz que “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”. Diz ainda que a “sociedade industrial é maléfica para a velhice”, pois (1994:77):

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa.

Assim como a modernidade, a ciência e seus avanços trouxeram mecanismos para se obter qualidade de vida, esperança de longevidade, alternativas de lazer, de educação, trouxe também várias formas da segregação espacial do idoso. Seja no próprio lar, seja nas instituições de longa permanência para idosos, asilos, trânsito, escolas, mercado de trabalho, enfim, em qualquer espacialidade que possa estar inserido, o velho ainda encontra dificuldades para se levar uma vida longe da discriminação e do preconceito.

Diante da globalização da economia, algumas funções são extintas e outras tendem a aparecer, como isso significa que não basta estar desempregado, mas obriga o indivíduo a aprender uma nova função. Diante da necessidade da (re) inserção do idoso em vários aspectos da vida social e da globalização econômica, é que a autora aponta algumas ações que vêm sendo propostas para atender essa classe geracional específica. Um exemplo disso são as Universidades ou as Faculdades abertas direcionadas para a terceira idade. A Universidade de São Paulo - USP e a Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, por exemplo,

oferecem cursos regulares. Outra ação faz parte da Política Nacional do Idoso, coordenada pelo Ministério da Previdência Social, que tem o objetivo de fomentar a geração de emprego e renda, criando condições para a qualificação e capacitação do idoso.

São propostas que estão em processo de implantação, todavia não deixa de ser um grande investimento voltado para o mercado. Ora, se a população idosa está crescendo de forma muito rápida, que outra saída teria o Estado, se não investir na mão de obra que ele dispõe no momento? As mudanças que vêm ocorrendo em todos os campos da vida do idoso, seja no trabalho, lazer, saúde, educação, reforçam o desenvolvimento de uma imagem social diferenciada de menos de uma década atrás. E a filosofia desse sistema que visa a acumulação, deixa a margem, grande parte desses indivíduos que não conseguiram e que não conseguem se adaptar, se inserir, se deixar envolver pela modernidade das técnicas, das próteses, dos objetos técnicos e mecanizados. Este é parte de um cenário denominado por Debert (2004) de “a reinvenção da velhice”.

No entanto, nos cabe refletir que esse novo cenário que se inicia: o da inclusão, participação, retorno ao trabalho e o acesso aos serviços básicos de sobrevivência, enfim, a essa reinvenção do envelhecimento, está ligada aos indivíduos alfabetizados, letrados, de condição econômica favorável que proporcione o alcance desses serviços.

As colaboradoras desta pesquisa, por exemplo, são analfabetas, não tiveram a oportunidade de freqüentar os bancos escolares, vivendo hoje, em situação de pobreza, sobrevivendo de aposentadorias, doações e venda de pequenos trabalhos artesãos, dependendo 100% dos serviços públicos, e sem perspectivas de melhoras. Portanto, em se tratando de trabalho no âmbito público, não há como qualificá-las, inseri-las ou oportunizá-las, oferecendo-lhes cursos ou ensinando-lhes as novas tecnologias. Passaram a vida exercendo atividades no espaço doméstico ou no mercado informal, como costureiras, artesãs ou empregadas domésticas.

Diante disso, entendemos que os contextos vividos são diferenciados para cada indivíduo, pois os valores sociais, religiosos e percepções em relação á velhice estão presentes em qualquer idade da vida humana ou grupo social.

Para Scaramuzzini (2004), essa fase da vida não é igual para todos os indivíduos: homens, mulheres, ricos ou pobres, ou ainda, alfabetizados e

analfabetos, pois as percepções são diferentes, os indivíduos são detentores de singularidades, de mundos, de trajetórias diferentes.

Devido a imperialidade do efêmero, da sobrepujança do novo, da busca frenética pelo prazer, a necessidade de valorização, de ser admirado pela beleza, num sentimento narcisista típico da jovialidade, tornam o envelhecimento quase intolerável, reforçando ainda mais a luta pela “eterna juventude”.

As pessoas que estão adentrando a meia idade, ou seja, os futuros “novos velhos”, os “velhos mais modernos”, que possuem renda fixa ou situação financeira estável, estão tentando acompanhar essas modificações ocasionadas pela modernidade.

Podemos questionar, quais são os espaços, os lugares em que os velhos podem conviver socialmente? Com todas essas mudanças que acompanhamos no cotidiano, vemos surgir “a indústria do idoso”, e nessa indústria podemos citar os produtos de beleza, as academias, alimentação “natural” para se obter uma vida de qualidade, pacotes turísticos, financiamentos para a realização de cirurgias plásticas e pequenas correções, enfim, produtos e serviços que possam “garantir” a juventude e o bem estar por mais tempo. Essa indústria caracteriza a produção e o consumo como os divisores de águas para legitimar os espaços sociais que o indivíduo ocupa.

Não podemos esquecer da morte como uma preocupação latente. Torres (2000), nos alerta para as incertezas do momento de “passagem”, da preocupação com o evento funerário. A parte burocrática e comercial da morte está presente na vida de todos nós. Um telefonema é o suficiente para garantir o preparo para a morte moderna, que pode ser negociada em leves e suaves prestações mensais, proporcionando uma sepultura bonita e digna ao perfil do homem moderno. Para a autora, a “indústria da morte” é uma defesa para não ser jogado na vala dos que não serão mais lembrados.

Até pouco tempo atrás, os rituais nos velórios eram diferentes dos que vemos hoje. Geralmente eram feitos na sala da casa do morto, onde vivera seus últimos instantes, as mulheres se responsabilizavam pelas rezas, os amigos e familiares compareciam a casa do morto na semana que sucedia o acontecido, para fortalecer a família e dar conforto espiritual. Hoje, geralmente, o velório ocorre em funerárias, o corpo é entregue a profissionais especializados em apagar as seqüelas da morte, deixando a fisionomia com aspecto de quem repousa tranquilamente.

Os idosos começam então, a constituir uma nova questão: a invenção do mercado em inserir o idoso numa nova rotina: interessar-se pelos novos produtos de consumo e entretenimentos. Essa seria uma classe privilegiada, a classe dos aposentados, dos que tem algum meio de sobrevivência. E o que dizer então, sobre os sem trabalho, sem herança ou patrimônio, analfabetos, na fase final da “inutilização”? O que as mulheres pensam sobre sua condição? Como vêm a velhice? O que a velhice trouxe? Dependência? Liberdade? é apenas um *continuum* ligado a esfera doméstica?

Deixaremos que essas perguntas sejam respondidas através das narrativas, das Histórias de Vida de nossas colaboradoras que serão apresentadas no capítulo seguinte.

Eu morei no rio Pauini, morei no rio Tocantini, que fica no rio Pauini, só que mais pra cima. É assim... a gente vai pelo Pauini de motor... é a mesma distância de quando eu morava na Santa Clemência que fica às margens do rio Purus, um rio grande.

O rio Pauini é afluente do Purus... isso aí é muita história... muito pão pra se comer né? a gente viaja uns três dias pra se chegar nesse rio Tocantini. Quando nós chegamos lá, fomos caçar lugar pra se morar, chamam de colocação... no interior chamam assim, o seringal¹².

Era estrada de seringa, de castanha, estrada de sova, que era um pau que dá leite, que fazem prancha, vendem. É igual a borracha... só que dão o nome de sova.

Da sova, fazem defumado como fazem a borracha... fazem aquelas pranchas... botam o leite pra coalhar no canto, imprensam na prensa igual prensa de prensar massa... tem aqueles estaleiros de botarem elas que é para *coisar* e escorrerem aquela água... e tem a seringa que é feita também assim, mas a metade do pessoal faz defumada, faz aqueles tachões...

Eu fazia também... ajudava a defumar. Eu andava era na estrada... Um dia eu me trepei numa árvore com medo de um barulho que eu não sabia o que era. Um bicho que fez uma zoada...

Ele faz uma zoada que você pensa que é uma onça, sei lá! nunca tinha visto onça também... e lá vinha aquela zoada na estrada de chão, de mato, e eu:

- meu Deus, o que é aquilo?

Tinha um pau... chamam pau cavaleiro, porque tomba assim pro lado, mas não cai todo, fica só metade curvado... Aí eu peguei, fiquei lá e quando estava lá em cima do pau, eu vi o bicho passando com aquela zoada. Ô medo! Pensei:

- mas já estou aqui, vou deixar ele passar.

Desci e fui embora... quando cheguei em casa eu disse pro Raimundo, e ele:

- mas menina! você tava com medo de jacamim¹³? aquilo é jacamim, não faz mal a ninguém.

Eu Fiquei foi com medo do barulho, nunca tinha visto. Eu tinha uns dezesseis

¹² Seringal são grandes áreas (dificilmente inferiores a 10.000 há) ocupadas a título de posse, com limites geralmente indefinidos destinadas ao extrativismo vegetal, prioritariamente o látex. (NASCIMENTO SILVA, 2000 p. 13)

¹³ Ave de médio porte (49 cm de comprimento e 46 cm de altura) pode ser encontrada na região amazônica compreendendo a margem direita do rio Madeira e Maranhão, estendendo-se para o sul, até o norte do Mato Grosso.

anos... nunca vi onça, só vi morta. Viva nunca vi não... agora... porco espinho, veado, queixada, anta, tudo eu via.

Nunca aprendi a cortar seringa. Sabia colher o leite. Eles cortam, botam aquelas tigelas e voltam colocando dentro do balde... botando aquele leite, colhendo - chamam colhendo - aí botam dentro de um saco, tinha um vaso que eles botavam dentro. Quando chegavam em casa, colocavam numa bacia... seis, sete latas de leite, muito leite! Aí despejavam na bacia.

Enquanto iam pegar o que deixavam na beira da estrada, me mandavam defumar... eu pegava aquilo branquiiiiinho e defumava.

Engravidei do primeiro filho com dezesseis anos, mas eu não sentia nada, acredita? Foi uma gravidez tranqüila! Às vezes eu fico olhando para essas mulheres gestantes que não podem fazer isso, não podem fazer aquilo... eu até com oito meses, ia para a beira do forno torrar farinha.

Torrava farinha, tirava massa, eu só não arrancava macaxeira porque o chão era duro, minhas mãos doíam. Não arrancava não! mas carregar de lá da roça, do chão para a casa de farinha, *rapá!* Cavar, lavar a massa para tirar a goma para fazer tapioca, tudo isso eu fazia, grávida. Carregava água para lavar, tarrafeava, atirava de espingarda, tudo isso... Esse menino que tá aqui comigo ainda, o Sabá, ele sabe disso, ele era grandinho. Às vezes não tinha nada para a gente comer, ele dizia:

- Vamos para a estrada?

- Ta, vamos!

Eu pegava a tarrafa, os caniços, aí nós ia. Um dia eu matei um veado quase em cima de casa. Esse meu filho que o carro bateu aqui na BR 364, andava caçando com os cachorros. Eu tava em casa sozinha, catando piolho na DeJane no subido da escada, porque as casas lá são todas de assoalho. Quando o rio sobe, a água invade.

Quando eu ouvi um barulho: *tcháááá´*... no igarapé... a gente morava na beira do igarapezinho. Aí vi só as orelhas, ele caiu... ficou afogado, só as orelhas de fora. Aí eu digo:

- Acho que tem gente que caiu no igarapé.

Tinha uma espingarda em casa... eu ó... peguei a espingarda e desci pra lá. Eu pensava que era uma paca. Só a cabeça de fora... mas era uma veada, não tinha chifre, não tinha nada, aí eu...*pá* na cabeça dela, acho que foi na cabeça, não sei...

só sei que ela deu um pulo e saiu. Ela estava escondida dentro d'água, onde eu lavava roupa, saiu beirando uma bananeira, caiu adiante, bem pertinho de onde a gente fazia farinha, aí eu fui pra lá... ela estava pelejando para se levantar, dava uma dó...

Foi eu que atirei! Ai eu disse:

- Eita! pega outro cartucho que ela ainda está viva.

No interior a gente não tem medo de nada! acredita que não? A gente come aquilo... tudo o que a gente faz é pra comer! Não tem esse negócio de vou vender isso, vou vender aquilo, porque não vende mesmo! naquele tempo não vendia, mas agora já, de primeiro não vendia não! Eu fui chegando lá com meus cartuchos, ela foi se estirando com os olhos azuiziiinhos... cadê que eu consegui levar pra casa? Era grandão.

Eu tava com a barrigona bem grande, era daquela minha filha loira, aquela branca. Depois eu fui pra casa. O meu filho andava com uns cachorros e tinha atirado num veado, mas não tinha acertado. Acho que era nesse mesmo que eu acertei. Disse que correu atrás do veado e perdeu. Ele chegou medonho de raiva, porque não tinha matado nada. Eu disse pra ele:

- *Vixe!* mas como eu matei? ele resmungou:

- Eu não matei foi nada, os cachorros correram atrás do veado e ele foi embora.

- Pois eu matei um veado!

- Foi, mãe?

- Foi.

A viadinha era *brochote*¹⁴ ainda, não era formada. Só sei que eles tiraram o couro, e nós fomos papar, né? Fomos rindo, porque não tinha nada mesmo. Tinha dia que o Raimundo não queria caçar. Podia saber que não ia ter comida. E podia também mandar ele ir caçar que ele não ia, podia chorar menino...

Às vezes, ele matava na estrada, às vezes não matava. Porque é assim: tem dia que tem fartura, você não sabe o que vai comer: é caça do mato, é pedido de casamento, porco de casa, é galinha... e tem dia que você espia e diz assim:

- meu Deus o que é que eu vou fazer?

Cansei de botar dois peixes dentro de uma panela pra fazer aquele caldão pra

¹⁴ Pequena, filhote.

dar pra eles, pra cada qual um caldinho com bastante cebola... colocava tudo o que tinha: cebola, coentro, pimenta cheirosa. Aí eu fazia aquela caldada e todo mundo enchia a barriga.

Quando não tinha de jeito nenhum, eu pegava a espingarda e a tarrafa e nós ia pro lago; uma vez eu caí com tarrafa e tudo dentro da água, eu ri muito, foi engraçado...

Amarrava a tarrafa e era só a gente jogar, eu não sei como que foi... acho que ele mexeu na popa, que jogam na popa e na proa a tarrafa... Quando eu joguei a tarrafa, fui junto. Dei tanto tabefe nesse menino, e acredita que com isso tudo ainda veio um mandi agarrado na tarrafa? Depois fiquei rindo sozinha... Quase que me furava, mandi tem esporão, né? não sei com que milagre não me esporou... Pois é!

E quando ele adoecia também não podia procurar... aí eu dava meu jeito. Eu me virava. Até quando os filhos foram crescendo, crescendo, eles foram me dando de comer. Todo mundo matava, caçava, mariscava...

A gente caçava com os cachorros... vinha aquele monte... os cachorros corriam atrás ajudando. Eles pegavam no campo e matavam paca, veado. Tem cachorro que derruba veado, morde, sai babando, pega no mocotó, puxa pra trás.

Tinha três cachorros dentro de casa. Geralmente o pessoal que mora em interior, tudo tem cachorro dentro de casa. Vão caçar no dia de domingo, eles perguntam:

- Vai caçar?
- Eu vou!
- Vai com os cachorros?
- Vou!

Era aquela coisa... Lá nesse lugar onde nós tava, mas também só morava casal, o homem e a mulher. Eu não conheci nem sogro, nem sogra. Quando me casei com meu marido... ele tinha oito anos quando ficou sem pai e sem mãe. A mãe dele morreu de parto. E ele não se lembra como o pai dele morreu.

Quando eu conheci o Raimundo, eu morava com meus pais! Quando eu conheci ele, minha mãe ainda era viva. Ela não queria, porque não gostava muito assim dele, sabe? Ela não era contra, mas também...

Aí eu dei por acabado, sabe? eu era muito nova nesse tempo, tinha 15 anos: "não quero não!" Mas ele era *embeijado* por mim. Sabe como é *embeijado*? Eu

andava, virava e mexia, quando dava fé, ele chegava na casa da vovó. A vovó era madrinha de fogueira.

Naquele tempo tinha aquele negócio de fazer fogueira, o pessoal passava pela fogueira, pulava a fogueira... comadre, padrinho, madrinha... Então, a vovó era madrinha dele.

Ah... quando não tinha nada pra fazer em casa, ele ia pra casa da vovó. Ele morava perto, depois quando ele me pediu em casamento mesmo, que noivou, colocou a aliança no meu dedo... que ainda hoje está aqui. Não sai mais do meu dedo não! Tá fininha pra quebrar... Ele foi morar longe, nós se via assim... de um mês, dois mês... Só que não tinha festejo... aí depois foi que... nós já tava noivos mesmo. Nós noivemos.

Foi um casamento muito lindo. Até que não foi feio meu casamento. Foi no barracão do patrão. Tinha champanhe, tinha toda qualidade de bebida. Pena que minha mãe não foi no meu casamento, ela já tinha morrido... ela morreu eu tinha onze anos. Ela conhecia ele, mas não gostou muito dele, não. As meninas de antigamente, quando a mãe dizia que não gostava de alguma coisa, elas se importava... hoje, ainda tem algumas, mas a maioria, quando a mãe não gosta, aí que elas gostam! Não é engraçado?

O Raimundo me pediu em casamento pro papai e pra vovó. Quando a mamãe morreu eu fiquei com um irmão, com seis meses de nascido e outro com três anos, o Antônio tinha três anos. Terminei de criar eles. Eles saíram da minha casa todos os dois casados, o Nelson e o Antônio. Meus dois irmãozinhos. Um morreu aqui em Porto Velho, eu nem vi, veio pra cá pra Porto Velho e a gente soube que ele tinha morrido.

Ele ta enterrado no cemitério de Santo Antônio. Parece que morreu de coração grande. Ele veio pra cá, pra se tratar. No começo ficamos tendo comunicação, depois parou de mandar mensagem, e a gente não tinha como mandar...

Os irmãos da igreja católica gostam muito de fazer bondade, caridade... Tinha um, que viajava pra cá pra Porto Velho, eu me dava muito com ele... nessa época ele trabalhava no Ginásio... aí eu conversando com ele e com a irmã dele, perguntei notícias do Nelson... o Nelson estudava lá no Ginásio, e ele disse: "Seu irmão está em Porto Velho?" Eu disse que tava, mas fazia muito tempo que não tinha notícia

dele. Ele disse: “Vou pra Porto Velho e vou fazer procuração...”

A gente tinha o endereço do Hospital de Base... ele tava internado no Hospital de Base. Ele veio pra cá com um amigo... esse amigo deixou ele internado e foi embora. Não voltou pra lá. E a gente desconfiado de que ele tava com esse amigo...

Quando o seu Jaime voltou... passou... parece que... com oito dias ele chegou... Quando ele chegou, mandou me chamar lá no Ginásio porque queria falar comigo. Eu disse “ai meu Deus!” Porque a gente fica logo... com... o coração na mão. Aí ele veio pro meu lado só pra conversar.

Ele disse que veio aqui em Porto Velho, procurou ele, em todos os hospitais e no próprio Hospital de Base e ninguém dava notícia dele... aí ele passou a procurar na lista dos falecidos, que de primeiro...

Não sei se ainda tem a lista dos falecidos, mas na época, tinha. Ele procurou, procurou, até que encontrou na lista dos falecidos. Ele andou perguntando por lá, até que teve a informação. Aí... O homem, o irmão que veio lá da Igreja, veio ajudar... foi no cemitério e pegou o atestado de óbito. Tava lá. E levou pra mim. Foi assim que a gente ficou sabendo. Eu acho que ele morreu sozinho, porque não tinha parente aqui, se tinha parente aqui, ninguém conhecia. Pois é! Ele já era casado, deixou um filho... esse filho dele veio pra cá pequeno, pra cá não, pra Boca do Acre... e aqui fiquei conhecendo ele.

Ele é gerente ali do cortiço, negócio que cuida de couro de boi. Curtume, cortiço, sei lá. Ele já veio aqui. É igual ver aquele meu filho que anda de moto, o Geno, é mesmo que ver ele, só que é mais alto, mais branco...

O meu outro irmão morreu. Foi pra Manaus picado de cobra, passou cinco meses em Manaus, e o médico mandou ele pra casa... É por isso que o Adailson diz que eu engulo muito sapo: porque desde pequena... Perdi minha mãe com 12 anos... todo mundo dizia que eu não ia dar conta dos meninos, ainda mais porque o papai não dava nós pra ninguém cuidar... nem pra vovó!

Quando fez um ano que a mãe tinha morrido, ele brigou com o patrão dele e teve que sair de lá da casa da vovó... eu morava com a vovó. Nós fomos lá para um tal de Jurupari, não me pergunte onde é, que eu não sei. Só sei que fica na beira do rio, era seringal. Lá, o transporte é de burro, cavalo... o pessoal anda tudo de cavalo. Eles tem a quinzena, né? Faz a quinzena... é de quinze em quinze dias. O cowboy vinha deixar aquela mercadoria... aí ele vai embora, e só vem com 15 dias de novo.

É... eu até namorei com um tal de Azarias, cargueiro, mas não foi nada sério, não. Foi só uma paquerinha.

Eu fui lá pro auto do Jurupari, longe, longe... O Raimundo ficou no Pauini, no Parque Pauini, que chamam. E a vovó morava lá, até que por lá, nós recebemos uma carta da vovó chamando papai para ajudar numa farinhada, porque eles faziam farinha, passavam dois, três meses, fazendo farinha... fazendo moagem... fazendo gamichó, açúcar preto, aquele açúcar moreno. Pra lá chamam gamichó...

Lá faziam aquilo tudo, passava era tempo... precisava era de gente, aí o papai pra ela... era mais que um genro, ela dizia que o papai não era genro, era o filho dela. Ela mandou chamar nós... aí nós fomos. Passamos ainda uns três meses na casa da vovó, só que nós ia voltar pro Jurupari de novo...

No último dia da farinhada, o Raimundo perguntou se eu queria casar com ele. Quando Ele soube que eu tava lá na casa da vovó... foi pra lá. Quando dei fé, ele chegou. Quando pensei que não, ele tava ajudando na farinha. A vovó era praticamente mãe dele, ela fazia tudo pra ele.

Ele também era muito bom pra ela... no último dia de farinhada... engraçado que eu tinha inveja dele, ele vinha conversar comigo eu dizia: “vai pra lá com essas lezeras!”. Nesse dia a gente tinha enchido duas bacias de massa, de goma pra fazer tapioca, né? A gente lava aquela massa e deixa lá, enquanto *senta*... depois, a gente volta pra derramar a água, botar as outras pra não ficar roxa, era umas seis horas...aí a madrinha disse:

- Maria! Vamos embora lá pra casa de farinha!

Eles criavam porco, tinha porco...

- Vamos lá onde ta farinhando, escorrer a manipueira¹⁵ e trepar aquelas bacias, se não os porcos vão virar.

Aí nós viemos, quando chegamos lá na casa de farinha, o Lê tava chupando cana, sozinho... sentado assim, num banco. Foi lá que nós conversemos, escorrermos água na bacia e fomos buscar outra água lá no igarapé. A madrinha Zulmira disse assim:

- Ai! me ajuda aqui... vai passando a bacia!.

Nós saímos... e tinha um caminhozinho que a gente ia pra casa. Quando eu cheguei de baixo de um pé de goiaba, ele disse que nós era primo de fogueira.

¹⁵ Água da mandioca

- Maria! vem cá!

Aí eu olhei e falei pra ele:

- mas eu saí daí agorinha!

Eu era assim... grossa com ele... mas eu acho que eu gostava dele porque, virei, mexi, namorei bem uns quatro, e nunca quis nada sério, aí voltei e ele disse:

- Olha, eu quero saber se tu quer casar comigo?

- Você tá é doido!

- Eu não tô brincando não...

Ele me disse, mesmo assim, de cara limpa!

Eu não disse, não quero! eu disse:

- não sei não.

Ele disse:

- Quem é que sabe?

Eu disse:

- Não sei.

Fui saindo, fui embora. Eu fiquei foi assim: temerosa... fui embora, com uma vontade de dizer para a madrinha, mas tava era com vergonha. Minha madrinha era minha tia, irmã de minha mãe. Aí eu pensei: "Não vou dizer". Eu só sei que terminou a cozinhada, papai já ia embora pra casa e disse pra mim: "semana que vem nós vamos embora pro Jurupari".

De vez em quando o Raimundo tinha uma folgazinha, chegava perto de mim e dizia:

- E aí? Qual é a resposta?

E eu:

- Não sei!

Só sei que enrolei ele até quase no dia que nós viajemos pra Jurupari. Quando nós ia viajar... quando foi na *boca da noite*, nós bem conversando... ele disse:

- Ei! tu vais embora e não vai me dizer a verdade?

E eu disse:

- Eu quero sim, mas...

Esse homem se emocionou, falou:

- E se eu pedir pro seu pai?

Eu falei:

- Não! Eu não vou ficar aqui...

Aí ele disse:

- Ah... mas eu tenho que conversar, com o seu pai e com a madrinha

Ele chamava a vovó de madrinha.

“Não sei...” eu tava era com vergonha. Até que na *boca da noite* ele chamou o papai e conversou... o papai conversou bem com ele, perguntou se era isso que ele queria mesmo, que eu era preta, eu era alegre, era muito danada. Eu era muito danada, muito alegre, cantava, conversava com todo mundo. O Raimundo era branco. O pai dos meus meninos era branco. Eu tenho uns filhos brancos e outros pretos... e o papai falou:

“Minha filha é preta, ela brinca com todo mundo, conversa com todo mundo” – porque eu era a dona da casa - só era eu, tinha dois irmãos, mas eram tudo pequenos. Eu era a única mulher. Lá na casa do meu pai, quando chegava gente, se chegasse quinhentas pessoas eram quinhentos cafés que a gente tinha que levar. Fazer fogo, janta, merenda. Até que decidiram por lá que...

Aí ficou por isso... que quando for dezembro, a gente vinha pra cá, pra casa da vovó e se acerta aqui. Ele tinha um saldo, um monte – naquele tempo uma tonelada de borracha dava dinheiro pra *caramba*, ele tinha uma tonelada de borracha de saldo. Ele vendeu a borracha e tirou toda de saldo. A madrinha que *mangava* dele, que ele já estava reservando esse dinheiro po casamento.

Meu casamento foi bonito mesmo, foi chique mesmo o meu casamento! Casei com dezesseis anos, de vestido comprido, grinalda e véu. Eu não tenho minha foto hoje, porque ficou na casa que queimou, nem ninguém pensava que era eu: “Não, não é essa Maria aí não!”

Fiquei diferente, só de ver... A gente vê cada noivado assim que é a coisa mais linda que tem, e a gente vê que a pessoa não é aquela pessoa. Eu rio disso.

Quando foi em dezembro a gente veio mesmo passar as festas na casa da vovó – a casa da vovó era casa de festa, de festejos. Nessa época ela tava morando num tal de Aracy, um seringal também. Era tudo perto, tinha as colocações e num grito, a gente chamava os vizinhos...

Nós fomos para lá, e foi justo lá o casamento, em dezembro mesmo. Juiz... naquele tempo o padre só ia de ano em ano, para fazer casamento, batizado... se

juntava um monte de gente num canto só, pra casar, pra batizar, aí ele subia de motor de novo, parava em outro lugar... aí juntava aquele outro bocado de gente do seringal, e eram assim os casamentos.

O meu foi com muita gente, mas porque foi na beira do rio, na casa de um gerente, que era um barracão... uma casona grande cheia de mercadoria, dali os *aviados*¹⁶, que chama, vão levando para os seringais, então meu casamento foi lá.

Eu nunca pensei que ia usar um vestido daquele jeito... lindo o meu vestido!

Ele comprou um vestido de casamento branco, comprou um azul que chamam arruda e um rosinha de seda pura. Quando vi, falei: “eu to chique!” Usei o branco, aí depois da valsa...

Ele não existe mais não! mas era bonito... eu vi na televisão aquele roupão lambendo o chão... tive dama de honra e tudo! Muito bonito o meu casamento! A Chica ainda hoje disse que de nós todinhas - nós éramos oito primas – as que tiveram o casamento mais bonito foi eu e a Elisa.

A Chica morava no seringal também. Depois nós todas debandamos, ela foi para um lado, eu fui para outro... quando cheguei em Lábrea ela já estava lá. Quando eu fui pra lá, já tinha os meninos tudinho, acredita? O mais novo, o Marcos, já tava com um ano de nascido.

Eu tive os meninos no seringal, no interior, por isso que não tem nenhum doutor, alguns sabem ler um pouquinho, aprenderam em Lábrea, outros não quiseram saber... e eu, pior! Agora que estou estudando. Vou te mostrar meu caderno depois. Não sei se vou aprender, sou muito difícil, me esqueço, me esqueço, me esqueço. Nunca estudei, nunca, nunca... Eu inventava de fazer renda, crochê também eu nunca aprendi... bordado, essas coisas eu fazia.

Costurar... o que eu mais fiz nessa vida foi costurar, costurava pra fora. Roupa de mulher, calça comprida, blusa, eu fazia calcinha, vestido para menina, até pra mulher mesmo, eu fazia. Até quando cheguei aqui, andei costurando... aí virou uma luta para eu enfiar a linha na agulha e falei: “Vou parar com isso!” mal-mal costuro um descosturadinho... tenho uma máquina velha aí que ainda dá pro gasto... pra pregar um fechicler, ela serve.

Então... tive os dez filhos, aí fui para Lábrea.

¹⁶ O aviador tinha a função de ir todo final de mês em todas as colocações para fazer a relação das mercadorias e munições que os seringueiros iriam precisar para o mês seguinte. Anotava também a produção da borracha de cada seringueiro (NASCIMENTO SILVA, 2000 p. 70)

Meu filho foi cortar seringa, precisou trabalhar para os outros... aí foi para Lábrea passear, quando chegou ficou doidinho para ir morar lá, porque em Lábrea todo mundo trabalhava, todo mundo se sustentava, tanto os homens quanto as mulheres.

Eu tinha medo da cidade... quando eu ouvia falar da cidade, principalmente desse Porto Velho, escutava pelo rádio – naquela época só era rádio – falei: “Não vou, não!” Morre tanta gente no garimpo, e não sei o quê. O Raimundo foi pra Lábrea comprar umas roupas melhores e chegou doidinho para voltar, queria morar lá e não sei o quê, esse era o significado do assunto...

A mesma coisa ele fez pra vir pra cá pra Porto Velho, ele chegou a dizer para mim que se ninguém quisesse vir, que ficasse! que ele vinha só! Os filhos dele estavam todos aqui... parece que tinha uma coisa chamando...

Eu fui para Lábrea com uns 50 anos... não! não tinha 50 anos, porque tive o Mário, tava com um ano que eu tinha tido o Mário... aí tive o Haroldo, parece que eu tava com uns 40. Hoje, eu to com 73 anos. Eu to assim... porque eu só vivo adoentada, é difícil o dia que eu to boa, boa.

Eu tinha medo de ir pra cidade... medo que, quando eu cheguei na cidade, que o homem comprou a minha casa, que eu fui para minha casa, pensa que eu abria a janela? Não abria, não! Se alguém batia eu dizia: “quem é?” É eu, fulano de tal, aí é que eu abria a porta...

Eu tinha um medo muito grande, quem diria que eu já morei dois anos nessa casa aqui sozinha, só eu e minha pessoa, como diz a história. Essa menina que ta aqui, veio para cá depois que eu fui assaltada aqui dentro de casa. Ela estava com um gaúcho... morava pra lá... vinha domingo, passava o final de semana e ia embora, eu ficava sozinha.

Casaram-se todos. Esse meu filho que está aqui agora, estava lá no sítio com o cunhado dele, eu morava só. Às vezes vinha um, dormia uma noite, duas... ia embora de novo, aí no dia que eu fui assaltada aqui, ficou todo mundo com medo, mas o que tivesse de acontecer já ia ter acontecido, né?

Deus não quis não, Deus estava comigo todo o tempo, graças a Deus não aconteceu o pior. Me empurraram, caí deitada no sofá. Empurraram, pisaram no meu dedo, botaram a arma na minha cabeça: “Passa o dinheiro para mim!” “Não

tenho dinheiro” eu disse. “Vagabunda!” eles dizem cada nome pra gente. “Eu não tenho!”

Minha filha... eles subiram até no armário, o armário tava encostado na parede, derrubaram o armário, tiraram o cordão do meu pescoço - essa menina, minha filha, tinha me dado um cordão de ouro - eu tava com ele no pescoço, ele puxou e desabotoou, enrolou, e jogou dentro da minha boca e o outro dizia: “Fica quieta, vagabunda! Cadê tua arma? “Eu sei que você tem uma arma!”. Eu disse: “Só se for o terçado”. E eles: “fala baixo!”, eles não falam alto de jeito nenhum...

Menina, foi um sufoco! levaram tudo, tudo, tinha televisão, eles roubaram, tinha telefone, eles roubaram, a gente olhando sem poder fazer nada... dois com armas e um só andando dentro de casa. Era umas sete e meia, não era mais do que isso... os vizinhos todos acordados, mas ninguém viu! Ninguém... nada.

Eles saíram e disseram que era pra eu não me mexer, não sair pra canto nenhum, aí trancaram a porta do lado de fora... a porta da frente e a de trás e foram embora. Não sei se eles estavam de bicicleta...

Levaram tudo. Jogaram uns lençóis brancos que eu tinha, encheram de roupa, colocaram a televisão, o ferro de passar, um bocado de coisas, aquelas louçazinhas... a Sílvia tinha me dado uma baciinha tão bonitinha, não sei por que levaram! Aí enrolaram assim em outro lençol, quase acabaram com meus lençóis tudo... camisetas, calça, só o que eles não levaram foi calcinha, acho que eles não acertaram a gaveta que estava as calcinhas, mas o resto, foi tudo.

Depois de muito tempo... Eu com medo de eles estarem por perto... Eu pensei: “Não vou chamar ninguém, porque quem eu podia chamar era a Polícia, mas o telefone tava cortado... foi quando eu abri aquela janela lá do lado e gritei pela Dona Pureza. A Dona Pureza saía daqui todo dia, às seis horas: “Dona Maria, qualquer coisa chama por nós” Eu digo “Tá”, mas o que que pode? Não pode! Aí a Cláudia deu fé:

- Dona Maria está gritando! Que foi Dona Maria?
- Quero sair daqui de dentro!
- Que foi Dona Maria?

E eu gritando pra ela:

- Veja se a porta ta fechada, se a chave ta por aí...

Ela disse que trancaram, tiraram a chave e jogaram no chão. Tu acredita que não tinha uma só coisa no lugar? Botaram tudo no chão... acho que estavam vendo se podiam levar tudo. O que eles não puderam... Mesmo o guarda-roupa velho que não prestava mais, eles abriram, puxaram as gavetas pra fora. Eu pensei: “Meu Deus do céu!”

Dona Pureza veio, alarmou e aí já veio as meninas: “Vamos chamar a Polícia”. Eu falei: “Pra quê, eu não sei quem é que tava roubando!” Não eram nem mascarados, tavam com uns lençóis velhos, pretos. Não conheço ninguém, só via da cintura pra baixo: as canelas, e dois olhos assim, bem abertos... Eles fizeram um buraco... só aparecia os olhos... chamar pra prender quem, que eu não sei quem é!

Não dei queixa na delegacia, porque eu não sabia quem era. Eles foram muito cruel...

Porto Velho... fiquei só dez anos em Lábrea, o Raimundo veio passear aqui em Porto Velho de novo. Engraçado... tem aqueles negócios na balsa, aqueles carretel, ele imprensou a mão quando ele vinha... daqui mesmo enviou uma cartinha pelos Correios que não podia ir porque tinha imprensado a mão, que tinha tido um acidente na mão dele... Passou 18 dias aqui e nós lá... ele estava na casa da nossa filha, a Luza, que morava aqui.

Quando ele chegou, foi dizendo que vinha aqui para Porto Velho, que a Luza estava aqui e ele vinha também e não sei o quê, e não sei o quê... quando nós chegamos aqui, se eu te disser que a casa onde nós ficamos, com três famílias, era menor que essa varanda daqui, coberta de palha, lá na Cascalheira, era a casa de um sobrinho do meu genro. Era nós, com os meninos tudinho, a Chica com os meninos dela tudinho, nesse tempo até a Carina, filha da Chica, que mora lá em Ariquemes estava com ela. Nós botava para cozinhar quatro galinhas, só dava uma comida, com caldo e tudo.

Aqui nesse Porto Velho... quando nós chegamos... fomos caçar terreno para fazer casa, e não tinha, porque o terreno emprestado que nós tava o homem já tinha pedido... aí quando eu consegui comprar um terreno ali na esquina, apareceu a dona. O homem que me vendeu, me deu o recibo e tudo, mas o terreno não era dele, tinha dono e não adiantava mostrar recibo.

Nós já tinha construído uma casinha de palha, poço e privada... mas não teve jeito, a mulher tomou... me tomou não, porque depois eu saí de lá...o terreno ainda

ta lá, até hoje... o marido dela que era garimpeiro veio aqui e tudo... ele viu que a gente tinha comprado e acho... acho que ficou com pena e pagou as benfeitoria... foi com esse dinheiro que conseguimos comprar ali...

Aí ficamos morando ali, foi o tempo que eu conheci esse pessoal da Sú, que pelejaram, pelejaram, lutaram muito pra tirar nós de lá. Eu não, eu logo queria vir para cá, mas ele não queria. Depois nós viemos pra essa casa que nós temos que a sopa deu.

É. Quando tava com um ano que nos mudamos pra onde eu to hoje, dia sete de setembro, ele morreu. Passou um ano justinho, aqui nessa casa que a sopa deu. Fui para Lábrea depois do luto, depois de sete dias fui para Lábrea, passei 17 dias preocupada com o pessoal aqui mexer na merenda dos alunos, que era a Prefeitura que dava.

Eu deixei minha filha aqui, cuidando da casa. Elas tudo tinham brigado... as irmãs, os irmãos... O Pedro bebia... elas tavam com raiva porque o Pedro tinha uma mulher com ele... O Pedro ficou zangado também porque em vez de eu ter deixado ele na casa, deixei foi a Neide.

Ela tinha a casa dela, a Neide morava ali perto... mas eu tinha mais segurança com a Neide, né? Ele disse que me desconhecia, jogou uma panela no mato, ainda bem que a panela não prestava mais... aí eu fiquei sabendo lá em Lábrea mesmo. Ela ligou dizendo: "Ô mãe, eu queria que a senhora viesse logo, o Pedro está bebendo... está chato". Eu estava na casa do Deosmar, meu genro. Aí ele:

- Mas Dona Maria, a senhora ta passando fome?

- Não!

- A senhora ta dormindo bem?

- To.

- E o que a senhora quer? Quer chorar lá?

Eu falei:

- Não... não vou chorar, não.

Lá é bom que é cidade pequena, a gente vai pra todo canto de pé, eu tenho conhecidos, conhecidos. Quando eu chego lá, pensa que eu como todo dia num canto só? "Vem almoçar aqui" "A mãe de fulana disse que vai vir te buscar pra você almoçar". É assim lá em Lábrea... conheço muita gente. Morei dez anos, mas *vixe!*

tem vizinho lá que era meu vizinho e ainda mora no mesmo lugar, do lado da minha casa... a comadre Chica... Vendi minha casa lá...

Teve uma vez que o Raimundo foi pra Lábrea e quando ele chegou em casa, aqui em Porto Velho, a casa que era de palha tinha pegado fogo... foi numa casa antes dessa daqui que a gente ta agora...

Parece uma coisa... foi assim... os políticos tavam dando telha... e como nossa casa era de palha, minhas filhas falavam “vai lá mãe! quem sabe a senhora não consegue alguma coisa...” eu fui... ninguém sabe o que aconteceu... quando eu tava voltando pra casa eu fiquei sabendo do acontecido... fiquei com a roupa do corpo! Uma camisa de político... tu acredita? Todo mundo ficou com a roupa do corpo.

Eu tinha umas louça que eu tinha ganhado... tinha uns lençol bonito... queimou tudo... pra não dizer que não sobrou nada... sobrou essa máquina de costurar que você tá vendo... olha... é muito triste uma casa pegar fogo... é mesmo que morrer uma pessoa...

A gente morava numa casa coberta de palha... quando o Raimundo voltou de Lábrea, falou pra mim: “Agora que eu vendi a casa em Lábrea, essa daqui pega fogo!” Eu disse: “Vamos ter fé em Deus!”, aí depois que a gente levantou outra casa... quando já tava coberta, ele reclamava que não tinha comprado nada, porque eu conseguia assim... com os tios da sopa: um me dava uma roupa, outro me dava um calçado, outro me dava um... e ele reclamava porque não tinha nada, tudo o que tinha dentro da casa era os outros que tinham dado.

A história do GEFA é muito linda... um dia, o Nilson e seu Zé vieram até a minha casa... quando dei fé, aquele carro bonito na frente de casa, eu olhei assim...

O seu Zé perguntou pra uma mulher que tava lá na frente, se Dona Maria se encontrava, ela respondeu que sim, que era “aquela”, apontando pra mim. Ele disse:

- posso ter uma prosa com a senhora?

Eu disse:

- Sim!

Mandei eles entrarem. Entraram, tomaram água, sentaram, aí disseram que queriam fazer uma proposta comigo, aí eu falei: “Proposta?” Eu nunca tinha visto aqueles homens, tudo bem vestidos... eu disse:

- se eu puder e se eu souber também”...

- não, é muito fácil... é que a gente quer fundar uma associação pra gente dar pão para a criançada e para os adultos também...

Ele era bem careca, uma pessoa que tem uma peruca boa assim... Aí eu disse:

- ah, ta!

- a gente ta procurando... uma pessoa pra ficar, vamos dizer: com a chave na mão...

E não é que eu to com a chave até hoje? Acho engraçado isso!

- O seu trabalho vai ser pra receber, pra entregar, pra tomar de conta do que vir para cá, distribuir, se for para distribuir, não é muita coisa não, é pouco trabalho e a senhora vai trabalhar com carteira.

Eu disse:

- Ta, se eu souber.

O Nilson disse:

- Não, a senhora sabe, se senhora não souber a senhora aprende.

Mas ele foi transferido para Curitiba... já falei com ele de Curitiba, que ele me deu o telefone... aí eu falei pra eles assim:

- eu não posso dizer que vou trabalhar com vocês - porque é um trabalho – enquanto eu não falar com o meu marido.

Aí ele disse:

- Ta muito certo. E como é que nós vamos fazer?

- Olha, ele só ta em casa dia de domingo...

- Pois então domingo a gente vem aqui, como é nome dele?

- Raimundo.

- Então a gente vem e fala com o seu Raimundo.

A gente conversou, conversou e ficamos certos, aí eles foram embora, quando foi domingo eles vieram de novo... o Raimundo tava em casa e eu disse:

- Olha, os homens tão aqui!

- Não, não! você conversa com eles.

Ele tinha um pouco de ciúme, a gente sabia que ele tinha um pouco de ciúme. Naquele tempo eu ainda era meia dura, tinha as pernas bonitas... acho que era isso.

Aí eu disse:

- Não! eles querem conversar é contigo.

- Se você quer... não me importo, eles estão sabendo, depois não vão jogar na minha cara!

Ta... ele foi... disse que não se incomodava, que na hora que ele não tivesse trabalhando e pudesse ajudar, ele ajudava, só sei que ficou tudo certo. Aí falaram sobre o terreno... que eles não tinha terreno... e se a gente deixava eles fazer a sopa lá, na minha casa. Eu disse: "Ta às ordens!". Sei que ficou sendo feita a sopa lá em casa e o evangelho...

A gente juntava as crianças debaixo do chapeuzão de palha... falei lá com a mulher, porque aqui ou acolá encontro uma pessoa que gosta de mim, aí falei lá com uma mulher e ela me arrumou o chapéu, que eu queria fazer, e a sopa tinha só um tapiri assim... só coberto... nos enfiemos duas cortinas... E era assim que a gente cozinhava a sopa, depois botaram um tijolo fizeram um fogão e a gente fazia sopa ali... todo dia, e assim acho que foi bem um ano nessa luta.

As coisas e as verduras... o Nilson trazia. O único carro que entrava aqui era um jipe, sabe o que é jipe? Era o único carro que vinha aqui dentro, porque não tinha como, era mato... aqui só tinha aquelas areinha... De andar de pé mesmo... de bicicleta e olhe lá! quando eu cheguei aqui era assim: tinha cada babaçu... essas palheiras, a moto-serra vinha aqui de noite, derrubava tuuuudo... Depois de muitos anos foi que passou o trator, aí abriram as ruas.

Tinha só alguns moradores. Eu me lembro de quatro casas aqui, nessa bola do Mariana... eu me lembro de quatro casas, que era essa casa daí da esquina, que era um comércio, tinha farinha, arroz, as coisas dos pobres comprarem, e nem muita coisa era, era pouca coisa, e tinha outra casa pra ali que era da Dona Ana, de lona.

Tinha tanta casa coberta de lona aqui, eu mesma morei numa casa coberta de palha, foi teeeempo, até quando queimou. O Nilson vinha... sempre... na outra semana, já veio a Jane, você lembra da Jane, né? Minha filhona de coração, pois é... vinha a Jane com a Sílvia, a Sandra, aquela Sandra Bandeira.

A gente carregava minha filha... O jipe vinha até por ali na cascalheira, que a gente chama agora, onde é a parada dos ônibus... o jipe vinha muito bem, quando entrava nessa rua... começava a atolar, aí atolava, atolava... o homem do jipe... quando eu dava fé, chegava aqui, com a perna arregaçada, vinha atrás de um carrinho de mão. No carrinho de mão vinha trazendo as caixas...

Os homens... a Jane, ficava da cor de uma pimenta no sol, eu riiiiia.... domingo a gente fazia o sopão, naquele tempo vinha muita coisa de doação: arroz, feijão, café, açúcar...

Não sei de onde vinha as doações, eles que pegavam as doações lá no centro, agora não sei... acho que ainda hoje continua do mesmo jeito, mas eram essas coisas: café, açúcar, sabão... a gente distribuía tudo do mesmo jeito que é hoje... do mesmo jeito... pois é... então... quando terminava a sopa era desse mesmo jeito...

Ninguém sabia muito bem, ninguém conhecia ninguém, a mais conhecida era eu, porque todos que vinham de carro, de moto, me procurava e eu ia conversar com eles, o que eles precisavam... é isso, é aquilo... então fui conhecendo todos eles. Eles chegavam: “cadê a Dona Maria?” Eu to aqui, por isso.... Então, quando foi para comprar esse terreno aqui que a gente ta agora, eles falaram para eu procurar uma pessoa que estivesse vendendo... naquele tempo estavam vendendo terreno, invadindo... era aquela coisa.

Eles falaram para eu procurar um terreno que eles pagavam, aí peguei e falei com o Mineiro, um vizinho meu, ele tinha esses dois terrenos: o de lá, perto do muro e esse mais para cá, que tem aquele piso, ali eram os dois terrenos.

Falei com ele e ele disse que vendia, perguntei o preço, falei:

- Olha, eu vou falar com o chefe que quer comprar e depois te procuro de novo.

- Ah ta!, todo dia eu to aqui.

Ele trabalhava e vinha dormir em casa, essa casa era do Nenê... ele disse o preço, peguei e liguei para eles, para o seu Zé e o Nilson, e dessa vez o Adão já veio junto.

Eu falei pra ele e logo ele me perguntou:

- E agora, Dona Maria, e pra gente encontrar esse homem?

E eu disse:

- A gente vai agora na casa dele.

Minha filha... de primeiro eu era uma mulher resolvida, tudo era fácil, tudo eu resolvia com facilidade, hoje acho que tenho preguiça, falta de coragem, falta de saúde, já to muito velha... acho que é isso. Mas de primeiro, pra mim tudo era fácil...

Meus filhos eram pequenos: eram cinco... uma escadinha... - eram dez, e eu não achava nada difícil, graças a Deus criei foi tudo. Fomos na casa do Mineiro, eles pagaram o terreno, e eu já fiquei com ordem de receber o material que ia chegar.

Quando chegasse o material... eu tinha que avisar que dia que tinha chegado... porque às vezes... a gente compra e demora... naquele tempo demorava muito mais. Veio a carroça e trouxe a madeira doada, depois a carroça veio deixar um cimento, eu sei que daí começou... Liguei para ele avisando que já tinha chegado o material, que agora era pra eles darem um jeito no pedreiro e no carpinteiro, falei, e eles diziam:

- Ta, Dona Maria, a gente vai aí e conversa de perto.

Nós já se entrosemos, e vai lá e vai cá, vamos marcar o dia para vir os trabalhador. Aí os pedreiros e os carpinteiros chegaram por aqui...

Os que veio trabalhar aqui tinha o cafezinho, tinha a aguinha para beber, na hora do almoço iam almoçar, voltava e a gente conseguiu fazer três salas e um fogãozinho, uma coisinha assim, uma latada – porque a gente chamava latada -, uma latadinha, só tinha um quiosquinho onde a gente guardava as panelas.

O fogãozinho ficava por ali, um lavadorzinho que fizeram de tábuas, que era para cortar verdura, e os bancos da gente sentar eram uns toquinhos de pau, umas mesinhas enfiadas no chão... um pau no meio e a mesinha ali no meio... e ali naquele monte...

Tinha também um pé de ingá, bem altão, bem grande o pé de ingá, e ali... era onde a gente fazia tapete, pintura, fralda de criança, enxoval de nenê. A Cleonice, lá do Bezerra¹⁷, e a Clarisse, eram umas das professoras daqui dessas coisas, e a Cecília... não sei se você conhece... estudou no Bezerra de Menezes, trabalhava aqui junto comigo, também, tudo misturado.

Elas vinham, traziam lanche, eu fazia um suco aqui, levava, fazia um café, que elas gostavam muito de café... e nisso a gente ia se entretendo, duas vezes por semana a gente tinha isso, era muito animado aqueles dias da semana... agora é também, mas de primeiro era um pessoal mais humilde.

Aquelas pessoas, aquelas mulheres... tinha delas que não sabia fazer nem um embainhado, sabe aqueles embainhados? Tinha muitas mulheres que não sabia fazer...

¹⁷ Bezerra de Menezes é um Centro Espírita localizado no centro da cidade de Porto Velho.

Ainda tem um pouco de gente humilde aqui, mas pouco... primeiro porque tem muito orgulho hoje, o pessoal, tem rua, tem isso, tem aquilo... de primeiro você morava debaixo de uma casinha de palha, Deus o livre! você dava graças a Deus quando um vizinho dava água para você puxar...

Nós... quando nós morava ali, na outra casa, a gente ia pegar água lá perto do colégio estadual, tinha uma mulher lá que... até hoje ela mora por aqui... foi a primeira que fez poço por aqui e a gente pegava água de lá, *ixi*... nós botava era os meninos, eu, meu marido, tudo com latinha na cabeça... com água para beber, para lavar roupa... a gente ia lavar lá...

Isso aqui foi muito sacrifício... aí foi quando começaram o GEFA... e fizeram um poço. Pra mim ficou mais fácil, porque já tinha um poço, eu tinha autorização, tirava a bomba, e colocava a bomba. Depois... esse Adão inventou de deixar a bomba lá dentro e fazer na boca do poço... aí já veio a torneira, foi ficando mais fácil...

Ficou chique... quando a gente puxava o balde do poço... puxava na corda né? puxava, puxava... aí quando chegava na boca do poço, o balde emborcava pra baixo e *blulululu*, caía de volta pro poço... ô raiva meu Deus! ninguém sabia fazer isso não, aí foi que aprendemos aqui, porque lá pra onde nós morava, como eu já falei, é rio grande... aqueles igarapés afluentes é muito... era muita água... e a gente aqui tinha que pegar aquele pouquinho de água no balde... era ruim demais... Começou assim...

Logo que o GEFA começou, eu ainda demorei muito a morar nesse terreno. *Ixi!*, eu demorei muito... Depois, eu passei a morar praticamente dentro do terreno do GEFA, era só eu que cuidava, naquele tempo não tinha esse mulheral pra ajudar, era só eu pra capinar, eu capinava, eu varria, eu limpava casa, encerava casa, os pisos ali dentro... ih! Eram tudo tão verdinhos! Hoje não... já tem muitas voluntárias, como se diz, muitas trabalhadoras e eu já não tenho mais forças pra fazer tanto, mas de primeiro era eu e eu mesma... e aqui era um sapezal, um sapezal.

Às vezes eu combinava com o Adão, com Adailson, com o Flávio, Jean: “A gente vai fazer um mutirão” Aí um dizia: “eu vou trazer o arroz, o feijão, uma carne assim... e a senhora tome de conta do terreno!” Eu ia atrás das mulheres que queriam vir, que não queriam, sempre era mulher. Às vezes tinha o meu genro que vinha, ele morava ali na frente... mas o resto... mais era mulher. Dessas mulheres

que me ajudavam aqui, hoje... tem poucas aqui, muito poucas. Tem umas que mudaram, outras que já morreram, outras foram pra longe... então tem muito poucas daquele tempo, do começo, tem muito pouca gente.

Aí depois que nós fizemos a casinha ali... ainda fomos roubados uma vez, coisas do nosso bazar. Tinha uma cozinha... só tinha umas panelinhas, uns pratinhos, as facas, os garfos, as colheres... a gente deixava lá... negócio de rancho que sobrava, a gente distribuía tudo e o que não distribuía eles mandavam guardar lá em casa. Os ladrões entraram, roubaram balde, roubaram panela...

Os tios com a graça de Deus conseguiram fazer o refeitório... o refeitório não, esse salão aí, foi o primeiro... O Adão foi pedreiro, o Adailson foi pedreiro, o Nilson foi pedreiro, um magrinho que morava aqui... e afinal de contas, mestre mesmo de pedreiro, de carpinteiro só tinha o Geno, esse meu filho aí que passou ainda agorinha aqui. Meu filho e o compadre Jesus, que era vizinho aqui.

Falaram com eles, e eles vieram ajudar, faz de conta que eram os mestres deles, era pra fazer assim, assim... e eles "Ô! Mestre de obras, esse!" e foi assim que esse GEFA foi fundado. Aí já fizeram o refeitório, levaram dois anos pra fazer o refeitório...

Quem sabe quantos anos tem o GEFA é o Adailson, ele que tem o caderno que ta anotado, mas ta com dois anos que ele e o Marcos Maia, lá do Bezerra de Menezes, veio aqui e falou que não ia embora sem antes dar um abraço nessa mulher... – que sou eu - que tava com 17 anos que ele tinha visto ela, e ela tava do mesmo jeito.

O Dr. Marcos, marido da Clarisse... ele vinha muito aqui, muito, muito... depois mudou para o Bezerra, né? Aí eu só vejo ele mais no Bezerra. Mas Já ta com uns dois anos que ele falou isso, foi no dia de ano que ele veio fazer uma palestra aqui. Acho que já tem mais de 20 anos. Então é... Eu acho que... Só de morar aqui, quando meu marido morreu... eu já morava aqui dentro.

Encostadinho do GEFA acho que está com uns oito anos. Eu passei três anos ali na frente, nessa mesma rua, é ali... a gente vai nessa mesma rua e logo ali tem um terreno *coisado*, cercado com madeira que nem essa aqui, só que é preta, pintaram de preto, é logo ali pertinho.

O GEFA é muito importante para a comunidade... É muito, sabe por quê? Assim: O GEFA acolhe muitas pessoas que tem necessidade... Veja bem, se uma

criança adoece, às vezes o pai não tem dinheiro pra pegar um carro e levar para o hospital, ele... Eu mesmo já tenho arrumado o telefone aqui para ligarem para o Adão, o Adailson, pro Flávio, pra eles lá... pra aquela mulher do Tico, a Keilane. O carro vem buscar, leva no hospital, medica, às vezes interna, às vezes não fica internada, mas vem deixar aqui de novo, então eu acho importante.

Já teve médico cuidando deles, aqui, de nós tudo aqui mesmo... agora tamo tendo de novo. Esse médico que ta aí foi minha invenção... é o Dr, Fernandes... eu não consegui ele, eles me conseguiram... assim: eles estavam fazendo uma reforma na enfermaria dele e lá era misturado, mulher gestante, criança, dentista, ginecologista, não sei o quê, e ele é clínico geral, aí a enfermeira que trabalha junto com ele me procurou porque já tinha ouvido falar aqui do GEFA.

As meninas, as agentes já tinham vindo fazer multi-mistura¹⁸ aqui, tinham pedido a cozinha pra fazer uma multi-mistura pras crianças, aí eu sempre lidava com elas, elas fizeram... parece que falaram com o médico aí... a menina veio aqui, a chefe. Eu disse:

- Dona menina, por agora ta meio difícil, porque as salas tão todas emprestadas para a Prefeitura, a gente tem seis salas, o refeitório e tem o salão de palestras... mas a semana toda a Prefeitura ta dentro, agora tem o salão que não tem atividade dia de sábado, sexta-feira, e às vezes também quando a gente quer fazer um encontro, uma reunião... é assim...

Disse isso e ela...

- Não dá para a senhora arranjar?

Aí eu pensei assim comigo, será que o Iran não vai achar ruim? Porque sempre eu trabalho com alguém na frente, não vou resolver, eu penso assim: "se eu trabalho com a Sheila, a Sheila que me passa as coisas para eu fazer, então qualquer coisa, eu tenho que falar com você, né?" Aí foi assim... eu disse:

- Olha, não vou te dizer que arranjo o salão porque só depois de eu conversar com o Iran. Depois que eu conversar com o Iran eu te dou uma resposta .

Pra ela, e pro doutor ... aí ela falou:

- Ta ótimo Dona Maria, ta ótimo!

Sempre na terça-feira eu vou pegar meu remédio, tenho que marcar uma ficha lá naquela associaçãozinha que tem aqui, aí ela disse:

¹⁸ Composto de farelos como folha de mandioca, arroz, trigo, sementes de abóbora e gergelim, que o objetivo de combater a desnutrição.

- Quase toda terça-feira eu estou aí.

A gente ficou se encontrando quase todo o tempo.

- Qualquer coisa eu venho aqui...

- Ta bom...

Quando foi de noite, o Iran veio aqui e disse que era pra me dar um beijo, aí eu:

- Ah, Iran... eu tenho uma proposta pra te fazer...

- O que é? Ainda não fez não?

O Iran é engraçado... digo:

- Não. É que um médico ta sem lugar, ta sem abrigo.

- Como assim?

- Ta ocupado o consultório, não sei bem como é. Ele pediu uma sala aqui, falei que tinha só o refeitório, o salão, e ela topou o salão... se a gente pudesse arrumar...

- E não arrumou por quê?

Eu disse:

- É porque eu não tinha falado com você, meu amor!

E caí na risada. Ele disse:

- Não, Dona Maria, o que a senhora fizer aqui ta feito! a senhora sabe disso.

E eu disse pra ele:

- É... mas a gente não conversa com os porcos não, conversa com o dono dos porcos.

Ele disse:

- Dona Maria, ta certo, a senhora pode arranjar...

Aí a gente ta tendo um médico aqui, uma vez por semana. Mas é toda semana, toda semana, quer dizer... pro médico vir mesmo é só uma semana, mas a gente tem aqui as reuniões delas, tem dentista que vem fazer estágio aqui, tudo isso, é de muita serventia, ele dá encaminhamento, fala com as pessoas.

Aqueles velhinhos que chegam já com um bastão... muitos deles até desmaiavam quando chegavam no hospital... A gente pega o ônibus aqui pra ir pro Ulisses uma hora da tarde, o sol quente, quente, quente... eu cansei de ir, e vou de novo, quando sair daqui tenho que pegar meu remédio... Agora tão trazendo pra cá... quinta-feira é entrega de remédio.

O médico veio pra cá por conta mesmo, porque não tinha local pra trabalhar, mas é coisa assim, por nossa conta. É voluntário. Pois é, e tudo isso eu acho que tem alguma serventia. Mais eu não sou importante não! Parece que as coisas caem assim... do céu! Porque... Sheila... eu não sei ler, não sei escrever e não sei como é que eu consigo fazer as coisa sabe? Conversar... resolver... mais antes eu parece... parece que eu tinha força...

A maioria dos velhinhos que ia pegar remédio pra pressão lá no Ulisses mora tudo aqui pertinho, e pra eles é uma maravilha, eles falam: “Ai, graças a Deus!” Porque o médico ta vindo pra cá, e eu também, porque toda sexta-feira eu ia e pegava no Ulisses.

Quando eu ia pro Ulisses, sexta-feira, ainda tinha que pegar uma pessoa pra ir comigo, porque eu tenho medo de andar só... e as meninas não querem que eu ande só... aqui não, eu vou, arranjo, marco minha ficha, quando dou fé elas gritam:

- Ê Dona Maria, ta na sua hora!

As vezes eu nem to avexada... elas vem pra cá:

- Vambora, vambora... a senhora vai ser a segunda

É bom... é pra muitas pessoas, porque às vezes chega criança... ele não cuida de criança, mas dá umas condições, se aquela mãe não tem como ir pro hospital, ele pega, manda um daqueles agentes ir deixar de carro no hospital fulano de tal, aquilo eu acho que é uma boa parte... porque se eu não tenho como fazer uma coisa e você tem e faz por mim, eu vou lhe agradecer pro resto da vida, né? E é o que acontece aqui com muitas dessas mães, desses pais.

É igual a sopa, essa multidão de gente... Todo domingo tem essa multidão de gente, é muito bom, sei lá... E não é só aqui que tem essa sopa, tem essa sopa em muito canto aí, lá no Jacó¹⁹, ali pro Marcos Freire... Maninha... o pessoal passa muita necessidade aqui.

A sopa ajuda muito, mas é um dia de domingo só! mesmo assim, eu tenho alegria de dizer que com essa sopa... que almoçam, comem junto, levam pra comer em casa, tem gente que até sexta-feira ainda toma sopa, porque põe na geladeira, põe água, mistura, põe mais uma verdura, uma coisa, um pedacinho de carne mesmo... aí até sexta-feira come da sopa.

¹⁹ Referência ao Centro Espírita Irmão Jacó, localizado no município de Porto Velho.

Quando é domingo já leva de novo... então tem muita serventia essa sopa, sem falar nas doações que a gente ganha, porque quase todo dia trazem sandália, trazem roupa, alimentos mesmo, negócio de bolachinhas, leite, então... eu acho que tem muita serventia, sem falar nas orações que a gente faz, pedindo a Deus.

O alimento da alma é muito bom, é só escutar aqui... por aqui por perto, pra rezar, pedir pelos outros... Quase tudo eles me procuram, quer dizer que não corri atrás, não procurei... o Adão é que diz que eu caí assim: de pára-quedas aqui! Eu morro de rir...

Eu tava perguntando pra Dona Maria, outro dia... Semana passada veio uma Dolores aqui, não sei quem é ela, aí fui perguntar da Dona Maria se ela conhecia alguma Dolores, ela disse:

- Não, conheço não, por quê?

- Porque veio uma Dolores aqui fazer uma entrevista comigo também, só que foi assim: ela queria saber o que a gente precisa mais aqui, o que a gente gasta, foi isso aí...

A Dona Maria disse que não sabia. Foi o Durlim que indicou essa Maria para a Dolores, porque ela chegou aí no portão e dizia: “Dona Maria se encontra?” Ela tá sabendo que eu moro aqui, e eu não conheço ela.

Eu to achando que é alguma ajuda, tô esperando que sim! Pelo jeito... Porque no final ela perguntou “E agora, agora, o que é que o GEFA tá precisando mais? Nós também temos netos, vou chamar ela de senhora: “Dolores, na realidade, se a gente for falar a verdade mesmo, o GEFA precisa de muitas coisas, louça, balde, material de limpeza”. Ela disse que trabalha numa empresa... agora não disse empresa de quê, aí por isso que eu digo que talvez seja alguma ajuda porque ela perguntou o que é que ele tava precisando para agora mesmo, de mais necessidade.

Foi quando eu falei:

- Olha, precisa de muitas coisas, agora mesmo a gente tá passando por falta de balde, os baldes tão todos sumindo, até mesmo de vaso de lixo, lixeira, a gente tá precisando de muitas coisas: faca, colher, de quase tudo... bacia, balde...

Ela foi anotando no papel, e eu fiquei olhuda, né? Quem sabe vem alguma coisa pro nosso povo... Eu acho que vem alguma coisa...

Ela falou numa Maria das Dores, eu pensava que era que freqüenta aqui, a Florzinha... mas não era, acho que não, porque eu perguntei a Dona Maria se ela conhecia alguma Dolores e ela disse que não.

Quem foi essa Maria das Dores que me ensinou pra essa mulher? Que me indicou? Até hoje não sei... Eu sei que eu só contei o que perguntou, que a gente não tinha ajuda aqui de políticos, de alguma coisa. A única ajuda que a gente tinha, aqui era do Fome Zero, com verduras...

Tava me lembrando agora... Quando os tios pediram pra fazer a sopa aqui, eu tive que pedir pro Raimundo. Eu não sei, se ele não tivesse deixado fazer a sopa aqui em casa, como é que ia ser.

Era uma briga porque ele se sentia... o Adailson sabe disso. Foi o Adão, o Adailson, o Nilson, o Dr. Fernando que veio conversar com ele, pedir para fazer a sopa.

Eles procuraram primeiro eu, porque o Raimundo era uma pessoa muito calada, se você perguntasse uma coisa dele ele dizia: "sei" ou "não" pronto! aquilo ficava naquilo mesmo, ele não era de conversar, então todo mundo que chegava só procurava mais conversar comigo, e às vezes ele ficava chateado...

Quando foi para gente vir para essa casa, ele dizia que não vinha porque não tinha feito nada na casa, não tinha trabalhado, não tinha feito nada, como é que ele ia morar em casa dos outros. só sei que foi um... O Adão sabe disso, conversou muito com ele, o Edmar dizia:

- Seu Raimundo, a casa é da Dona Maria, quanto tempo a Dona Maria trabalha junto de nós? e nós só dava besteira para ela, não dava nada de valor. A Dona Maria tem direito de alguma coisa...

Ele ficava calado, aí quando foi um dia, nós brigamos, eu peguei e disse:

- Olha, eu nunca entendi direito esse negócio de religião. Se tu trabalhasse seis anos – porque tava com seis anos que eu trabalhava com eles aqui, naquele tempo eu trabalhava, hoje eu não faço mais nada...

Já tinha seis anos que eu administrava, aí eu disse:

- Se você estiver num lugar, trabalhando sozinho numa firma – aquilo ali não é firma -, mas se você trabalha numa firma e quando completar quatro anos, seis anos e tiver direito a uma indenização você não vai receber não? Aí ele ficou...

- Você tem direito, mas eu não.

Eu sabia que isso aqui não era uma firma, mas falei para ele entender, foi os anjos que botaram essas palavras na minha boca, quando eu disse isso para ele... Eu queria que ele sorrisse de alegria quando visse que nós tava se mudando para cá! carregamos as coisas miúdas num carrinho de mão, aí ele dizia: “Sai do meio menino, sai do meio menino!” tava contente...

Quando mudei para cá... Nessa casa daqui... morava mulher sem marido, na outra morava um casal, um velho com um bocado de filhos, um homem enxerido que de acolá dizia as coisas para mim, eu ficava desconfiada... quando foi um dia eu disse pro Adailson. Ele mexia comigo e dizia: “Ah, mamãe”.

Todas as voltas que eu dava aqui ele dizia: “psiu”. Chegava perto de mim, dizia tanta coisa para mim, que eu falei:

- Vou dizer para o meu patrão que você é enxerido!

- Mas eu gosto de você...

Ele dizia. Tinha uma cerca de arame aqui, daqui para cá era casa dele, ele só faltava quebrar o arame quando eu tava lavando roupa...

O Adailson comprou o terreno aqui do lado, que era dele, deu outra casa para ele e ficou com esse terreno. Deu outra casa não, deu outro terreno e a madeira, material para a casa, aí ele saiu daqui. Ainda quando ele passa aqui fica dizendo: “Oi, Dona Maria!” É enxerido! o homem é enxerido! Eu tinha uma raaaiva!

Eu esqueci de falar uma coisa... então... a gente morava num lugar no interior, num riozinho pequeno. No primeiro eu fiquei só mais o marido e um cachorrinho pequeno, era a minha companhia... quando foi no meio do ano tive meu filho, esse que passou agora. Ficamos lá morando... quando foi bem no meio do verão ele arranjou um vizinho para ir morar lá perto de nós.

A mulher desse vizinho era essa que estava gestante, que... bom, aí fizeram a casa deles, o terreiro era um só, um varria, ela varria, e a barriguinha dela crescendo. Eu já tinha tido meu filho. Quando chegou no mês dela ter eu sempre dizia:

- Olha, vocês têm que ir atrás de uma parteira, porque nós aqui, somos crianças na sabedoria... não sabemos de nada!

- Ta, eu vou buscar.

Tinha uma fulana de tal: Maria Pequena, era o nome dela, que dizem que era parteira do rio Pauini, todo aí! E ela dizia:

- Vou buscar a Dona Maria Pequena...

- Pois é, porque eu não sei de nada! Não sei fazer parto, não!

Sei que o tempo foi passando, passando... e um dia a mulher começou as dores, a gente tinha um modo de tomar café, uma na casa da outra para não gastar muito, de manhã:

- Vem tomar café aqui!

Lá ia eu... quando era no outro dia eu dizia:

- Vem pra cá!

A gente vivia, graças a Deus, muito unidas... aí quando foi nesse dia ela foi lá pra casa tomar café, tomou o café e disse:

- Comadre eu já vou

Eu era madrinha da primeira filha dela, a Marilinha...

Ela foi embora, mas assim que ela saiu, a menina chamou:

- Madrinha, a mamãe disse que era para a senhora ir lá já já...

Aí eu disse essa palavra: “essa idiota, eu não vim de lá agorinha?” voltei para lá, quando cheguei lá, ela estava segurando num pauzinho, uma varica de botar para estender toalha... ela tava segurando... parece que tinha dado a dor... parece não, que tinha! e que eu olhei... minha filha, tinha *coisado* a água, estourado a água, aí me deu aquele frio, aquele frio, eu digo: “meu Deus!”. Eu não conseguia nem falar com a mulher.

Eu com 17 anos de idade, não tinha nem completado os 17... aí com o tempo foi passando aquele frio, foi me dando assim... sabe quando a gente ta com muita febre que a febre passa? Foi me dando aquela coragem, aquela força, ela disse:

- Comadre, eu vou ter ele agora e não vai demorar.

Ela já era acostumada a ter filho... sabia a hora, né? E eu:

- Pois então vamos se arrumar!

Eu brincava com ela... sei que por lá fizemos uma cama... cama não existia, era só rede mesmo...

Deixei de modo que ela ficasse encostada assim na rede e disse: “Deus vai querer que seja tudo aqui, porque não tem outro jeito”. Ela tava muito nervosa... primeiro ela tava muito nervosa, depois começou a me dar uma coragem, dizendo que era assim mesmo, que a outra, a primeira filha dela... ela tinha tido nas pernas

de uma velha, mas eu disse: “Eu não vou segurar nas minhas pernas não. Era nossa conversa lá... aí ta...”

Sei que Deus abençoou que de repente ela teve a criança, eu limpei, ajeitei, nem dei banho, só fiz limpar... peguei o umbigo, coloquei n’água, aí tudo bem, vamos cuidar dela.

Pelejei, pelejei, botei na rede... Deus dá força à gente nessas horas, aí bom... agora, vou cuidar do café para vocês, eu e ela só com aquele café da manhã, já eram uma 10, 11 horas e nós naquela luta.

Fiz um café, tomei com tapioca, ela não quis, aí fiquei cuidando dela, quando foi uma hora pra duas horas, o beleza do marido dela chegou e eu dizendo para ele:

- Que horas beleza!

- Mas o que aconteceu nessa casa que a senhora me recebe com um ‘beleza’?

É mesmo que estar vendo esse Eurico, bem baixinho ele...

- Bobó, o tanto que eu te pedi para você arrumar uma parteira!

- Que aconteceu? Não ta tudo bem?

- Ta, graças a Deus! tá tudo bem.

Me agarrou, me deu um abraço, me deu um beijo, e eu falei:

- Não é para se acostumar, não! você não sabe o frio que me deu!

Foi assim: ela ficou debaixo do meu domínio, eu tinha que fazer as coisas para ela, porque vida de seringueiro você já sabe... ele passou só dois dias em casa... naquele tempo a mulher tinha um filho, se levantava com três dias, ficava deitada, não fazia força. Tinha que botar ela no bacio, tirar... e eu não tinha força, até dava um jeito, mas tinha ele, eu falei:

- Você vai passar três dias aqui!

eu briguei com ele... pra ver se ele ficava mais tempo...

Ele passou os três dias... ela falou que estava com dor e ele começou a cuidar dela... Eu fazendo as coisas para ela, lavando, passando as fraldas do nenê, limpando casa. Arrumava minha casa e...

As vezes primeiro eu arrumava a casa dela, dava banho no nenê e depois vou pra a minha e assim foi nossa vida, ele saiu de lá com três anos, bonito ele, branquiiinho... Foi meu primeiro parto.

Depois eu fiz mais, o pessoal falava: “A dona Maria entende!” E eu dizia:

- gente, pelo amor de Deus, eu não entendo não.

Eu não sei porque pensavam que eu sabia, mas eu não sabia mesmo não, não sabia e nem sei...

Depois uma mulher por lá arruinou-se também, queria porque queria que eu fosse lá para ver se a barriga dela estava normal aí eu digo:

- Eu acho que você já vai ter.

- Você acha?

- Acho...

Porque nas experiências das parteiras a barriga da mulher fica uma bolinha assim... e a dela já tava aquela bolinha, já tava tendo um sinal.

Eu disse:

- olha a senhora deve cuidar, deve procurar um hospital...

Ela foi ao hospital, o médico fez toque e disse que ela ia ter lá por de noite, que dava para ela voltar para casa. Isso aí já foi aqui em Porto Velho...

Teve vez que foram me buscar de canoa, quase que eu me alago na canoa mais o homem... e a mulher lá na casa sozinha. Pois não é que a mulher foi para o hospital, acho que você até conhece ela, a Cíntia, ela morava aqui, é sobrinha desse homem careca da esquina... ela foi para o Hospital, eu achava que ela já ia ter, mas o médico disse que não, que ela ia ter lá por de noite e talvez nem por de noite ela tivesse.

Eu morava nesse lado esquerdo e a mãe dela e ela desse lado direito, eu perguntei e a comadre Nete falou:

- Não quiseram ela no hospital, o médico disse que não é para agora não.

Eu disse:

- Por que a senhora não faz o parto da sua filha?

E ela:

- Ai Dona Maria, não tenho coragem não!

Aí foi só eu entrar que lá vinha a Cíntia. Fiz o parto, puxei... deu certo. A menina ta todo dia aqui, ta moça já.

Eu fiz um parto muito difícil! E por causa desse parto difícil que eu nunca mais fiz parto, ta com uns dois anos que não faço parto, porque a criança nasceu morta, ela mandou me chamar lá...

Foi ali nessa travessa, na rua de baixo, é a filha da Marlene. Acho que você conhece a Marlene também, uma velhinha. Ela mandou me chamar lá, que já tinha não sei quanto tempo que ela sofria... ia para o médico e não resolvia, aí cheguei lá... ela andando de um lado para outro, mas não me disse que tinha caído, não me disse que o menino não mexia, só andando... e eu disse:

- Não será bom passar um óleo?

Porque no interior a gente passava coisa, balançava nas cadeiras...

Falei:

- Olha... eu vou fazer do meu jeito...

Peguei guiné, encostei a mão na barriga da mulher, mas olha... você podia encostar num poste que estava mais quente! ela tava gelada, gelada, gelada! A barriga é quente, mas a barriga dela era gelaaaada ... eu falei:

- Mara, você não caiu não?

Ela disse:

- caí, mas já faz dias.

- Você sente essa criança mexer?

E ela:

- Não Dona Maria... ta com uns três dias que ela não mexe.

Aí eu fui ficando assim cabreira...

- Menina, tu devia ir era num médico...

Mas naquele tempo aqui não tinha muito médico, a gente corria atrás de médico, ter tinha... mas não tinha carro, não tinha moto, algumas bicicletas que andavam pelo meio do sapé... aí sei que lá vai, lá vai, lá vai e a Marlene disse:

- Dona Maria, eu já to tão cansada de ir com a Mara para o hospital e os médicos só dizem que ta bem, ta bem...

E dizem que ela já estava com uns cinco dias que perdia água e eu não sabia. Só sei, minha filha, que quando chegou na hora H que eu vi a criança... Só peço pelo amor de Deus, aí eu falei... Tive coragem e fé em Deus com ela... ela fazia aquela força e eu pensava comigo: “essa mulher vai desmaiar” e eu me apegando: “meu Deus do céu, Deus é muito bom, Deus ta em todo o canto contigo! Porque a criança estando viva, ela se ajuda, né? se vira...

Quando se virou assim com o pezinho... eu conheci que tava morta... já desconfiei quando passei a mão na barriga dela e tava gelada... aí minha filha, fui

ajudar a mulher fazer força e a criança veio até por aqui assim, pela barriga, e eu dizia: “Força, força”.

Aí também eu parei, fiquei ali, só esperando vir o empuxo, aí quando veio aquele empuxo mesmo, veio a nenê... tava com três dias que tinha morrido aí eu disse: “Meu Deus, agora eu fiquei com medo! Eu ajeitei ela para o velório... a bichinha, bonitinha... só tava roxa, você jurava que tinham botado ela numa coisa assim como...”

Eu peguei ela, cortei o umbigo, limpei, coloquei no caixão. Tava... parece... que com sete meses, oito meses, daí eu fiquei com medo. Liguei para esse Adão, que estava por dentro do caso, quantas vezes já tinha levado ela para o hospital e tinha trazido... liguei para o Adão e contei todas as condições, ele disse: “Ai, Dona Maria, a senhora então dê lida a esse povo porque a polícia não quer saber se já morreu, se acabou de morrer, aí a senhora conta a história lá para o Delegado” Aí que eu fiquei nervosa mesmo!

Tinha muitas provas que a criança tinha nascido morta, sei que eles veio bater aqui na minha casa... o Adão e o Flávio. Entraram por um lado, viram a menina. Chegaram, ficaram assiiim... “Vamos para a Delegacia”. Minha filha foi logo dizendo: “Tá vendo, mamãe, com esse negócio de fazer parto!” eu só sei que contei minha história todinha, lá na delegacia.

Fui no delegado, mas nesse dia só dei o depoimento, contei como tinha acontecido, aí o homem lá disse: “A senhora vai ver o delegado na segunda-feira”. Fui relaxada mesmo, sem nervoso, sem nada.

Segunda - feira eu fui... cheguei lá, e o Delegado ainda não tava. Quando ele chegou, olhou assim para mim e disse:

- bom dia, Dona Maria Ferreira! A senhora quer tomar um café comigo?

Eu disse:

- aceito...

Chegou o cafezinho na xicarazinha, ele disse:

- Dona Maria, a sua história é meio complicada! Bota complicada nisso!

E eu pensei: “É agora!” Ele tava com o depoimento, ai a Polícia é uma coisa, né?

Ele riu, já tinha visto, mas quis que eu contasse tudo de novo, aí eu contei. Bateu com a caneta em cima da mesa e disse:

- Dona Maria, nessa hora até eu tinha dado uma de parteira! a senhora não vai ser presa porque a pessoa pra fazer o que a senhora fez, tem que ter muita coragem! a senhora fez o que devia e o que não devia, não por a senhora ter feito coisa demais, é um dizer: fez o que sabia e o que não sabia, mas tentou fazer.

Tudo bem, aí ficamos conversando, ele me deu um abraço, disse que eu tinha feito a minha obrigação, que naquele caso até ele teria feito. Ficamos amigos e todas as minhas agonias eu conto pra ele, qualquer coisa eu corro para ele, mas daí fiquei nervosa, e as meninas também: “Mãe, não vai não!”

Quando foi no parto da Lusa, que ela teve o meu neto, aquele branco... ai meu Deus! eu tava com medo, não sei se é porque é sangue da gente, ela é muito branca, quando dava aquele empuxo ficava da cor de uma pimenta.

Ela olhava para mim: “Ô mãe, eu não agüento mais! “agüenta!” Quando o menino nasceu... minha filha! O menino pesou quase quatro quilos! Eu vendo que aquele menino era muito grande... até que graças a Deus ela conseguiu, quando o menino nasceu ela desmaiou.

Atrás desse parto que eu tinha feito morto, lá vem esse... aí eu: “Ai meu Deus do céu!” Mas graças a Deus ela está aí, e depois ainda teve mais outro, grande também, só que não quis mais fazer parto, ela foi pro hospital... meus neto... só os que eu não peguei foi o caçula dela e esse daí, que ta no quintal.

Peguei quase todos. Ia pegar a bisneta, essa que nasceu agora, mas não quis não! nem me chamem! aí a Neide disse: “não! Ninguém mais vai botar a mãe em boca quente não!”

Eu não lembro quantos eu fiz, sei que daqui foi oito, aqui em Porto Velho, mas em Lábrea não tenho a conta não. Lá no rio Pauini foi um, lá em Lábrea talvez tenha sido uns dez, foi bastante, eu não sei.., perdi as contas... agora aqui em Porto Velho foi oito. Tenho esse que trabalha no supermercado, tem essa menina que mora aqui, e os outros não sei por onde andam, estão grandes... só tem dois pequenos. Aquela da Vanda, essa menininha daqui da rua foi... e o irmão dela também.

Me judiaram foi muito, quando foi pra ver esse pretinho eu disse pra Neide: “ah Neide, to tão nervosa” assim... O nervoso que eu tive foi ter a criancinha ali, eu quase choro, e também a minha vista, às vezes não tinha parteira de noite, eu tava ali, digo: “Não vai dar mais para mim”, mesmo colocando óculos ficava difícil porque

a gente tem que ver como é que a criança vem e tal, e eu tava achando que não dava mais conta...

Se fosse de dia tudo bem, mas ninguém vai escolher a hora né? Então eu digo “não! mesmo porque não tenho carro e tem muito hospital para fazer essas coisas”, aí os meninos todos não queriam mais, por eu ter ido na Delegacia, mas eu tinha que ir porque talvez se eu não fosse até alguém ia dizer que...

Então eu fui, então por isso também. Só sei que parei... às vezes eu venho, passo a mão na barriga, ajeito, vou na casa da mulher, ela pergunta: “será que é pra já”? Eu digo “não sei”. Às vezes é para já, às vezes não é, mas fazer parto mesmo... tem dois anos que eu não faço.

No interior a gente faz os cueiros, as fraldinhas, as camisinhas deles e deixa tudo espalhado, aí põe água no fogo, esquenta um óleo, esquenta assim na mão, passa na barriga da mulher, faz um chá de pimenta do reino... do que mais Senhor? Tem gente que faz até de gengibre, mangarassaia, óleo de peixe elétrico... um óleo doce, um azeite doce, pois é... dá massagem na barriga da mulher, nas cadeiras, aí bota a mulher pra andar, enquanto estiver agüentando.

Umam andam mesmo, outras ficam reclamando... a gente tem que ser dura porque se fizer denço para aquelas mulheres aí que... Fica quietando, tem que escorar, aquelas que a gente já conhece há muito tempo a gente dá um carãozinho, sei que é assim... quando tem a criança ficam compadres...

Eu vi ali naquele hospital, na Policlínica os médicos fazendo toque na mulher e a criança não vinha, não sei como é que tava aquele menino. Aquele parto não era pra mim, a menina veio me chamar, aí fui lá, quando cheguei não entendi, o menino tava assim atravessado...

A gente via, ele vinha nascendo assim de ré, aí quando vi falei: “Esse parto não é para mim!” Parece que Deus me deu aquela... “Olha, esse parto não é para mim, não! não consigo... não sei nem como é que essa criança vem, aí tinha um carro, estavam carregando capim nesse carro, sei que peguei o carro e fui com ela para o hospital.

Minha sobrinha, ela, a Janete... quando cheguei lá no hospital tem uma enfermeira lá que me conhece, ela disse:

- Vem nascendo?

Eu disse:

- Quase!

Ela já acompanhou, já levou e me chamou para eu acompanhar ela, aí entrei, foram chamar o médico... o médico entrou, já foi botando as luvas aí puxou, só o cocô do nenê. Ele saiu e falou assim: "Ô, mãe... tem que transferir ela para o Hospital de Base, aqui não consegue, ela vai ter que ser operada".

O nenê tava cagando, fez tanta força que ele tava defecando, aí quando ele meteu o dedo, com a luva, saiu o cocô... eu voltei para o balcão pra fazer a ficha e fui com ela. Ainda bem que deu tempo...

Não sei se era bom ou era ruim, porque como ela ficou naquela posição aí acabou de dobrar, porque Deus dá um jeito... dor, dor... a dor tinha maltratado demais ela, ela ficou inchada... fui lá pro hospital com ela, só que não vi na hora que tiraram... fiquei lá fora aguardando.

Tiraram a criança e a moça veio me avisar... fui lá, não sei bem o que fazem das crianças que nascem antes do tempo, não sei pra onde foi, porque não veio para casa, não. Perguntei, e disseram que ia ficar lá, liguei para o meu sobrinho ir me buscar.

Foi difícil o parto dela, muito difícil mesmo. Acho que só podia estar emborcada a criança porque ele mostrou os *quartinhos*, dava de a gente ver benzinho os *quartinhos* dele.

Eu não tinha condições de fazer esse parto porque ali, tinha que virar ele, e como que eu ia virar? tem parteira que vira, agora... tem umas que não viram. Eu, no meu caso, que não sou parteira, que só *arremendo*, não sei como virar. A gente ajeita, se por acaso estiver assim, virado... Através de massagem. Isso aí eu sei fazer, graças a Deus tenho feito muito, mas se por acaso estiver com a cabeça pra cima e os pés para baixo eu não consigo de jeito nenhum. Nesse caso é difícil.

Dizem que nascer de pé também é normal, só que eu tinha medo, mas eu fiz dois partos assim e foi normal. Mas a mulher sofre demais porque sabe o que eles fazem? Quando eles vinham de pé eu já sabia... mas não, porque eles são gerados assim... Quando ele vem nascendo que a gente tá com a mão ali para pegar a gente vê benzinho.

É muito bonito, os pezinhos assim e os bracinhos... Na hora que ele cai nas mão da gente ele solta as mãos, muito lindo! Às vezes não chora, mas já largou as mãos, é muito lindo, muito lindo!

A minha neta, acho que você chegou a ver uma que morava aqui comigo... Foi eu que peguei ela também, e adivinha como? No escuro! Ela tava com dor, com dor, andando. As lampadzinhas daquelas apagadiiiiinhas... falei pro meu filho: “Vamos mudar essa lâmpada que eu não to enxergando é nada”. Desde aí que eu não tava enxergando mais, aí ele foi mudar a lâmpada... no que ele tira a outra lâmpada... lá se vem a menina!

Aí ele nervoso lá em cima da escada... escutou o choro da menina e eu com a menina toda enrolada, sabe? e eu calada, só pelejando até que ele disse: “Não consigo, mamãe!” Acho que ele ficou nervoso, pode perguntar que ele confirma!

Até que ele acendeu a luz e eu tava com a menina nos braços, chega tava *coisadinha*, enforcada com o cordão e eu pelejei, pelejei e passava a mão, pelejei... até que tirei... ele disse que a bichinha é muito ruim pois nasceu má! Eu ri muito disso.

Graças a Deus que ela não ficou sufocada, eu não sei se foi na hora que ela nasceu que virou o cordão umbilical, eu sei que a bichinha nasceu assim, com uma volta no pescoço, virado assim por cima. Eu meti o dedo assim no escuro para ver se não tava acochando o pescoço e com a outra mão pelejando pra ver lá... Ela acha graça quando eu conto: essa bichinha, me deu um trabalho danado!

Hoje em dia não usam mais chá de plantas. Só os antigos assim que nem eu, que se inventar de fazer alguma coisa ainda faz, porque hoje em dia nem usam mais caldo de caridade.

A gente fazia aqueles caldão e as mulheres engoliam queimando mesmo ou bem morno... dizem que assim era pra rechaçar as dores. Aqui tem o soro, tem injeção, lá no da minha prima, eu fiz um parto ainda usando aquela injeção que dá força... tava um enfermeiro lá na casa da mulher. O enfermeiro deu a injeção, eu vi que tava na hora porque aquilo dali a gente dá na hora. A criança *croou*, porque tem aquele negócio de *croar*, aí naquela hora que a gente dá injeção, aí dá força que a criança *delata*.

Peguei esse também, foi perigoso também porque a criança tava com falta de ar, mas graças a Deus... deu certo! Já tive muita coragem, hoje não tenho mais não! To velha!

Mas depois é tão gostoso, a gente vê aquela vida na mão da gente, vê que a mulher ta fora de perigo, é muito gostoso! O Iran fez um parto também, dentro do

carro. Ele chegou aqui, me deu um abraço e disse: “Por isso que a senhora é bonita! Como é lindo pegar um menino!”

É Muito bonito, mas é muito triste ... Eu acho que esse frio que eu senti na primeira vez, ou era uma coisa me dando coragem, ou uma coisa perto de mim para eu não fazer. Fiquei muito tempo pensando, mas acho que não era coisa ruim, não.

MARIA DAS 'FLORES' FARIAS



Figura 9 – Maria das Dores Farias. Foto: Sheila Ximenes, Fevereiro, 2009.

“Pra tirar até um bujão pra ele comprar um gás, ele não ia. Não... ele ficava me xingando, quando eu chegava em casa tava bêbado, queria bater na menina aí eu cismeí, eu digo: “Agora você vai embora de casa! Eu tenho minha filha já ficando mocinha e você não vai ficar na minha casa. Se você não sair da minha casa eu vou dar parte de você!”.”

Eu sou filha do rio Tapajós, no Pará... morava no sítio, cuidava de cavalo, gado, plantava algodão, soja. Eu trabalhava com meu pai, derrubava pau para fazer roçado de algodão.

Tudo isso eu fazia... eu derrubava pau no machado com minhas irmãs, eu tinha quatro irmãs, só irmãs mulher, nós que fazia roçado para plantar legume, tudo era nós.

Meu pai e minha mãe não tiveram filho homem. Então nós era quatro, trabalhava em roçado, derrubava pau com o machado e cuidava de gado, cuidava de porco, de tudo quanto é criação que o meu pai tinha. Lá, minha mãe, depois que teve o menino, ela abortou essa criança, e dessa criança ela foi.

Ficamos só... aí minhas irmãs começaram a casar, casaram tudo, ficou só eu em casa, aí papai botava trabalhador. De madrugada eu me acordava as três horas da madrugada, colocava um tacho grande com feijão e banha de porco para cozinhar, para dar comida aos trabalhador dele, e nisso eu ia passando, ia passando.

Aí foi o tempo que meu pai arranhou uma madrasta, uma mulher. A mulher chegou em casa e começou a me maltratar, ela me batia, ela me queimava. É, eu tenho sinal de queimadura aqui pelas costas, uma vez ela jogou uma colher quente na minha cara, por aqui. Só de maldade... aí eu falei para o meu pai:

- Pai, eu vou me embora porque eu já não agüento mais a judiação dessa mulher.

E ele:

- não minha filha! ela fala que é mentira”.

Eu digo:

- se ela fala que é mentira, eu sinto muito... porque o senhor vai ficar com ela e eu vou-me embora.

Isso eu tinha uns doze anos por aí assim. Só de falar, parece que to vivendo de novo, até me emociono!

Eu tinha doze pra treze anos. Leitura ninguém sabia, porque ele não botava nós para estudar, ele cansou de dizer para nós: “Oh, o livro de vocês é um cabo de enxada no roçado!”. Era isso. Eu tenho marca de arreio de boi no corpo... ta aqui a marca, pra não mentir...

Essas marcas é de tanto que ela me batia com arreio, chamado de couro de boi, aquele que bate nos cavalos. Onde pegava a ponta do arreio, ficava assim... cicatriz funda, ta aqui no meu corpo pra quem quiser ver.

Com doze anos eu fugi. Peguei dois vestidinhos que eu tinha, uma sandalhinha de dedo e fugi para a cidade. Fiquei na praça dois dias, aí chegou uma senhora, sentou perto de mim com uma bolsa grande e falou:

- Minha filha, de onde você é?

Aí eu contei para ela. A gente fugia de barco de lá para cá, eram três dias de viagem para chegar em Belém, aí eu fiquei na praça sentada. Essa mulher chegou com três dias, eu morrendo de fome... mas pedir eu não pedia, só rezava, porque nós era devoto de Nossa Senhora Aparecida.

Rezava, rezava, pedia a Deus: "Meu Deus, mostra uma pessoa para me levar para a casa dela!" Eu falo pra essas crianças, dou conselho a eles, eu conto a minha situação que eu passei... A minha filha, eu chamo ela e falo: "Minha filha, Madrasta, graças a Deus você nunca teve". O que eu passei, como dizem os velhos: "o que o diabo arrastou".

Ela chegava em casa de noite, se eu tivesse dormindo ela ia na minha cama e jogava água gelada, jogava água em mim, eu me acordava para fazer as coisas para ela, a velha era ruim...

Eu não sei porque ela fazia isso... Ela tinha duas filhas, tudo assim, grandinhas... as duas pretinhas, do cabelo... Ela era preta. Aí foi indo, foi indo, foi indo, eu fui agüentando, eu ia pra a beira do rio lavar roupa, tinha, uma bacia enorme...

Chegava meio dia, a comida que tinha... ela já tinha comido, já tinha jogado o resto fora e não me dava comida. Aí uma vez a minha mãe... De primeiro o pessoal tinha aquelas tigelonas de botar comida na mesa, de louça, né? Aí fui pegar uma na mesa, ela pegou e jogou a tigela para me acertar, mas não me acertou, pegou no chão, falei:

- Olha, você quebrou a tigela da minha mãe! A última coisa que eu tinha da minha mãe!

Ela disse:

- O quê? Sua bicha sem vergonha!

Me pegou pela orelha e me deu umas lambadas, justamente foi onde ela cortou minhas pernas – ta aqui as marcas para ninguém dizer: “Não, é mentira dela”. Aí bom, eu sofri, agüentei...

Ainda agüentei um bocado de tempo, depois eu chamei o papai... papai ficou no roçado, ele botou o cavalo para comer, deu banho no cavalo... três horas da madrugada me acordava, três horas! Eu me acordava... pela luz divina, no couro velho que eu dormia, porque não era cama, viu?

Tinha um vestidinho e uma sandália, ele não comprava roupa para mim porque ela não deixava... bom... aí encostou uma canoa, veio um senhor de Santarém... aí ele foi lá em casa buscar umas bananas – que lá tinha muita banana, né? Aí no cortar banana ele falou:

- E você, minha filha, como é que vai?

Falei:

- Eu não vou bem...

Eu contei minha situação, falei:

- Você pode me dar uma passagem até Belém?

Ele disse:

- Dou... vou sair duas horas da madrugada.

Aí ele ficou na beira da praia e eu desci, quando deu duas horas da madrugada, no escuro - eu dormia numa varanda grande assim, em cima de um couro velho... aí eu saí, peguei uma sacolinha, botei os dois vestidinhos, uma sandália de dedo e ó! Fui me embora...

Aí eu cheguei na beira... Quando eu cheguei em Belém eu passei dois dias na praça, com três dias chegou um navio que se chamava Leopoldo Teles, justamente que vinha para cá, pra Rondônia! Eu vim pra cá com essa mulher que apareceu... o nome dela era Maria Helena.

Era uma mulher que eu não conhecia... Ela chegou na praça e disse:

- Minha filha, o que é que você tem?

Aí eu contei a minha situação para ela... Ela disse:

- Você quer ir comigo? Eu moro em Porto Velho.

Eu digo:

- Eu vou. Eu só não tenho roupa, não tenho calçado.

- Por isso não, por isso não!

Ela me levou numa loja, comprou umas roupinhas para mim, comprou um sapatinho, uma sandália e disse:

- Você vai comigo! se eu não achar onde empregar você, você vai morar comigo...

Nesse tempo tinha a Baixa da União, aqui em Porto Velho... onde é o bairro Triângulo, hoje. Ela morava lá no alto... chegamos aqui era meia noite... fui morar na casa dela. Passei dois meses com ela, aí parece que... eu não sei... quando a pessoa é boa Deus tira logo...

Ela começou a adoecer com tremor, tremor, tremor, se acabou. Ficou o marido dela e duas filhas mulher, mas já tudo casadas... Na hora da morte dela ela disse:

- Maria, eu vou me acabar, vou pra outro mundo, minha filha! e você fica com Deus. Você pode ficar aqui em casa, mas se alguma coisa acontecer com você, por exemplo, o marido falar alguma coisa para você, você procura uma casa de família para morar.

Falei:

- Ta bem...

Aí ela se acabou. Com oito dias que eu tava morando com ela... ela se acabou... com esse tremor que deu nela. Ela sofria do coração...

Eu fui para casa de uma família que morava antes de chegar na Baixa da União um pouco... Ela se chamava Alda e o marido dela Raimundo, ele era professor. E lá fiquei...

Lá eu fiquei moça, mas não podia estudar porque tinha que trabalhar na casa da Dona Alda. A minha leitura é uma coisinha pouca que ela me ensinava em casa... eu tinha que lavar roupa, cozinhar e cuidar das crianças.

Eu fiquei como empregada dela, mas ela não me pagava. Me dava assim... uma roupinha, comida... se eu queria sair pra outra casa ela não deixava...

Nesse tempo, já tinha uns quatro anos que eu morava com ela, comecei a namorar. Namorei com um soldado. Já tinha uns 16 anos. Não sabia nem meu nome direito, nem quando nasci porque ninguém me ensinava... era por isso que eu não sei minha data certa, mas eu já certei, consegui meu registro... tenho também o registro do meu casamento, que eu casei.

O meu registro tirei por aqui... porque lá eu não achei mais parente nenhum para pedir. Morreu as irmãs... uns foram embora... Ninguém sabia por onde andam.

Meu marido tirou o registro de casamento... Eu não sabia a data certa, mas ele tirou o meu registro com 20 anos, pra eu me casar. Até com essa idade eu não tinha documento nenhum...

Eu também tenho aí, o registro do meu divórcio... que eu me divorciei com ele. Com 11 anos de casada eu me separei dele, com quatro filhos. Ele foi embora de casa, por causa de outra mulher, e eu fiquei com uma casinha.

Ele comprou uma máquina de costurar para mim e eu vivia disso. Costurava, criei meus três filhos. Fiquei com dois meninos, aí um ficou rapaz... Filho meu, mesmo, tive três e adotei um. Não sei porque eu adotei, acho que Deus que me ajudou, porque eu fiquei com três meninos dele e um que eu criava. Veio uma mulher morar comigo e deixou o filho dela... Eu não ia jogar fora a criança.

Criei... é justamente esse que ta morando em Belém. Ficou rapaz, aí foi embora com uma família também e até hoje, não voltou. Tive um casal de gêmeos, mas ela morreu, aí pronto! Passei... passei... Passei oito anos sozinha.

Gostei de um rapaz... me ajuntei com ele, passei dez anos, e tive minha filha. Parece que foi Deus mesmo que mandou, uma menina, porque a menina que eu tive, que era gêmea com o menino, morreu. Chamava-se Edna. Era Edna e Edílson.

Com seis meses minha filha morreu... aí sim, o marido foi embora, era soldado, passou pra sargento e foi embora, fugiu com outra mulher... Viveu 11 anos com a mulher, deixou... pegou outra. Quando foi agora dia 10 de setembro, ele morreu. Fez uma cirurgia em Manaus, se acabou.

Depois veio esse pai da minha menina, passei dez anos com ele... Ele saiu de casa também, separou, viveu com outra mulher, fiquei eu com ela, já grandinha, do tamanho da minha neta que tem 6 anos.

Criei ela, casou... ta bem. Não ta tão bem porque casou com pobre, mas graças a Deus... mesmo vivendo como pobre ela tem tudo o que ela precisa. Ela teve três filhos... Eu tenho três netos... O meu menino casou e tem três meninos também, uma menina e dois meninos! Eu não sei o que houve lá... e separaram, ele deixou uma casa para ela e as crianças e vive com outra.. É Difícil ele vir aqui.

No total eu tenho três, seis, sete, oito, nove netos! Tenho também uma neta que... meu filho engravidou... uma moça em Rio Branco.

Os filhos da minha filha são os que eu mais ajudo. Com as minhas costurinhas, dou roupinha, dou sapato, dou o que eu posso também. Ajudo e aí eles não me deixam, vivem aqui em casa, mas eu gosto muito que eles venham.

Minha vida começou assim... Era empregada. Ali naquele Alphaville não tem quem não me conheça, porque eu só trabalhava ali. Trabalhei naquelas casas quase tudo... Trabalhava naquelas casas noite e dia pra criar minha filha e mandar educar... Graças a Deus. E o menino também, pois é... Pra mim viver eu tenho que trabalhar, porque depois que eu tive ela, eu não quis mais homem na minha vida. Eu tinha medo de deixar em casa... Mas graças a Deus ela casou... Com pobre, trabalhador, mas está bem, graças a Deus. E assim vou levando minha vida.

Lá no GEFA, o tio Iran mesmo diz: “A única mulher que não me aperreia por nada é a Maria” Ele me deu um colchão, ele me deu já faz o quê? Já faz uns quatro anos que ele me deu esse colchão.

Eu vou lá, às vezes pego uma roupinha de um, uma roupinha de outro, mas assim: para mim cortar, para mim costurar, né,? e eu vou passando. Eu não me aperreio, não! Jamais eu chego pra um tio e... tenho vergonha de pedir, às vezes tô necessitando, mas não peço.

Um dia desses a tia me deu dois vestidos, três vestidos, eu cortei, fiz umas roupinhas e vendo tudinho! É... dois reais, três reais, quatro reais já me serve. Até ia falar com ela pra ver se ela arrumava mais umas roupas para mim, recortar. E assim: eu faço tapete, os tapetinhos tudo é eu que faço, e vou fazendo e vendendo. Faço crochê pra vender... pinto paninho de prato... mando pra minha filha e ela vende também.

Esses tapetinhos fofinhos, sou eu quem faço, boto nas minhas cadeirinhas, tudinho, tudinho. Tudo é eu que faço. Às vezes a tia me dava retalho, agora nunca mais ela me deu retalho. Hoje mesmo eu tava até falando: “Vou pedir um retalho” porque é de graça... Minha filha me dá linha, compra linha, enfeitinhos também e eu vou passando. Jamais eu chego lá no GEFA e digo...

Eu olho pra aquelas mulher que tem marido e digo: “Como é que pode uma mulher dessas, não trabalha...” É sempre tudo ali no pé, pedindo, pedindo, pedindo. Cansa... cansa porque se a senhora disser: “Olha, Maria, eu trouxe isso aqui para ti”, Amanhã eu já vou de novo pedir? Ah não! o que que é isso?!

Eu tenho vergonha! aí eu fico olhando pra aquelas... As tias dão tanta roupa pra aquelas mulheres que ficam só em casa, tem umas três que eu vou na casa delas... Tá aquele montoeiro podre! ô meu Deus! pra que isso? Um dia desses me aperreei:

- Tio, queria um guarda-roupinha porque as minhas roupas tão tudo jogadas.

- Não Maria! espera aí, vamos ver se Deus ajuda que nós reúne

Eu digo:

- É.

Aí trouxe para mim uma mesinha, umas cadeirinhas.

Achei lindo minha mesinha com minhas cadeirinhas... Já fiz coisinhas para botar em cima, ta aí tudo ajeitadinho...

Eu sou assim: se a senhora me dá alguma coisa eu aproveito aquela coisa, jamais eu jogo fora, jamais eu estrago, não. Eu sempre digo pra a minha menina: “Minha filha, a gente pega, se tem uma roupinha rasgada a gente ajeita, se tem uma coisinha pra fazer, a gente faz, não joga, é feio tudo jogado pelo quintal, tudo...

Chega uma pessoa na casa da gente, ai! A minha casa todo o tempo é assim como a senhora está vendo! A mulher do tio Iran quando chega aqui fala: “Ai, a Dona Maria é chique!” diz pra todo mundo: “Você já foi na casa da Maria? é Chique!”

E assim foi minha vida... e assim eu luto pela vida. Já to querendo me aposentar, ver se me aposento e Deus vai me ajudar. Eu já tenho 65 anos... Eu não tenho carteira assinada de quando eu trabalhava nas casas... A minha carteira nunca foi assinada. Nunca, nunca, nunca. A minha carteira é velhinha.

Eu trabalho no GEFA, deixa eu ver... Quando eu comecei a trabalhar no GEFA a minha netinha tava pequetucha, tinha nascido. Ta com uns oito anos... Mas quando eu trabalhava nas casas, ninguém assinou...

Eu só fazia trabalhar, quando eu deixava... Uma vez trabalhei de faxineira no Foto Natal, aí eles iam assinar... com dois mês, fui buscar a carteira, estava do mesmo jeito... eu me zanguiei, não fui mais, nunca assinaram...

Tá vendo essa foto aqui? Esse é meu médico. É o Dr. Alexandre! Ele já veio aqui em casa... no tempo que tinha um bocado de frutinhas nessas fruteiras, ele veio... Levou uma bacia cheinha, dizem que é muito bom para dor de barriga... ele que disse. É uma frutinha pequena... Ela é bem bonitinha, tem muito, mas é insossa,

não é doce. Ele disse que era bom pra dor de barriga. Parece que o nome da frutinha é puchi d'água.

Eu guardo meu registro, meu divórcio... Quando ele morreu, eu botei aqui, guardei... Já tirei xerox também da minha identidade pra levar pro INSS... Mas preciso tirar primeiro minha carteirinha de ônibus... Não tirei ainda, por falta de dinheiro! Pra eu ir pra lá pro centro, minha filha tem que ir comigo... aí são quatro passagens de ônibus... eu tenho medo de andar sozinha...

Eu não queria mais o nome do meu marido no meu nome... O meu nome é Maria das Dores Farias de Oliveira. Maria das Dores de Oliveira porque era do meu marido... de quando ele era vivo ainda né?... porque eu era casada no civil e no católico com ele.

Eu só queria Maria das Dores Farias. Quando eu fui tirar essa identidade que eu tenho hoje, fui sem ninguém, fui sozinha mesmo, pensava: “Meu Deus, me ajuda Senhor! Francisco de Assis, me ajuda!” já to velha e tenho medo de andar só.

Eu trabalho lá no GEFA porque gosto... Gosto muito. Mesmo sem ganhar nada de dinheiro... Quando eu cheguei nesse GEFA, que comecei a ajudar D. Maria... era conversa em cima de conversa...

Eu me ausentei de lá um bocado de tempo... toda hora que eu chegava, era um fuxico daquelas mulher... as mulheres diziam que a tia Maria disse que eu queria tomar o lugar dela. Quando o tio me chamou pra mim fazer... pra freqüentar as reuniões de noite, quando eu saía na porta me xingavam.

Ficavam me xingando... teve mulher que... ele disse: “Olha, quem vai tomar conta da limpeza...” No ano que eu entrei ele disse: “Vai ser a Maria das Flores”. Pegou meu nome e colocou Maria das Flores, agora tenho que assinar como Maria das Flores, ele fica bravo quando eu digo que é Maria das Dores! Eu me divirto...

Ele diz: “é muito sofrida, sofreu muito! Chega de dor” E todo mundo me conhece como Florzinha. Eu gosto. E o tio Iran sempre diz que o meu nome tem que ser assim, “Eu não quero mais falar esse nome”, ele falava... eu riiiia... ria...

Me xingavam muito... teve gente que falou lá: “se ela ficar aqui eu não vou ficar mais na limpeza, eu vou sair! Ela é muito bruta!”. Eu era porque eu falava... botava certo. Eu via menino escangalhando o filtro, eu ia, brigava, eu via menino puxando isso, rasgando aquilo, batendo cadeira, eu falava, não deixava fazer, botava os meninos... Aí elas não gostavam de mim.

Mãe... Teve mãe que me xingava, que dizia que eu não era mãe... eu não era mãe, eu ia falar pra não fazer aquilo, né? “Não! só falo na hora que tem necessidade, eu não brigo com criança assim, não! porque eu adoro criança”. Meus netos eu adoro! Pois é.

Eu não brigo mais não. Um dia cheguei lá, a Maria veio falar para mim:

- Olha, Maria, você ontem pegou os tomates que o tio Iran falou que ia deixar pra não sei quem...

- Não, eu peguei porque o tio Iran mandou eu levar três tomates e dois pimentão... Se a senhora quiser o tomate eu vou em casa e pego para a senhora!

Eu levei pra minha filha, porque nesse tempo eu morava com ela... ela:

- Não, eu só to falando porque não sei o quê...

Eu senti que a tia Maria ficou assim comigo... Ai pensei: “sabe, vou deixar isso de mão! Não vou mais me importar com nada”. Aí o tio Iran trazia vassoura, trazia saco, entregava para mim e eu dizia: “Tia Maria, isso aqui é o que tio Iran deixou, assim, assim, assim”.

Eu chegava no GEFA... Quantas e quantas vezes sozinha, eu limpei aquele salão, capinava aquele jardim... Aquele jardim quem fez fui eu. Sol quente e eu tava ali pisando e plantando e capinando, que aquilo era... Agora tá cheio de matinho, mas eu vou limpar ele, qualquer hora ele vai estar limpinho.

Eu me dou muito bem com a D. Maria, eu não tenho o que dizer dela, não, gosto muito dela. Eu sei que não foi ela que falou, quem falou foi o povo. Hoje em dia ela me abraça, se me pede uma coisa que eu posso levar eu levo, eu faço um tapetinho e levo, dou um para um, outro para outro. Me pede uma latinha de sorvete, vidrinho, quando, eu tenho eu levo, e assim to fazendo.

Eu gosto de fazer essas coisas... pintar. minhas coisinhas todas é agasalhadinha, meus paninhos de prato, meus paninhos de fogão, tudo! Minha filha faz também, coitadinha...

Mesmo se eu não ganhasse nada lá do GEFA eu continuava... Gosto demais de lá... O tio Iran me ajuda bastante, é o único que sempre me ajuda. Às vezes eu chego, to sem um óleo, ele me arruma. Uma vem me dá uma coisinha, outra vem me dá outra coisinha, eu não tinha uma panela... Eu não tinha! Quando eu me mudei para cá eu não tinha... aí minha filha me deu uma, a tia Selma veio e me deu outra, e anteontem a Dona Zuma me deu uma, então... Já tenho panela.

Fogão eu não tinha também, a Dona desse terreno me deu um fogão, ta aí meu fogão. Como eu falei... mesmo se não ganhasse nada eu continuava lá porque o trabalho do GEFA é muito importante. O que eu faço...

Pra mim eu faço de gosto, tudo o que eu faço para mim parece assim que... E o dia que eu não vou no GEFA eu não to contente, eu fico com aquele peso na minha consciência, e eu tenho que ir, nas reuniões... nós que somos médium tem que estar lá, a Sílvia vem me deixar em casa a noite... as vezes eles me dão alguma coisa, e assim vou passando, mas eu não sou de pedir, não! Não. Mas porque eu vejo... Eu acho que eles sabem que a minha consciência dói, a consciência, né? E eu tenho prazer em fazer... agora não to trabalhando lá por causa da minha doença, eu peguei derrame. Eu sofro de pressão alta.

Eu peguei derrame há quatro anos atrás... Eu não andava, eu me arrastava, assim... Fiquei muito mal. Foi assim: eu morava numa chácara lá em cima, que eu sempre gostei de morar trabalhando por aí... cuidava duma chácara de uma mulher... eu tava capinando assim de tarde, umas cinco horas... amontoei o lixo e fui tocar fogo... na hora que eu fui tocar o fogo deu um chuvisco, aí senti aquela dor na cabeça, aquela dor, aquele peso e a língua começou a enrolar.

Pesada a língua, sempre me acontece isso, por causa da pressão... de repente eu to boazinha, quando não, alguém vem me buscar no hospital e me levar. Agora não! Depois que eu comecei a fazer essas... A trabalhar com o tio Iran, a trabalhar no espiritismo, pronto, acabou-se! Me dá assim aquela tonteira... Tem vez que me dá tonteira, dor de cabeça...

Eu só sinto um pouco de dor de cabeça quando eu saio no sol, e às vezes não tomo o remédio certo, também. O tio Iran briga comigo, quando eu não tomo o remédio de pressão. Eu adoro o tio Iran...

Eu não tomo certo, porque eu esqueço. Hoje mesmo esqueci, mas já tomei. É uma pilulazinha vermelha... Eu não como muito sal, a minha comida é toda insossa. E outra que só come... Carne eu não posso comer, só como frango. Carne branca...

Ô... Mas que vontade eu tenho de comer um bifinho acebolado. Chega eu fico alegre só de pensar... O médico falou que não é pra nem triscar. Tudo isso por causa da pressão e do colesterol também... Eu também tomo uma pílula rosinha...

como é mesmo?... AS... Meu neto mente dizendo: “Mãe, eu to com dor de cabeça”, só porque é doce! Criança é uma benção... eu fico sorrindo com isso...

Pois é... Mas que eu já sofri, já sofri. Sofri muito. Hoje em dia não sofro mais, graças a Deus que Francisco de Assis ta comigo, na minha casa, me conforta. Quando eu tenho alguma raiva, alguma coisa eu chamo por ele, meu livro ta ali... de eu rezar meu evangelho.

De manhã cedo eu me sento aí, tomo meu cafezinho, que não me falta, graças a Deus. Eu, tudo o que faço... agora não, porque to sem retalhos, sem pano pra costurar, mas de vez em quando faço cinco tapetes, aqui mesmo... ponho ali, já dou meu jeito. Minha visão não é muito boa, mas eu tenho óculos. Costuro com meus óculos.

Quando a velhice chega... A minha dificuldade é assim: não durmo bem de noite, custo a dormir e aí quando eu tenho pano eu corto pano, costuro, e a minha vista também não ta muito boa, já ta... cansada de costurar. Mas eu costuro, faço, tenho pessoas que trazem calça pra eu costurar... eu costuro, e é assim... vou passando os dias.

Quando eu preciso consultar, vem o rapaz... o rapaz da saúde vem e marca pra mim... aí no dia eu vou. No dia certo, pego meu remédio, quando tem remédio... assim... pra ir pra posto longe eu peço pra minha filha buscar, ela vai. E assim eu vou passando, né? A idade é isso. Sofrimento e tristeza... tem que lutar né?

Meu casamento foi um santo... o meu primeiro casamento.... meu primeiro marido. Eu vivia muito bem com marido, nós não brigava, durante esses anos todos nós tivemos filhos, esse menino nós tivemos. Já estavam grandinhos quando ele saiu de casa, nós nunca brigamos, ele nunca me bateu, ele nunca me disse palavras mal, me tratava muito bem. Ele me ajudava com o serviço de casa... Eu e ele fazia as coisas. Se ele chegasse em casa, por exemplo, e eu tivesse costurando... e que não desse para eu fazer o almoço, ele fazia o almoço num instante, dava banho nos menino... se tivesse louça pra lavar, ele lavava as louças, ariava uma panela que você gostava de ver.

Com o meu filho, também é a mesma coisa! Ele chega na casa dele, ele cozinha, ele lava roupa, quando eu lavava roupa pra fora... que eu vivia com eles pequenos... ele me ajudava a lavar, e assim era meu esposo.

Ele nunca brigou comigo, só o que ele fez comigo foi essa traição, mas eu não falo dele, e mesmo porque ele não merece, já se foi. Mas ele me tratava muito bem, me tratava muito bem mesmo! Não faltava nada para mim, tudo o que eu queria ele me dava, era soldado. No tempo que ele começou a trabalhar, que ele entrou no quartel ele ganhava 25 centavos, naquele tempo... e esses 25 davam pra nós comer e beber.

Quando ele chegava, varria a casa... Ele não bebia. Ele só fumava. Deixava eu sair pra onde eu quisesse. Se eu falasse... O nome dele era Manuel Soares de Oliveira. Soares, eu chamava ele assim, pelo nome do quartel... falava:

- Soares, eu vou pra tal canto hoje... pra casa de uma colega minha.

Ele falava:

- Vá, minha filha, leve as crianças, vá, vá!

Não brigava por causa de coisinha nenhuma. Às vezes eu tinha uma costura pra entregar... eu costurei muito pra soldado, Pernambucanas... Eu costurei muito porque naquele tempo tinha seringal, né?

Fazia aquelas rumas de roupa pra levar: camisa de manga comprida, mosquiteiro, eu fazia, tudinho. “Hoje eu vou entregar roupa”, ele dizia: “Vá, minha velha, vá”. Eu pegava minhas coisas, ele ficava com as crianças. Quando eu chegava, a casa tava arrumada, menino lavado, comida pronta.

Já o segundo marido, não. O segundo marido foi um tormento na minha vida... foi... Ele não me batia, nunca me bateu, não vou falar mal dele nesse ponto, mas era muito safado e preguiçoso.

Não trabalhava, brigava muito comigo, brigava com meu filho, expulsava meu filho de casa, mas eu nunca dei... Eu me admiro, hoje em dia, essas mulheres que deixam o padrasto fazer o que quiser com os filhos. O meu não, o meu nunca fez isso com meus filhos. Quando ele mandava meu filho ir embora... sair de casa, eu não chamava palavreado com ele, mas dizia: “Quando você chegou na minha casa, você já encontrou meu filho...”

Então você quis assim, e assim seja! Se você não quiser: “o caminho do feio é por onde ele veio”, pegue suas coisas e se mande. Justamente foi o que aconteceu. Nesse tempo eu trabalhava no Alphaville, com três casas e tomava conta de uma horta de nove terrenos, eu capinava, eu plantava, eu não dormia para criar essa filha. Sim, senhora...

Ele não me ajudava em nada. Mais em nada! O fraco dele era beber e ir para os hotel com as mulher que pagavam pra levar ele. Ele era o pai dessa menina... minha filha. Era eu que sustentava a casa.

Pra tirar até um bujão pra ele comprar um gás, ele não ia. Não... ele ficava me xingando, quando eu chegava em casa tava bêbado, queria bater na menina aí eu cismeí, eu digo: “Agora você vai embora de casa! Eu tenho minha filha já ficando mocinha e você não vai ficar na minha casa. Se você não sair da minha casa eu vou dar parte de você”.

Aí quando foi um dia, o meu menino chegou... eu tava arrancando cebola, eu tinha nove caixas de cebola pra entregar, com abóbora, melancia, tudo isso eu tinha plantado. Eu era sofrida, era magrinha... aí eu peguei, falei pra ele: “Você vai embora!”, Aí o menino tava tirando uma cebola, ele pegou uma pedra assim e jogou nas costas do menino. Aí ele:

- Mamãe!

- Pois agora você vai embora! Pegue o que é seu e vá embora, se quiser levar sua filha, leve! Mas você não vai levar minha filha, porque quem pariu fui eu”.

Com o perdão da palavra...

- e é minha filha. Você não vai levar.

Ele disse:

- Eu não vou.

- Você vai! Eu não quero lhe forçar ir embora e não quero jogar o que é seu... mas se você não ir eu vou jogar o que é seu!

- Eu não vou!

Era umas seis horas da tarde, eu tava ocupadíssima, na horta, tava com seis caixas de cebola pra tirar, com duas caixas de tomate, eu me lembro como se fosse hoje...

O caminhão encostado, até de um japonês. Encostado pra levar as coisas. Pegou meu dinheiro tudo, eu já tinha parece que... quase cem mil reais, ele pegou o dinheiro todo e se mandou. “Vai, leva, leva! Vai-te embora, pega o que é teu, teus paninhos de bunda e se manda!” Foi e até hoje.

Arrumou outra, que sustenta ele, uma que trabalha no Governo. Vive com ela, só que ela é muito boa pra minha filha, boa demais, ela ajuda ela demais. Um dia desses ela deu uma cama box pra ela, novinha, tirada da loja. O que ela pede... ela

manda... às vezes ela ta precisando de dinheiro... manda pedir 25, 30, 40, ela manda. Muito boa, eu não tenho o que falar dela. Agora ele... humm!

Mas até hoje nós se fala, ninguém é de mal, eu falo com ele, ele fala comigo, a esposa dele também, gosto muito dela, não tenho o que dizer dela, entendeu? Até um dia desses ela me encomendou um tapete, fiz e mandei pela minha filha... ela não mandou, ela usou. Eu disse a ela: "Leve, minha filha, ela é muito boa". "Levo não, levo não".

Esse meu marido aí, não deixava eu sair de jeito nenhum. Esse... se eu saísse daqui para a casa da minha filha, já tinha minha filha... quando eu chegava ele estava muito bêbado, querendo... Me esculhambando, me chamando de nome, botando nome feio em cima de mim, me esculhambando, dizendo que eu era isso, que eu era aquilo, que eu era safada, que eu era isso, que eu era aquilo.

Sustentei... 12 anos... passei esse tempo todinho sustentando ele, sustentando... de eu comprar as coisas assim... mas eu não sabia, porque amizade dele eu não tinha, eu tratava ele como um filho, se ele me pedisse uma coisa eu trazia.

Uma vez eu trouxe umas sandálias, naquele tempo usava rider, ele pediu uma sandália rider e eu não pude comprar, trouxe uma de dedo e ele jogou na minha cara! Eu disse: "Você vai embora, mas você vai embora mesmo!" Foi e até hoje, nós se fala, ele ficou pra lá e eu pra cá.

Ele era muito ignorante... Eu sofri! Quando ela tava com 12 anos, para os treze eu comprei uma bicicletinha para ela... ela saía às seis horas da manhã pra entregar verdura. Ta aí ela que não me deixa mentir. Mocinha assim como essa minha neta, ia entregar verdura... quando eu pensava que não... lá vinha ela com duas caixas de bombom... os bombom ela já levava pro colégio, a bichinha. Ela tomava conta de uma casa que só vendo... era uma dona de casa!

A mulher sofre mais do que o homem. Porque o homem sabe se virar, em qualquer canto ele fica, a mulher também, mas ela sabendo se virar, ela se vira porque eu me criei a bem dizer, longe do meu pai, longe da minha mãe, que minha mãe morreu, e não tem uma pessoa pra não gostar de mim, todo esse pessoal aqui gosta de mim.

Porque se chegar aqui... Ontem veio uma menina pedir café... aí, eu tenho um velhinho que eu lavo roupa pra ele... Ele sempre vem aqui! ele trouxe pra mim um

café, dois café, dois quilos de açúcar, aí reparti o açúcar com ela, dei o café também: “Leva, faça para suas crianças tomar”. Peguei um pacote de café e dei para ela. E assim, quando eu tenho, eu tenho que repartir pra dar...

Às vezes minha filha também... Fico sem nada, ela traz uma farinha, traz uma comida, uma coisa, mais o que ela traz é mistura. Ela traz pronto! eu como.

Tem gente que só vai pro GEFA, pra conseguir comida... Tem umas que só quer tirar! Se tudo pensasse assim: “Um dia vou dar uma ajuda no GEFA, vou dar uma capinada” Eu vou... Aquele jardim a mulher não ta mais limpando, mas eu vou limpar, ajuntar os filhos, e limpar, porque tem gente, que come e bebe daqui. Tem uma mulher aqui que tem dois maridos, tem a outra lá que ta... essas eles ajudam mais do que não sei o que, porque pra mim não dão quase nada, mesmo. Mas lá não falta uma cesta, não falta... Todo dia tão lá pedindo. Não custava ela juntar um marido desses e pedir: “Vamos limpar aquele jardim?” Né? Um dia como hoje, eu com tudo nas minhas costas, se eu tivesse boa saúde eu tinha ido limpar um pedaço dele.

Pra ajudar lá são mais as mulheres, homem assim, é raridade. Quem ajuda mais são as senhoras, eu, D. Zuma, D. Maria... Mas a tia Maria, coitadinha, ela não pode mais fazer nada. Ela não pode mesmo, não pode mesmo! Ta um pouco doente...

Agora eu não, quando eu cismo de ir, eu teja doente ou não teja, eu capino. Quando eu não agüento mais com dor nas costas, eu venho embora, chego aqui tomo um banho, como alguma coisa e me deito. Mas eu tenho uma pena de ver aquele jardim daquele jeito. Eu lhe digo mesmo, eu lhe digo porque tenho amor por aquele jardim, porque fui eu que fiz aquilo. Eu sinto amor. Fico emocionada... não gosto de falar de lá porque eu me lembro que não posso fazer as coisas...

Quando eu vejo aquele monte de mato no meio das flores, eu fico chorando, por ali, choramingando porque eu não posso mais capinar, eu não posso ir lá pra fazer aquilo. Mas eu vou capinar, qualquer dia desses que fizer um sol bonito eu vou lá. Se Deus quiser...

Eu limpo ali, eu varro, toda a faxina que o tio dá lá eu vou... doente eu to lá, lavando, e pego a escova e às vezes o tio diz: “Já ta bom, Maria!” “Que bom, nada!”

Ali... quem ajuda mais é a Madalena, eu, a Dona Zuma e outra mulher velhinha, bem velhinha, a Dona Pedrina. Ele diz, Maria: “ta bom”, mas eu ajudo...

A Sílvia nunca veio me visitar. Nunca veio. Eu já trabalhei ali no Lar Fabiano de Cristo, ali eu trabalhei muito mesmo... não fui mais porque eu adoeci. As meninas de lá tudo gostam de mim. Quando eu chego lá, elas: “Ô Maria, tu apareceu!” Sábado retrasado eu fui lá, a Dona Dulce: “Ô Maria, tu ganhou cesta, Maria?” Eu disse: “Ganhei lá do GEFA”. “Vai ganhar daqui também!”

Se não tivesse o GEFA... eu acho assim... que podia até ter outra, né? Mas eu acho que não era como o GEFA, não. Eu acho que ali já é um pedaço da gente, porque pelo menos eu, no dia que eu não for no GEFA, “Poxa, hoje eu não fui no GEFA... que que ta tendo por lá?” Aí vou já lá, fico lá, converso com a tia Maria, converso com a Dona Zuma, às vezes os tios tãõ lá, as tias: “Ô Maria, apareceu? Não sei o quê... Maria das Flores... eles me chamam assim”

Eu queria poder trabalhar mais, poder ajudar... fico contente em ver todo mundo com a barriguinha cheia... de ver tudo limpinho... o jardim florido... já virou a casa da gente, né?

Vira pra cá, vira ali... o dia de domingo eu não posso faltar. Durante a minha vida toda, dia de domingo eu não posso faltar. É o dia da sopa, porque... se eu não for pra lá... Ainda mais agora que eu dou passe, eu tenho que estar lá todo sábado de tarde, quinta-feira feira à noite, eu tenho que estar lá porque tem a reunião...

Eu comecei a estudar lá... tava estudando e o professor saiu... não foi embora? Ninguém sabe por que, ninguém sabe. Eu digo que vem outro, mas... to esperando. Eu tava adorando! Tinha aula todos os dias! Eu não sabia nem assinar o nome, agora eu já sei... Eu já sei assinar meu nome, pouquinho, mas eu já leio umas letras, meus netinhos me ensinavam, agora eu parei, até meus livros, meu caderno, tudo sumiu.

Só a minha letra que ta meio feia... Estudar é muito importante... Porque a gente sabe. Abre a memória da gente, a gente parece que assim... que abre a memória da gente, é uma coisa alegre, uma coisa que... do coração mesmo da gente. A gente se esforça pra pegar, pra fazer e assim: ta meio feia a minha letra, mas... de vez em quando eu digo: “Tio, e o novo professor?” “Pera aí, ainda to conversando, mas se não chegar, tem uma escolinha bem aqui”. Daqui do lado do asfalto, ali... eu vou me matricular lá. Só abrir aula que eu vou pra lá.

A vida muda depois que a gente aprende a ler e escrever. A minha vida já mudou até demais... Eu não tinha nada. Eu não tinha nada, eu dormia no chão, eu,

até quando vim pra cá, mesmo, eu tinha uma caminha velha, aí eu não tinha colchão, não tinha nada, falei com o tio Adão ele passou quase um ano pra me dar esse colchãozinho velho, que agora ta velho... e assim, agora só falta ver se arrumo um guarda-roupinha pra mim colocar minhas coisinhas.

Essa vizinha aí me deu um armário, que eu to com vontade de reformar ele. É de madeira, foi ela que me deu. O tio Iran me deu esse filtro, deu pra minha filha, ela me deu. Minha geladeira...

Essa geladeira quem me deu... foi minha filha... ela comprou da vizinha dela, que ia jogar no mato, ela deu 50 reais nessa geladeira, mas olhe dentro como é que tá lindo! Tá super lotado de água! Sede não vou passar... pois é... Eu acho que minha vida já mudou demais em tudo... em tudo... Já mudou... porque pelo o que eu era, hoje em dia to perto do céu, graças a Deus, e assim vou passando...

Fico lembrando do meu pai, às vezes... Meu pai ele era baixo... Já a minha mãe era alta, cabelão bem compridão e bem morena. Ela era paraguaia, era do Paraguai, filha de paraguaios. Minha avó era Isabel e o nome da minha mãe era Isabel também. A minha avó se chamava... como é o nome da minha avó que eu já esqueci? O nome do meu pai...

O meu avô era José, a mulher dele era Isabel também, baixinha, dizem que se parecia comigo, dizem que eu sou a cara da minha avó! E meu pai era amazonense, acaboclado, né? O meu avô era José... José Farias de Oliveira.

Eu me lembro que quando eu já vim de lá eu já tava... Eu me lembro deles. A minha avó morreu, depois ficou meu avô. Quando eu já tava aqui eu soube que meu avô morreu, que uma mulher que morava lá perto e veio pra cá falou para mim. A minha mãe morreu de derrame também, ela tava de resguardo, deu uma chuva e ela foi tirar os paninhos do nenê, morreu de resguardo, derrame. O meu pai... O meu pai morreu depois de eu casada... eu soube....

Eu tinha irmãos... Uma é freira... a caçula que ficou era freira, eu não sei... ficou muito mal, ela era moça já e correu...

Porque no interior é assim: corre boato, quando não é mais moça e..., aí meu pai tirou a orelha da minha irmã. Cortou a orelha dela, porque ele soube que ela não era mais moça... Quando a outra minha irmã que estudava no colégio, soube da história... mandou buscar ela, aí as freiras tomaram de conta. Aí ela virou freira...

mas eu acho que foi pra esconder a orelha... mas ela ainda era moça, era uma criança ainda!

Meu pai era ruim mesmo. Não acreditou nela... e ela tava falando a verdade! O meu pai era muito ruim com a minha mãe também, ele batia na minha mãe, vi muitas vezes ele bater na minha mãe... Depois que minha mãe morreu, que pegou esse derrame aí ele pegou e casou com outra.

E eu acho que nem as mulheres que procuram briga, motivo... não merecem apanhar! Também do mesmo jeito... elas não merecem, porque se ela ta com um homem, ele se serve dela, tem filho com ela, a bem dizer do lado dele, então ele não deve fazer isso... Tem muitos que pegam briga sem razão.

Olha, eu vou lhe contar da minha filha: A minha filha casou com esse marido dela, ele é muito bom pra ela, não tenho o que dizer dele, mas ele queria ser ruim pra ela, você sabe o que ela fez com ele? Pegou ele e deu-lhe uma pisa nele. Você vai ver minha filha, é enorme, uma moçona enorme! Mulherona enorme, só não é muito forte, ela é alta, cheiona de corpo.

O Iran conhece ela, diz que tem medo dela. A gente morre de rir... Mês passado ela foi ajudar o tio Adão a fazer a sopa, levar as crianças pra escolinha e fui ajudar a fazer a sopa. Eles falam pra ela: “grandona, descasca esse alho e bate tudinho pra fazer a sopa!” Aí a tia disse: “tu mexeu com a grandona, agora?” Aí começaram a brincar, ele começou a brincadeira... Eles ficam com medo dela de brincadeira...

Pois é... O marido dela chegou do trabalho, bateu na porta, ela foi abrir a porta, né? Aí ele: “Por que tu custou de abrir a porta?” O mais velho já tava grandinho, aí ele pegou, bateu nela, deu um murro, ela caiu, quando caiu de lá ela já levantou com um cabo de vassoura, quebrou o braço, quebrou uma costela, ele foi parar no hospital. Nunca mais bateu nela..., ta um santinho com ela! Não brigam, respeitam... Respeitam um ao outro, né? Aí eu falo: “Ó, respeitem as crianças, as crianças já estão grandes, acabam com briga, que isso não fica bem pra vocês, as crianças estão vendo o proceder de vocês, viu!” Então, ela diz que eu sou a conselheira porque eu chego lá, começo a aconselhar ela...

Negócio de vizinho, estar na casa de vizinho, não gosto! Eu vivo aqui, aqui eu vivo, a casa que eu ando é o GEFA e a casa dela, quando eu passo de lá. Ela fala: “Mãe, vem aqui em casa!” Mãe, porque não veio aqui em casa, hoje, mãe?” Eu digo:

“Não, minha filha”. Não. Não sou mulher de andar na casa de vizinho. Aqui na minha casa ninguém vem, não tem uma pessoa de lá que venha freqüentar a casa, eu que gostava, né?

Um dia desses eu trouxe a Dona Zuma pra cá, chegou aqui, comeu, ficou uma hora comigo, depois eu dei umas coisinhas pra ela, ela foi embora.

Eu tenho muitas amigas... lá no GEFA eu tenho um bocado de amigas, graças a Deus! E tenho também onde eu trabalhava... no Alphaville eu tenho amigas, na... Por aí tudo eu tenho amiga. Aonde eu vou... Quando eu cismo de ir na casa delas eu vou. Quando eu chego: “Ô, Maria, porque você não veio aqui tal dia?” E assim, assim. Aí eu digo “Eu não vim porque você sabe, eu tenho minhas costurinhas para costurar” “Ah... mas faz isso pra mim, eu tenho um negócio pra ti levar e fazer pra mim” e vou passando...

É bom, a gente ter muitas amigas, é bom... Ali no GEFA, quando eu chego, abraço um, abraço outro, a gente... se diverte! Tem algumas que pedem pra mim pedir alguma coisa pros tios... Pedem. “Ah... tia Maria, eu quero assim, assim, assim, dá para a senhora arrumar com o tio?” Aí tem outras que me catam: “Cadê a Maria das Dores? Eu quero falar com ela!” Pode contar... E é assim: sopa, quando, tem: “Dona Maria, traz um pouquinho de sopa pra mim?” Tem umas com vasilha que já pede sopa. “Maria, traz sopa pra mim, domingo!”

O pessoal aqui passa muita necessidade, eu fico com uma pena, eu trago, às vezes quando eu venho aqui... Eu nunca neguei, não, quando eu tenho eu ajudo mesmo. Quinta-feira eu pego umas coisinhas por lá, quando chego com verdura aqui, é um bocadinho pra uma, um bocadinho pra outra... elas já vêm pegar aqui no portão. O pessoal pergunta: “Aonde tu vai?” “Vou lá na Maria pegar uma verdurinha”, e elas vem e eu dou, né?

Às vezes, elas falam: “Maria, tu tens um pouquinho de açúcar? Tu tens um pouquinho de café?” Aí eu dou, que eu tenho mais ou menos, dou um quilo, dou... Tem muita gente desempregada aqui... Pra esse lado esquerdo aqui, quase tudo. Tem uma invasão aí pra traz que dá dó. Dá dó. Às vezes eu vou lá, peço roupa para as tias, elas trazem, aí eu junto aqui e dou pra elas. E elas gostam, ficam felizes!

Ainda ontem veio uma aqui:

- Tem roupa, Maria? Pra criança, pra mim?”

- Ah, minha filha, não peguei hoje. Deixa... eu vou ter um dinheirinho de um tapete pra receber, vou comprar umas roupinhas baratinhas, usadas, lá, pra trazer pra você.

- Ta bom. Pro Natal, né Maria?!

- É, pro Natal... Natal vem aqui!

- Eu venho.

- Pode vir que tem!

Aqui tinha muita violência... Agora não, graças a Deus. Tinha um casal que brigava ali, se separaram, aí nunca mais. É difícil! Durante eu estar aqui esses três anos, nessa casa, eu nunca vi ninguém, nenhum homem bater em mulher. No bairro tem uns oito anos... eu morava com a minha filha antes. Essa casa que eu moro foi construída pela dona desse terreno... Eles doaram pra mim... Ela gosta muito de mim! Ela vem sempre aqui. Dia de sábado de tarde ela vem me ajudar, ela limpa tudo...

Já passei fome também. Mas Jesus é tão bom! Quando eu me passei pra cá, onde eu não tinha fogão, não tinha panela, eu cozinhava ali... num fogão a lenha no chão. Eu vim morar sozinha, porque o meu genro teve uma briga comigo e não gosta do meu filho. Nunca gostou. Eu morei numa casinha aqui dentro desse terreno mesmo, de madeira, quase caindo... ó, aqui... do lado dessa casa que eu to, eu morei dois anos.

Eu me lembro que minhas plantinhas eram tudo pequenininhas, aí, de manhã cedo eu molhava tudinho. Eu fazia o fogo de manhã cedo, fazia meu chazinho, meu café, que eu gosto mais de chá.

Tem cidreira, tem capim santo, aqui tudo tem. Aí apagava a fogueira, fazia meu chá, molhava as plantinhas e me mandava pro GEFA. Chegava no GEFA, por ali, a tia Maria mandava: "Vem tomar café! Venha, Maria!". No dia que mudei pra cá foi dia primeiro de agosto. Eu me passei pra cá. Peguei uma briga com meu genro, porque ele chegou bêbado... disse que ia jogar as minhas coisas, aí me mudei pra cá. E a Dona desse terreno... A vida dela era me perseguindo pra vir pra cá. Mas ela tinha medo por causa da casinha que era velha, e era muito violento aqui, era violento demais!

Aí quando foi um dia eu vinha do GEFA com a enxada no ombro, pensando, assim... Meu filho trabalhava pelos matos, ficava só eu e Deus, aí eu cheguei em

casa e falei: “Bem, vou-me embora, minha filha”. Nesse dia de noite nós tinha brigado, eu quis pegar o terçado, passou a paciência, queria me bater... ele queria me bater, mas não chegou a me bater, aí a Adriane ainda se meteu no meio, queria afastar, brigar comigo.

- Adriane, eu vou-me embora minha filha, não dá certo mais.

- Mamãe, não vá não!”

Ela começou a chorar e...

- Não, eu quero que tu viva bem com seu marido... tu tem seus filhinhos, fica bem...

Ela tava gestante do caçula. Nós brigava assim: porque ele não gostava do meu filho, quando meu filho chegava ele queria que desse o dinheiro tudo pra ele fazer compra, mas ele não tinha direito de dar. Ele dava 50, 20, 30 pra ela fazer a compra: “Toma, mana, compra o que a gente comer aqui”. Rapaz solteiro já viu como é que é, né?

Saía pro estudo dele, quando não, ia comer por aí. Nunca! até hoje ele não gosta do meu filho. Aí, e também.... Quando ele mexeu com ela, ele queria... sabe como é homem né?... Meu filho forçou ele a casar com ela, por isso ele não gosta do meu filho. Ele protegeu a irmã, né?

Aí... meu genro disse que não casava com ela, porque ela não era mais moça, e não sei o que... Ela era sim... era moça. Tudo bem... Pegou ela no colégio... eu não tinha sossego, eu não quis botar ele na cadeia. Ela só tinha 16 anos... O que meu filho queria é que ele casasse com ela, porque ela era virgem.

E por causa disso ele ficou com raiva, até hoje tem raiva dele. Aí bom... e por causa do menino ele ficou com raiva de mim, não queria que o menino morasse com a gente... aí ainda eu peguei uma máquina de lavar roupa... ele vendeu minha máquina... ficou de fazer uma casa pra mim, nunca fez, viu... nunca fez...

Aí ficava xingando meu filho, chamando de... Não gostava... O dinheiro que ele pegava era pra botar dentro de casa, para todos nós, mas o menino, ele é rapaz solteiro, precisa estudar, até hoje ele estuda, casou, mas estuda. Aí assim ficava aquela coisa. Por causa do menino ele tinha raiva de mim, porque eu acoitava meu filho, e acoito até hoje, eu não desprezo meus filhos, não!

Aí tudo bem, eu vim morar aí na casinha que tava caindo. Eu digo: “Meu Deus, tem dó de mim, não quero mais violência!” No dia que eu cheguei mataram um rapaz bem aí, perto do portão. Fiquei triste...

Eu vi os tiros... a janela tava aberta, a vizinha gritou pra mim fechar a janela, aí meu filho tinha saído para o colégio, disse: “Ô meu filho!” Fiquei aqui, tremendo de medo, mas Deus é poderoso, Francisco de Assis vai me salvar! Francisco de Assis vai querer que eu more aqui, vai me proteger, é ele que vai me proteger! Foi um dia atrás do outro, cheguei aqui não tinha nada, nada, nada.

Não tinha panela, não tinha prato, porque eu morava com a minha filha, não ia trazer nada dela, né? Aí tudo, tudo, tudo... Fiquei aqui, falei pra tia: “Tia, to sem nada, vê se a senhora arranja umas panelinhas pra mim”, mas parece que ela não teve tempo, nunca arrumou. Eu vim... quando foi no outro dia eu fui no GEFA, aí a Luíza disse:

- Maria, eu achei essa panela, quer pra ti?

Eu digo:

- Aonde tu achou?

- Eu não sei, alguém deixou aí... aí eu peguei. Tu quer pra ti?”

Eu digo:

- Eu quero!

Eu trouxe essa panela... nessa eu fazia comida, fazia chá, fazia tudo nessa panela. Eu disse: “O negócio vai ser bom!”, quando foi seis horas da tarde eu tava morando aqui... Parou um carro ali na frente:

- Senhora, bom dia, boa tarde, senhora

Era uma senhora...

- A senhora mora aqui? quantos filhos a senhora tem?

Eu digo:

- Tenho três filhos, mas só moro com um. E ele ta pra fazenda trabalhando.

Essa mulher parou aí e me deu uma cesta enooorme. Foi Deus que mandou ela.

E depois que eu conheci o GEFA, aí pronto! Eu não saí mais de lá... tudo melhorou... eu limpava aquele o jardim... agora ultimamente, eu tava limpando o salão... eu ia de manhã, varria... passava pano, ajeitava tudo, passava pano em tudo, limpava tudo... e vinha me embora...Aí foi o tempo que eu comecei a piorar de

novo, parei um pouco. Apareceu outra mulher que me ajudava, minha filha também me ajudava, ela ia pra lá de manhã e me ajudava...

Agora ultimamente... ele faz assim... o tio Iran faz assim... ele faz aquele... por exemplo, ele vem hoje aqui e diz: “olha, amanhã nós vamos ter mutirão... todo mundo aqui... que trabalha aqui, as mulheres... aí, vai eu, vai minha filha e as mulheres que trabalham né? E assim... vai quem quer. Porque muitas vão só pra ganhar né? E assim, eu acostumei...

Quando eu vou lá eu não vou fazer só um serviço. Se eu vou capinar, eu capino, de tarde pego a vassoura e vou varrer, vou ciscar, capino os lados também... ajudo capinar... o passe que dou todo sábado, sexta, quinta...que tem que ir, porque é uma obrigação mesmo... é uma obrigação porque se a gente já entrou naquilo, tem que ter o compromisso e também é uma obrigação naquele dia... no dia do passe tem que ir lá pra dar o passe... é mesmo como aquele senhor falou lá... não tem que ter preguiça. Se a gente já entrou no espiritismo, tem que ir lá pra ajudar né?

O passe tem o benefício da cura, doença... as vezes vai gente doente...assim... gente que... por exemplo, tem um encosto, ou ta doente mesmo, de qualquer uma doença... porque eu me curei lá... eu tinha muita pressão alta, início de derrame... eu fui curada de derrame lá... então eu tenho essa fé... as pessoas que vão receber o passe, a gente sente... sente a melhora e sente a pessoa também. Porque aquilo é como uma energia, já que a senhora firma em Deus, né? Aquela energia que faz shuuuuuu... agora se agüente porque não é dizer que a energia... que a gente vai botar a mão ali no passe é uma coisa que... é respeitado. Já que você suspende sua mão e afirmou em Deus, agüente... Porque alguma coisa vai chegar ali...

Só em Deus mesmo... Menino mal elemento... na hora do passe você vai sentir tudo... é só afirmar em Deus já... Eu trabalho também na sopa aos domingos. Durante esse tempo que eu tô lá, já faltei três domingos que eu não fui... eu tava doente. Mas eu me dou muito bem quando eu vou pra lá cortar a verdura... já acordo cinco horas da manhã... já tô pensando lá né? Eu penso: “Amanhã eu tenho que me levantar cedo” já levanto cedo, tomo meu banho... meu costume é seis hora tomar meu banho, faço alguma coisa pra comer... um chá, um café, pego um pão... eu chego lá e já tem nossa merenda também... e me divirto muito, porque a gente

brinca com um, brinca com outro... vem uma dali e pega a gente... vem outra e pega a gente e é assim... e vai passando o dia, tudo mesmo... Eu gosto muito dos tios, gosto muito da D. Maria e na hora do passe, não me deixam mesmo... Ficam correndo atrás de mim... eu acho é graça.

Se eu tô na cozinha, a tia diz: “a senhora pode me ajudar?” e fica dizendo: “libera, libera ela pra mim, um pouco”, quem tiver na cozinha diz brincando “ela pode ir, sim” aí eu já vou com ela... Eu acho legal a evangelização infantil porque como nós... Eu, a tia Amélia, a tia Maria e a D. Zuma, nós fomos tiradas pra fazer o evangelho nas casas... ta tudo assinado lá... tudo organizado as equipes que ta marcado, pra ver quem vai, quem não vai... eu acho muito bom. Eu me sinto assim... uma pessoa que parece que eu cresço, quando vou fazer o evangelho numa casa, quando a gente começa a falar... aí pronto! Aquilo vem com tudo na gente né? a gente já sabe o que vai acontecer naquela casa, o que que as pessoas vão fazer, o que é que vai acontecer, tudo a gente já ta sabendo, né?

Sábado... sábado, nós não tinha nem falado com a mulher pra ir lá... e agora... a tia Maria disse: “bom... eu vou! Se a mulher for braba, vocês vão só... eu fico aqui fora” e eu disse: “ah não D. Maria! Tu tem que ir com nós” e ela “ah não, mas eu não posso correr” eu me diverti muito. A gente bateu palma, ela veio, atendeu bem nós... tomemo refrigerante, foi chique! Eu gosto muito do GEFA, muito mesmo.

O bairro era muito horrível... era muito violento... ainda é! Mas não é muito como era... Porque olhe... quantos e quantos senhores de idade não morreu aposentados, morava sozinho eles... invadiam pra roubar, porque os ladrões sabiam que eles eram aposentados, tinham dinheiro e matavam... Quando eu cheguei aqui, mataram um aqui na frente e outro lá na esquina... e atiraram em outro lá na rua de cima. Eu me apegava com Deus, porque uma pessoa pra morar só, tem que ter muita coragem, coragem mesmo! Nunca entraram aqui em casa, mas já bateram nas portas. Eu confio em Deus e neles... nos espíritos protetores...

Quando é de noite ta cheio de gente aqui em casa... um dia desse eu me deitei nesse cortinado... a gente contando, pensam que é mentira! Tem gente que diz que é mentira, mas é verdade! Aí eu deitei, arriei o cortinado, na hora que eu to deitada no cortinado... eu vi alguém... aí eu disse: “Meu Deus!” eu levantei, circulei por ali... e fiquei pensando: “Meu Deus, o que será? ”Deitei... quando eu deitei de

novo, quando eu tava cochilando... apareceu de novo! Era uma sombra... eu já notei assim que... as vezes é o meu marido. Porque já me disseram que ele tem encostado em mim. Eu fico rindo, porque eu não queria ele morto... queria ele vivo. Eu também sei que é ele, porque eu vejo ele... vejo direitinho, como eu vejo você! Ele chegando... chega, senta na beira da minha cama... só não conversa, fica e faz aquela sombra pra mim, né? Eu começo a orar e passa...

Eu já vi também outra pessoa... mas não sei quem é essa pessoa, só sei que é uma mulher. Na outra casinha que eu morava, ela entrou... a sombra entrou e ficou do lado dos meus pés e ficou olhando pra mim... não falou nada... olhou, olhou, olhou... Sentei na cama e orei pra ela. Conte pra dona desse terreno que eu moro... e ela falou pra mim que era uma senhora que tomava conta do terreno... não fiquei com medo não.

ZUMA RAMOS DA SILVA



Figura 10 – Zuma Ramos da Silva. Foto: Sheila Ximenes, Fevereiro, 2009.

“Ela via tudinho o que ele fazia porque eu ficava com a cara toda roxa, ele me batia desse lado aqui, do lado direito, justamente desse lado eu quase não enxergo, abalou muito, meus olhos ficaram escuros. Numa dessas surras, afetou meu olho, ele me cortou... esse golpe aqui no meu braço foi ele que cortou, de facão minha filha! Ele foi para cortar minha cabeça, eu meti o braço assim no meio, quando ele foi arriar o terçado, o facão, que ele usava na bainha, ele falou: “Eu parto sua cabeça”! Quando ele disse “eu parto sua cabeça” meti o braço, pegou aqui. Falei um palavrão pra ele, disse que ia dar parte, mas não fui. Ainda tive que correr, porque senão ele tinha terminado a desgraça...”

De onde eu vim é o do Amazonas. Eu vim nenezinho no cueiro... aí já me criei pra cá. Antigamente o pessoal chamava de Alto Madeira, era Alto Madeira aqui para Porto Velho, aí a gente...

Quando a gente veio pra aí... pra cá, só tinha casa aonde tem o trem, era, ali... tinha umas casinhas de palha, não tinha casa de alvenaria naquela época. Naquele tempo eu tava com uns 11 anos... é... eu já tava com 11 anos quando a gente conheceu aqui.

Nós moramos lá abaixo do Belmonte, foi lá que nós moramos. Papai cortou seringa, papai era seringueiro, justamente... era seringueiro... e trabalhava fazendo roça, plantando milho, jerimum, arroz, feijão, ele fazia aquelas vagens no mato, derrubava pauzão grosso, e fazia aquela queimada para plantar o arroz com feijão, aí ele dividia: um pedaço de roça, um pedaço de arroz, e um pedaço de feijão, era na terra de uma vagem²⁰ que ele fazia, sabe? E ali a gente vinha se mantendo. Na época o mês de maio era o mês de plantar e antes da chuva chegar de novo a gente colhia tudinho... as vezes a gente colhia já com água pela cintura... era bom demais essa época! Ninguém passava aperreio não... era muita fartura...

Até quando chegou no ano que nós chegemos papai plantou muito, quando foi no outro ano ele já plantou mais pouco... dava muita farinha. Ele plantava meia lata²¹ de feijão, e colhia arroba, a terra de tão boa, era terra adubada, terra preta, terra preta de estrumada, muito bom menina!

A gente ajuntava feijão, vendia feijão, trazia aqui para Porto Velho e vendia no porto do velho, o velho que comprava, e aí já foi se espalhando os filhos dele, genro, nora... e era só o laranjal ali onde tem aquela navegação, aquelas casonas que tem lá na beira do rio, que tem os trens, aquilo era só laranjal minha filha, laranjeira, coqueiro, tangerina, aquelas pocãs, dava cada amostra assim... grande. Nós levava pra casa e a mamãe tirava o caroço e plantava para ter no quintal... Eu sei que na roda de dois anos, três anos já tinha laranjeira grande, frutas, sabe? E a gente se criou assim... aí foi o tempo que minha mãe teve as outras... minhas irmãs.

Tenho três irmãs e dois irmãos, um morreu afogado e outro vive só lá no interior, nós temos medo de estar perto dele porque quando ele bebe fica doido, fica... Não sei nem como explicar direito a situação daquela criatura... sei que eu me afugentei de lá porque ele bebeu umas cachaças e caiu nas minhas galinhas eu quis

²⁰ Com a conferência do texto, identificamos que na “terra de uma vagem”, se refere à terra de várzea.

²¹ Faz referência a latas de querosene com aproximadamente 18l.

dar umas flechadas nele de terçado e ele quis me enrolar de terçado, eu disse: “Nunca mais que eu piso aqui”.

Isso tudo aconteceu no Belmont... e aí veio vindo, eu arrumei marido, não deu certo, me separei, sou mãe de quinze filhos, quinze com esses cinco que eu tenho com esse outro, que eu deixei. Tive dez com o primeiro marido e cinco com o segundo...

Ele queria me matar, foi o maior rolo, o meu primeiro marido, esse outro não, graças a Deus não tenho o que dizer dele, só que ele era muito... como as meninas... egoísta, ele queria só pra ele as coisas, não faltava nada pra eu comer com meus filhos, só que num momento...

Esse negócio de doenças também ele era muito... Quando ele via alguma doença já cuidava de... ele mesmo consultava, pedia remédio para tal doença, nem pense que ele ia em médico não... nem eu gostava de médico, agora que por causa dessa diabetes estou procurando médico, porque não sei cuidar sozinha.

Mas, mãe, quando era viva, sabia cuidar de tudo, sabia fazer garrafada. A mãe curou muita gente! minha mãe morava lá onde eu morava, eu era vizinha dela, ela me deu um pedaço de terra lá, e foi justamente essa terra que eu troquei por esses dois terrenos aqui que eu moro... herança da minha mãe e do meu pai... esse daqui foi ele que trocou por outro sítio, lá no mato, é assim... é desse jeito... já sofri muito, minha filha...

Esse meu primeiro marido era ruim comigo, quando ele bebia botava pra quebrar, me arrocava todinha, eu não podia conversar com mulher nem homem, de jeito nenhum, quando a pessoa saía, mulher ou homem, ele me esculhambava, eu dizia que não, que não, e ele: “é porque tu não quer falar, tu ta encobrindo, sua...” Falava palavrão, ele sabia que a gente é assim, me admiro que ele conhecia até as coisas, para que ele falava tanta asneira? Ele dizia que minha mãe era isso, que meu pai era aquilo outro...

Nessa época, eu vivi muito tempo com ele, só dez filhos eu tenho com ele, seis filhos! Aí não agüentei mais, cheguei pra perto da mãe... vim de lá morar aí com ela, justamente foi daí que larguei ele, eu que larguei ele! Saí, deixei ele na casa e sumi. Eu não agüentava mais. As crianças eu trabalhava para sustentar, trouxe tudinho, mas não agüentei não.

As mais velhas começaram a querer namorar e o negócio não prestou, aí tive que entregar tudinho para ele, ele acabou de criar porque eu não agüentava. Às vezes ia cochilar, um soninho, um cochilinho pequenininho, já de madrugada. Cinco horas da manhã era que eu ia dormir, na parede do forno, torrando farinha, tirando goma. Nós tirava goma, outra mexia no forno, aquela outra prensava na prensa. Tudo isso foi aqui abaixo do Porto Velho, no Belmonte, um lugar chamado Portuchuelo... acima de Cujubim... Cujubim Grande pra lá... E tô por aqui minha filha, lutando. To só com meu menino, as meninas casaram, arrumaram homem e se mandaram... essa minha filha que ta aqui em Porto Velho, mora aqui perto e vem passar o dia aqui comigo, porque eu passo só.

Eu moro sozinha com meu filho, meu filho trabalha e tudo. A casa da minha filha é ali perto da igreja, é uma casa branca... aí ela vem passar o dia, de noitinha vai embora para lá. Ela é nora da Dona Maria do GEFA... ela tem uma filhinha com o filho da D. Maria... é uma menininha loira... é minha neta e neta da D. Maria... e aí, com muita paciência a gente tá vivendo.

Eu sou aposentada por invalidez, foi assim: eu já tinha problema de pressão mas não sabia. Fui tocar fogo numas folhas, saí com o corpo quente e abri a geladeira pra tomar água e depois fui tomar banho... ah pra quê... caí dentro do banheiro... as meninas me acudiram... foi uma confusão... depois daí fiquei tomando remédio pra pressão. Quando eu fui no médico descobri um monte de outras coisas e uma delas foi aquela doença do osso... osteoporose né? o médico me deu o laudo dizendo que eu não podia mais trabalhar...

Eu fiquei com raiva do médico porque ele me tratou mal... parece que ele tava com raiva de me dar o laudo, sabe? Saí de lá chorando... o pessoal perguntando o que eu tinha e... pra uns eu falava, pra outros não falava... tava triste demais, me tratou que nem um lixo... com três meses chegou um papel aqui em casa e minha filha correu atrás pra mim da aposentadoria... recebo um salário mínimo... mas minha filha, não dá pra nada... pago luz, água, remédio e lá se foi o dinheiro...

Quando eu era agredida pelo meu marido eu não contava pra ninguém... nunca contei, por capricho... o meu capricho era esse. Se vissem eu com a cara amarrotada e perguntavam o que era, eu dizia: "Confusão"... tudo bem... eu não falava, agora quando eu cheguei perto da minha mãe... e o pior é que ela já sabia, porque ela é dessas videntes, ela...

Ela via tudinho o que ele fazia porque eu ficava com a cara toda roxa, ele me batia desse lado aqui, do lado direito, justamente desse lado eu quase não enxergo, abalou muito, meus olhos ficaram escuros. Numa dessas surras, afetou meu olho, ele me cortou... esse golpe aqui no meu braço foi ele que cortou, de facão minha filha. Ele foi para cortar minha cabeça, eu meti o braço assim no meio, quando ele foi arriar o terçado, o facão, que ele usava na bainha, ele falou:

- Eu parto sua cabeça!

Quando ele disse “eu parto sua cabeça” meti o braço, pegou aqui. Falei um palavrão pra ele, disse que ia dar parte, mas não fui. Ainda tive que correr, porque senão ele tinha terminado a desgraça...

Eu nunca procurei ajuda porque eu tinha medo! Eu tinha medo do seguinte: de eu dar parte dele e as coisas não dessem certo, ninguém ia acreditar no que eu ia falar e ele ia dizer que era mentira, que eu era doida e aquilo outro, e ficava com medo de falar, o pessoal não ia me entender e quem ia pagar era eu de novo.

Por isso que eu não dava queixa. As pessoas não iam acreditar em mim, porque eu era muito nova, porque era menina ainda, era mulher... Quando eu fugi com ele - eu saí da casa da minha mãe escondida, sem permissão dela e nem do papai. Papai era muito agressivo, papai era muito agressivo! Ele dizia que no dia que nós arranjassemos homem e que não fosse do gosto dele, ele acabava com ele e acabava com nós, ele era desse jeito... um português ruim... era português ele, o pai do meu avô...

Então, meu marido dizia que ninguém ia acreditar no que eu falava, e aí o que ia adiantar eu falar, se ninguém ia acreditar em mim... aí o meu consolo, o que era? Chorar! Chorar e pedir a Deus pra que eu saísse daquela vida, porque eu já não tava agüentando mais!

Até de resguardo eu apanhava, e ali todo mundo – os meus conhecidos, os conhecidos da minha mãe – hoje quase não tem mais, tão morto, já passaram de uma vida para outra... não sei como não perdi o juízo, de tanto que ele me batia. Ai, meu Deus do céu, todo filho que eu tinha era briga, eu buchuda apanhando...

Qualquer motivo era causa pra ele brigar. Se você passasse... Um momento assim, você passasse:

- Como é que vai D. Zuma? como é que ta? ta tudo bem? tá tudo bom pro teu lado?

Ele, olha... Ele ia dizer... Ele falava, assim, parecia que era um bicho feio que entrava no couro dele, ele falava: “O que foi que ela falou?” Eu falava: “Não, ela só deu as horas, perguntou como é que vai”. “Não acredito, mentira, tava dando era homem, marcando encontro!” “Que encontro homem? Tu é doido?” “Tu que anda falando com esses...” Falava um palavrão, sabe ignorante como é que é... Eu dizia: “Eu não! fulana falou assim...” Ele dizia: “Que nada! Foi isso sim”. Até de cinturão eu apanhei, até de cinturão eu apanhei! Não dava mais, aí eu decidi: “Eu não tenho nada”. Não tinha bagagem, não tinha nada, a bagagem minha, se eu queimasse não dava uma colherada de cinza, porque eu não tinha nada, só tinha uma maquirazinha que eu amarrava a rede, pra nós pra lá é maquira, aquela redinha pequena, e só. Cada qual tinha a sua maquirinha pra dormir e só.

Não tinha cama, só era rede e aí, eu fui sofrendo, às vezes eu penso assim: “será que essas dores que eu sinto no corpo... quem sabe não foi daquele tempo!”, né? Eu apanhava muito, eu apanhava muito, teve um tempo de chegar a provocar sangue, teve tempo de eu provocar sangue da peia que ele me dava, o maldito! Eu pensava que ia ser tuberculosa, virar aquela coisa de enfraquecimento que dá... Eu pensei... mas graças a Deus fiz exame, bati... a minha mãe mandou bater aquela chapa pra ver como é que tava, tava uma mancha desse tamanho, já tava começando... mancha no pulmão, mas aí ela me tratou muito bem.

Minha mãe sabia da situação e não se metia... mas ela tava rezando pra que eu viesse ao encontro dela. Deixei ele lá, e vim, quando eu cheguei, ele chegou também. Veio atrás de mim, me buscar pelos cabelos, disse que eu tinha que voltar, mas eu disse: “Não volto, só se for morta!” “Morta você pode me levar pra tudo quanto é canto, fazer um fogo e me jogar dentro, mas eu viva não vou!”.

Falei para ele, ele não se conformou, aí falei pro irmão dele... ele alugou uma casa e nós moramos... aí foi daqui que eu baixei pra lá, pra minha mãe, aí não fiquei mais sozinha não... tinha o papai, a mamãe... ela era quente, quente! braba, braba, esculhambou com ele, só não chamou ele de santo!

Em casa, eu que ficava responsável por tudo...limpar a casa... eu caçava... aquele tatu... matava tatu, pegava jabuti. O tatu eu matava com a faca, com a peixeira, a cachorra ia mordida no rabo, mordida na cabeça, aí não dava tempo de ele cavar, eu chegava lá: “*Ta!*” na cabeça... *ixe!* mais eu dava era pro pessoal de lá, quando os meninos não queriam mais comer... jabuti... cada jabuti grande!

Quando eu fui embora, eu deixei com tanta dó minhas cachorrinhas... porque era elas que me dava comida, né?

Agora a gente tem tanta vontade de comer um jabuti e não tem... aí depois morou um pessoal em casa... era o seu Antônio e mais três sobrinhos, foram pra lá pra pescar... meu Deus! Aí foi que eu apanhei, porque o homem era danado, comigo, danado comigo! me deu uma malhadeira pra eu botar no lago pra pegar peixe, ele me ajudou a remendar a malhadeira, eu pegava aqueles tambaquião enorme de grande na malhadeira... eu vendia, eu comia. Ele dizia que o dinheiro que eu trazia, era a troco de outra coisa... você já imagina né? o que ele pensava... sofreu demais!

Tudo por ciúme... Eu plantava feijão - tudo o que meu pai fazia - plantava arroz, plantava roça de feijão, milho, jerimum, melancia, maxixe, tomate, pimentão, ih! Aquelas embarcações passavam, paravam na porta de casa, eu dava pro pessoal, o pessoal me dava cada mantona de charque, vinha embrulhado assim tipo um breu... breu era uma espécie de sova que depois da fervura ficava preto... mas agora não precisa disso mais não... já tem plástico pra enrolar o charque... eles me davam aquela mantona. Quando ele chegava... O ramo dele era pescar, você pensa que ele pegava peixe pra fazer outras coisas? Só era pra vender. Pra comprar o que? Pinga... aí pronto pra fazer o quebra!

Quando ele chegava ele fazia para ele... A gente só comia quando eu pescava... tinha que viver só... aí eu deixei ele. Passei um ano solteira depois eu conheci esse outro marido... e desse outro, graças a Deus, não tenho o que dizer dele. Me deixou na casa porque não deu mais certo, porque ficou com medo das filhas namorar com noiado e os noiados querer bater nele dentro de casa, aí ele também...

Por causa só de um, que usava brinco, o marido de uma filha que eu tenho que mora lá pro bairro JK. Aí ele ficou... Disse: "Ê, rapaz, você já virou noiado?" Porque ele usa brinco de um lado e pra ele, quem usa brinco de um lado é noiado. Aí ele não quis não. "Vai".

Por causa disso ele foi embora. Foi só por causa disso. Ainda tenho contato com ele... Ele vem por aqui, eu vou por lá, agora pelo Natal eu tô pensando de ir por lá, queria dar uma volta lá, porque eu queria arrumar umas merdas de boi para fazer horta, queria plantar umas cebolas.

Ele casou de novo. Tem outra mulher... vixe! depois de mim ele arrumou foi três, e ta bom. Arruma... manda eu arrumar um marido: “Arruma um homem pra te segurar, a gente só não presta não”, ele fala pra mim: “Arruma ao menos um velho, que te leve nos postos, tu só anda sozinha por aí”. De fato só ando sozinha mesmo. Eu vou arrumar mais nada, não quero não! Não dá mais pra mim, não dá mais não! porque homem é isso mesmo, e eu não tenho mais paciência. Não tenho mais paciência, tem vez que me foge até da mente de eu viver assim: perturbada, e eu não posso mais... Assim, eu digo assim: me perturbar, não me deixar dormir... ou só pensar em beber, ou esperar só por mim fazer as coisas, eu não quero mais essa perturbação, não quero não. O dia que eu quiser fazer uma comida eu faço, o dia que eu não quiser, faço um chá e bebo, uma bolacha, e vou dormir.

Hoje eu me sinto livre, só o que me pega só é uma coisa... é esse filho que bebe, mas graças a Deus, bebe só no final de semana. Dia de sexta-feira já tem dia que ele não bebe, dia de sexta-feira... agora sábado e domingo ele dorme por aí, chega de manhã, quando não de madrugada, quando não... só no outro dia mesmo.

Esses dias ele ia me matando... assim: negócio de eu ficar apavorada assim... de eu pensar se ele tava no meio de droga. Tô pensando assim... e tô em dúvida, que ele não tá usando... Que ele tava usando ou que ele não tava usando. Eu fiquei perturbada demais. Até hoje não gosto nem de me lembrar.

Eu achei estranho, eu achei ele estranho, e hoje que estou prestando atenção, quando ele bebia bebida era de um jeito, ele atende a gente, e quando ele está nessas coisas, nessa corda bamba – porque eu não vou duvidar que ele... Eu não tô garantido que ele usa, mas também fico confusa se ele usa, sabe?

Minha pressão subiu, subiu, subiu, subiu! Cheguei a provocar e não comi nada, passei uma semana sem comer coisa nenhuma, o que entrava era água e chá... chá de laranja, chá daquele... chá mate, nem pão não entrava, parece que fechou tudo assim dentro de mim e eu pensei assim: parece que me tocou uma coisa que me mandou... Eu tinha 20 reais aí... que a menina tinha me dado, falei: “Francly, pega esses 20 reais, vai comprar uma lata de leite pra mim e um negócio de fazer mingau”, que eu acho que vai descer...

Ela pegou e se mandou com o dinheiro, comprou uma lata daquele Neston e de leite. Eu disse: “Faz logo minha filha, que parece que eu to secando por dentro”.

Pois foi o que abriu minha vontade de comer, e pronto. Agora que eu tô comendo, bebendo um caldo, uma coisa, mas carne não vai, não desce mais.

Tudo isso do nervoso, mas carne não entra não. Peixe entra, carne, não. Ele ficou muito preocupado comigo, eu também não falei nada... eu sou dessas que vou colhendo devagar, vivo calada, quando eu solto os cachorros, ele chora, ele chora! Parece que dói na consciência dele.

Ele se viu tão aperrado comigo que pegou o dinheiro dele que ele tava trabalhando – ele ta, parece que ele vai trabalhar nesse serviço de apagar fogo. Ele ficou aperrado que pegou o dinheiro dele e comprou aqueles miojos, foi fazer aquelas sopas:

- Mãe, quer?

- Meu filho, não quero não, é muito salgado, é muito ruim... macarrão eu não quero.

- Mas beba ao menos o caldo...

Fez tudo, levou pra mim lá dentro, ele se tocou, mas também eu não falei nada, porque um dia desses eu liguei o rádio na... Como é que é? na nova... é nova? Não! é Mensagem Canta Galo, que é de uma igreja... justamente da Deus é Amor, então o pastor tava falando que a gente quando tem uma pessoa da gente que usa drogas, que bebe, que tem vícios, você nunca diga nada que ofenda, você só faz alegria e procura sorriso no rosto, pra aquela pessoa não reconhecer que você já não gostou, porque aí só faz ofender.

Então, você procurando, eu procurando mais acarinhar ele... pra mim aquilo foi me dando uma paz, eu chorei tanto, chorei mesmo, sozinha lá dentro. Aí me toquei que ele precisa de ajuda, que ele não teve carinho de pai, teve só carinho de mãe, das irmãs, e aí eu tenho que acarinhar ele também, né?

Eu tenho que ensinar, né? E não virar as costas. Não que eu ache que seja bom, porque foi isso, depois dessas mensagens aí que melhorei mais, né? Parece que aquilo tava me cutucando para eu abrir o rádio... e eu fui, abri. O meu radinho até esculhambou, só pega a Caiary agora. Eu vou botar, eu vou consertar. Eu tenho uma colega que mora lá perto do posto, a Fran, numa eletrônica, vou levar pra ela consertar, é ela mesma que conserta. Duas vezes ela consertou minha televisão...

Minha luta foi assim, minha vida foi toda enrolada, e eu to aqui ... aí que eu fiquei melhor.

Aqui no GEFA, destampou tudo, clareou. Eu freqüento lá. Eu gosto, eu me sinto... tem vez, que eu to aperriada, eu vou tão pesada e quando eu entro lá, é só eu chegar, só aquela ventania lá do... quando eu saio de lá venho tão maneira, de modo que o peso fica tudo lá. Sem o GEFA minha vida seria triste... eu não tenho quem converse comigo assim... assim né... trocar causos, histórias da novela, “você viu a fulana com o fulano”? “você viu o jornal hoje”? tirar brincadeira... orar junto, distribuir a cesta básica junto, vim pra sopa... essas coisas... porque filho você sabe né? não liga pra conversar essas coisas com a gente... é só pra dizer: “mãe, a comida tá pronta”? “mãe, faz isso pra mim... faz aquilo pra mim...” lá é tipo uma despertação pra mim...

Eu to com uns três anos que to freqüentando ali, ajudava muito a Dona Maria aí, que era só ela, não tinha ninguém. E, lavamos muito essas áreas aí, essas salas. Continuo trabalhando, limpo mesa, só não faço muito é o chão, porque coisa minha coluna aqui, mas as mesas, a sopa... é tudo.

Duas coisas pesadas que eu não posso: lavar panela e limpar o chão. O resto tudo é nós, graças a Deus! O caminhão da verdura com as coisas pra fazer a sopa, os tios...

O GEFA mudou a minha vida... se mudou. Antigamente lá era muito acanhadinho, nem casa tinha, era aquela choupaninha... metade de palha, metade de Brasilit, fogão de lenha, eu cansei! Nessa época eu tava com eles com... mas tinha muita fruta, estragava muita fruta lá.

Não tinha ninguém pra pegar, porque as pessoas tinham medo... porque é um centro espírita! Tem gente que fica encucada com aquelas coisas, pensando que é alguma coisa má, mas quando acaba... Até eu, mesma, como eu tava falando, eu tinha cisma, mas agora *neca!* *vixe...* eu ganhei tanta coisa ali... tudo, tudo... alimento pro corpo e pra alma...

Eu também pensava assim...: que não davam atenção para as pessoas, sabe uma coisa que parece... pensava que eles iam pensar, gente estranha que chegava lá... e eles não iam dar atenção pra gente.

Tinha medo de não ser bem recebida. Era, mas quando eu morava lá perto da Escola Jânio Quadros a minha menina vinha tomar sopa aqui, elas vinham tomar sopa aqui e me convidavam. “Eu não!”, aí numa viagem passei por aqui, a menina que eu vinha disse:

- Aqui é uma casa de macumba.
- Macumba?
- É! Um centro espírita aqui, um centro de macumba.

Quando eu cheguei em casa falei: “Meninas, vocês vão ali tomar sopa, cuidado! As pessoas de lá são brabas!”, cansei de dizer pra elas... e elas fugiam, ó... pra tomar sopa aí, elas iam jogar bola e do jogo de bola iam tomar sopa aí, é..., as minhas filhas, eram três que faziam isso.

Depois que eu fui a primeira vez lá, vi que não era macumba não...foi assim... em poucos tempos que eu cheguei aqui, porque eu morava pra lá, pra longe... aí nós viemos para cá, aí passou, passou, passou, sempre eu ia espiar ali na frente... fiz até um banco... tem até um pau lá que era um banco que eu ficava lá prestando atenção, e aqueles carros chegavam, aquele pessoal saía com panelinha, eu falei: “Um dia ainda vou conhecer isso!” Quando foi um dia a Dona Maria passou pra comprar... Aqui bem na esquina tinha um ponto, é...Eu perguntei dela, aí ela falou que não fazia mal a ninguém, que se eu quisesse conhecer que eu fosse lá um dia de domingo tomar sopa, aí eu disse: “Ta bom!” Depois daí, comecei a sonhar andando com as pessoas, conhecendo gente estranha, conhecendo gente que eu nunca vi na minha vida.

No meu sonho, mas assim: eu mais acordada que dormindo, vendo tudinho, tipo assim: você espiando a televisão, sabe? Aí foi indo, foi indo eu: “quer saber?” Comecei a ir, aí o pai delas, meu segundo marido, ficava com raiva, falava que eu tava na macumba, eu dizia: Não é macumba.Ele falava isso porque era tudo coisa que o povo falava, que ali era um centro espírita, era coisa de...

Eu disse: “Um dia ainda vou conhecer!” Fui conhecendo, conhecendo, conversando com ela, com a D. Maria, ia pra lá, conversava com ela, ajudava ela espremer roupa, lavava as vasilhas pra ela, lavando roupa e fazendo as coisas. Varria a casa para ela, passava pano, lavava as vasilhas dela, quando era na hora... Às vezes cortava carne para ela, quando não era galinha, aí deixava tudo pronto e dizia: “Agora vou lá em casa que o Chico ta pra chegar - que era o meu marido, o pai das meninas – ele ta pra chegar. Ele trabalhava na Prefeitura. Eu vinha mais do que depressa, quando chegava aqui às vezes as meninas ainda não tinham chegado do colégio, eu botava as coisas todas no fogo: arroz, galinha - galinha ele quase não gostava – eu fazia fritar aqueles peitos para ele, eu fazia tudo bem para

ele não desconfiar que eu saí, porque se ele chegasse eu tivesse lá ele não falava nada, mas ficava com a cara fechada... com raiva.

A gente conhece quando a pessoa não gosta da pessoa. Mas também ele não falava, nós não brigava... quando eu pegava, que eu soltava os cachorros nele, pegava a bicicleta e ó... ia embora... ele fazia qualquer coisa pra me agradar, as brigas nossas eram assim.

Ele também dizia:

- Quando eu tiver com a cara ruim, é que eu tô preocupado com negócio, com dinheiro, com essas coisas assim para casa

- Ta bom.

Eu também já conheço... peguei aquilo que fosse meu mesmo, não tava nem aí. Ele ficava com raiva pra lá, eu botava a comida, tomava banho, a roupa dele eu já deixava no jeito, a cueca pra um lado, camisa pra outro, calça pra outro, bermuda pra outro... era assim e ele não me perturbava. Eu já arrumava tudinho. E aí nós fomos vivendo, não sei como foi essa separação, sei lá. Muita coisa que fizeram... Mas não tenho nada com isso quem fez, não levo nada a sério...

Quando eu tinha que fazer alguma coisa, sair pra algum canto, eu avisava ele. Eu só avisava, mas não pedia... Porque ele também quando saia não me dizia nada, depois que eu soltei os cachorros nele, que eu disse: “você faça o favor de quando você sair, você me avise, assim como eu aviso você!” “Ta bom”. Tinha vez que ele avisava, tinha vez que ele ia embora...

Depois o Chico começou a trabalhar... ele trabalhava assim por fora, só vinha de mês... comprava, fazia o rancho para mim passar de mês, tinha vez que passava mais de mês, porque nós tinha uma freezer cheia de tudo, aí eu não tinha com o que me preocupar, né? Se ele namorasse, se ele tivesse outra não tava nem aí, porque eu tinha de tudo.

Porque era assim: eu tinha desconfiança que ele era safado... mas não tinha certeza das traição... depooooois que a gente se separou ele confessou pras minhas filhas que me traía de verdade... mas eu nunca liguei porque no fundo, no fundo... eu tinha aquela desconfiança, sabe? E tinha o que comer também... aí passou...

Eu não me importava muito não. Não faltava nada... era remédio, a doença deles era gripe e aí pronto, o que eu podia falar? Nada mais! Muito bom, graças a Deus. No trato de doença era com ele mesmo. Comprava remédio, ficava bom, ele

até me consultou para eu não ter mais filho, fui com um farmacêutico velho, não sei nem como esse farmacêutico era... dizem que era um boliviano, passou um remédio para mim que se eu ficasse buchuda eu não ia segurar. Me capei pra sempre.

O remédio deu certo, mas ainda saí gestante de um menino, mas abortei, tava com um mês e quinze dias. Já vinha tomando o remédio. Ele comprou dois vidros de remédio, um assim, não sei como é que é o nome... esqueci... e o outro grandão assim. Um tempo, eu tomei remédio pra prevenir, mas aí não adiantou que quando eu ia passar de um remédio pro outro... eu peguei essa minha caçula. Mas eu fiquei gorda. Fiquei gorda, gorda, gorda, gorda... que não tinha roupa que cabia em mim, ele comprava pano pra eu fazer aqueles sacos para eu vestir, de alça.

Fiquei gorda por causa do remédio. Passou, passou aí acabou, parei de tomar que terminou porque era no interior que eu morava, e aí saí gestante de uma menina. De lá nunca mais tomei, falei: “Não vou tomar mais não”. Disse: “Não vou tomar mais que não adianta, já tô no fim de rama, mas ainda peguei um menino. Tive meu último filho com 35 anos, eu acho... não me lembro...

Eu não tive mais filho, foi porque não veio mesmo, terminou mesmo, terminou... quando eu ganhei essa minha filha - que foi lá no Eldorado, nessa época eu morava lá no Eldorado, aí a minha colega falou que era ponta de ramo, não tinha mais, porque quando a mulher tem filho, fica aqueles nozinhos no cordão umbilical aqui e acolá.

Quando a mulher vai ter... mas ela disse: “Ah... minha filha você não vai ter mais filho, terminou, ta limpo! Ta limpo o cordão do umbigo da tua filha’, e ta aí... mas foi engano porque ainda teve outro, que não vingou. Que não vingou, ta vendo? Era verdade que eu tava no fim da rama...

Eu não tive nenhum filho em maternidade! Tudo era em casa. Sofria, mas tinha. Eu mesma ajeitava quando tava ruim, de noite, na boca da noite... Eu Arrumava a minha barriga mesmo, assim: já antes de amanhecer, levantava, tava arrumada minha barriga, quando eu tinha... com duas, três dores... já tinha. Era rápido! Não tinha ninguém pra me ajudar. Teve duas...Dois filhos homem e uma mulher, que eu tive só... eu mesma cortei o umbigo. Tive sozinha, com tudo, aí cortei o umbigo... Pedi água da menina mais velha e dei banho, ensaboei ainda, enxuguei, passei talco, vesti a camisinha, e ele dormindo. Aí foi que eu fui me ajeitar, e esperar as providências de Deus...

Mas quando eu tava no assento para ganhar ele eu sentia que tava uma mulher aqui e um homem aqui, eu sentia as pessoas, tudinho. Não tem como o algodão? Um bocado de algodão assim, e fica amassando, assim, aquele fofinho? Assim que eu sentia na minha cabeceira aqui.

Parece que eu sentia que era assim... um fantasma, e eu deitada ali, sentindo aquela pessoa, e aquele outro na frente. Pra mim que era um homem que tava na frente. Um homem e uma mulher. Quem segurou o menino quando eu ganhei, foi o pano que eu tinha forrado... ele caiu no pano! No interior tem muito quem faça aquelas esteiras de palha, aí eu forrava bem forradinho, fazia aquele bolo de pano e justamente ficava na frente, quem chegasse tava na frente. Quando eu tive meu filho... ele caiu direitinho no pano... aí eu só fiz quando tive ele, que eu tive com tudo, só fiz... eu cheguei pra cá, eu mesma, me afastei... cheguei ele para lá, fui cortar o umbigo e aí que fui me assear.

Amarrei o cordão, o umbiguinho, cortei, deixei pra lá o resto, botei num bacio e foi... Até as crianças tem a placenta, pois é, aquela placenta eu botei para lá, embrulhei no pano, coloquei no bacio, aí fui dar banho nele, lavei, enxuguei, aí depois de estar enxutinho entalquei, botei a camisinha, botei o pano – porque no interior a gente só usa pano, cueiro, dá-se o nome de cueiro... fralda não é dessas descartável.... Já tava com sete anos a minha mais velha, e eu mandei ela cruzar o Paraná, que eu morava no Paraná, numa ilha, acima de São Vicente, no Amazonas... ali tem duas ilhas... uma pertinho da outra. Nós morava na margem do rio Paraná ...

Ela foi buscar uma velhinha que tinha... D. Antonia. Aí a D. Antonia chegou e já implicou comigo:

- *vixe* mulher, você ta ficando doida? Tu ta ficando poética? Por que você não me chamou?

- Mas quem, Dona Antonia, que ia lá?

- Ta bom, ta bom, ta bom, não me fale nada, pra depois não estar chorando com dor de barriga de dieta!

- Ta bom!

Eu tinha que ficar de dieta, tinha que ficar calada pra não entrar ar e dar gases e só podia comer galinha... até porque não tinha carne de boi lá nessa época... aí ela ajeitou tudo, foi matar galinha para mim comer e beber aquele caldo,

fazer uma canja para eu beber, e pronto. Passou... Sou mãe de três vezes ter cortado o umbigo.

Cortei com tesoura! Passava o álcool, quando não... o perfume na tesoura, sabe? Aí depois que eu ia cortar. Tinha o algodão, era época no verão. Tirava aquele rolo de algodão, saco cheinho, até hoje eu gosto de algodão, e aí o algodão já era preparado para queimar o umbigo da criança.

Era o remédio... porque nos hospital é aquela coisa vermelho... como é o nome? Ah... mertiolate! E o meu era algodão. Queimava no fogo forte, pegava o fósforo e *coisava* ali no cordão do umbigo e justamente colocava outros algodão assim... e botava a cinta, pronto! Com três dias já caía. E aí pronto! caiu no ouvido do pessoal, a D. Antonia espalhou que eu era parteira porque tinha sido parteira de mim mesma... Comecei a ser perseguida, todo mundo me chamou! Todo mundo me chamou pra partejar mulher... *ixe!* tenho filho de umbigo que eu não sei nem... Perdi até as contas já.

Tô eu aqui, ainda ativa porque se for preciso ainda faço parto. Pois é... a gente vai conversando assim... e vai puxando as lembranças. Ai, da minha filha, só dessa uma que ta morando aqui perto eu assisti com ela. A menina já ta grandona! Eu que fiz o parto... Quando eu faço parto, tem que ter... pelo menos eu uso azeite doce, o álcool, para dar força eu fazia o mingau da caridade e botava um pouquinho de pimenta do reino, um alho, fazia aquela coisa... aí quando tomava suava e rapidinho a mulher tinha, e aí a gente precisa de tudo isso. O caldo tinha que tomar antes... pra ajudar a fazer força. Ela tava só com aquela dor e andava pra frente e andava pra acolá, andava, andava, andava, aí eu dizia “Já ta bom”, aí eu ia pra cozinha fazer o mingau da caridade, quando tinha manteiga colocava, porque as mulheres gostam de manteiga também, quando tinha manteiga botava manteiga aí dava pra elas.

Tinha mulher que não acabava nem o mingau, o mingau da caridade, não terminava. Aí era uma em cima da outra: “Vamos, vamos, vamos, tinha vez que eu segurava, já levava elas assim segurando... e elas num tantinho passado já não tinham mais força nas pernas, chegava na cama... era cuén, cuén, cuén... a criança já tava nascendo.

Eu já passei, por um parto difícil, quase que a mulher morre, mais... A mulher, não tava no tempo dela, tava com sete meses, ela se espantou de um boto que tava

debaixo da prancha, ela tava buchuda... aí ela pulou lá fora, em cima da terra, aí o boto escolhambou a prancha dela, que era daquelas de forquilha na beira.... Ela pulou lá dentro, aí você sabe como é quando ta assim e fica se espantando... Eu sei que aí ela aperriou a dor, o marido dela foi me buscar, do outro lado do rio, ele foi até de rabeta²², aí eu fui com ele pra lá, cheguei lá a mulher tava...

Passemos a noite todinha com ela, dando aqueles ataques nele, quando dava aqueles ataques eu metia a cabeça assim, segurava ela assim, aí quando foi seis horas da manhã ela teve a menina. Era linda a menina, da cor desse papel rosa aqui, de linda. Ela não tinha cabelo, era peladinha, era uma maravilha, mas só durou três dias. Levaram.

Não tem essas pessoas que conhecem mais que espiritista, sabe? Espiritista, sabe? Aí ele chamou...Ele sabia, foi buscar um homem que era assim, que conhecia as coisas, e ele disse que levaram. Os botos levaram ela, o espírito dela, e levaram ela também. Linda a menina, o nariz dela era bem apontadinho pra cima, assim.

A nenê sumiu do nada. Sumiu! Ela chorava que só! a Dona Carmem, era o nome dela. Era bonitona. Esse senhor dizia que foi os botos que tinham levado o nenê... Quando dava a dor nela... ela ia para o bacio, botava aquele... eu não gosto nem de me lembrar! Ela botava aquele bacio cheio assim, parecia uma langanha, uma sujeira, uma coisa qualquer, um negócio que parece lama, sei lá... sabe, quando tem muita lama que você pisa e ela bóia assim? Era assim que ela colocava, esse foi o parto que eu fiz mais arriscado. A mulher tava pálida, pra ela tornar dava o que fazer. Eu passei a noite em claro.

Eu fiquei com medo... Nunca tinha passado por essas coisas, foi de três mulher que eu acompanhei que aconteceu isso... As outras tudo não!, era vapt vupt! Rápido! Aí depois que eu cheguei para outro canto, que eu vim mais pra cima, era motor, era canoa, tudo vinha me buscar para fazer parto. Fiquei famosa!

Aqui na cidade eu fiz...Péra lá... deixa eu ver. Depois que eu cheguei aqui em Porto Velho, eu fiz de seis por causa que o marido não tava, sabe que hoje os trabalhos tudo é fora, mata, essas coisas... Aí o marido não tava e ela tava com dor, já tava nas últimas. Aí ele não gostava que... A terra na cidade é de recurso, mas cadê dinheiro pra pegar um táxi... como é que a gente ia ter contato com alguém, que naquele tempo não existia telefone, só quem era gente grande, de dinheiro, que

²² Canoa de madeira, movida por motor de popa; usavam como combustível o gás de cozinha.

tinha. Agora não, agora gatos e cachorros... Meu filho: “Não é possível mamãe, compra um celular para a senhora! Gatos e cachorros tem celular e a senhora não tem nenhum!” “Não sei lidar com isso!” Ele achou graça, ainda manga de mim. Pois é... eu já puxei muito parto. Até agora...

Um dia desses eu ia fazer um ali, mas tava na hora, tavam me chamando pra ir lá e eu fui pra lá. A mulher tava em cima da cama. “O que que é, não tem mais ninguém que acompanhasse?” Ligaram para o SAMU, o SAMU veio buscar e levaram pra lá.

Pra mim assim... Eu não gostava de fazer parto, me sentia aliviada, assim... de uma preocupação... para mim era uma preocupação perigosa, perigosa! Tava ali correndo perigo e se eu chegasse lá eu ia salvar, então por isso eu ia, por isso. “E o que tu vai fazer? Não sei o que...” “Eu vou fazer o que o meu coração ta pedindo”.

Eu acho que eu já trouxe esse dom porque mamãe era parteira de carta, parteira de carta, só que eu nunca vi porque o pessoal levava ela e coisa e tal, mas eu tenho pra mim que já trazia esse dom. Já trazia esse dom. Trouxe esse dom comigo e não tinha ninguém, né? E aí eu fui aprendendo, é o meu dom, né? É uma coisa que era pra mim aprender, pra mim ver como é que era, porque a mamãe não deixava eu ver como é que era.

De jeito nenhum, ela era parteira e a mamãe não dava um pio. Nem um pio, só via o menino pra lá: cuén, cuén, cuén... Já tinha chegado.

Minha mãe tinha os filhos sozinha com a parteira... só ela e a parteira, lá dentro. E aí eu acho que...Pra tu aprender, tu vais aprender em ti mesma. E justamente porque eu tava acompanhada com gente, nessa época eu já tava acompanhada com gente, gente desencarnada, eu já vinha trazendo essas coisas. Essas pessoas que me acompanhavam, eu acho que era uma proteção, que eu tinha, não era? Quem sabe se eu não tivesse essas coisas eu ia ter? Eu ia era morrer porque eu não sabia, ia sair doida...

Eu já passei martírio na minha vida, mas graças a Deus to bela! É ruim, a pessoa que nunca casou nunca soube o que é essas coisas, mas tem a sabedoria, a leitura para a pessoa aprender, à vezes eu ficava com medo de minhas filhas aprenderem essas coisas... namorar, ter filhos... que nada! Ta aí os livros, você aprende tudo!

Eu não queria que elas aprendessem isso, para mim assim isso era uma coisa que não era para elas aprenderem, mas depois eu fui entender que está no livro aí pra aprender. A leitura, a sabedoria... Até meu filho estuda... passou nos estudos dele tudinho, vi ele com aquele livro vendo a mulher ter nenê, acocorada para ter nenê, ele estava estudando essas coisas tudinho, aí eu fui lá, ele saiu... não sei nem pra quê, abri o livro:

- Meu Deus! Meu filho, você ta aprendendo tudo isso?

Aí ele:

- Ai mamãe... tu é curiosa! A Mamãe já é curiosa, gosta de mexer no que não é da conta.

Eu disse:

- Ta bom, meu filho, ainda bem que você ta aprendendo, porque quando você tiver uma mulher, você já sabe tudo por tudo!

Aí eu digo: "Ah, ta". Aí que eu fui tirar isso da cabeça, sabe? E elas também, tudo aprenderam, tão estudando, umas ainda estão estudando, outras já passaram, tão fazendo curso.

Eu estudei o ABC, o alfabeto... Sei malmente escrever meu nome, porque não tenho paciência... Só filho, só filho todo ano... todo ano um filho, o marido não deixava eu estudar, arrumei esse outro também não deixava porque iam me pegar lá, porque não sei o que. Aí me zanguei e também não fui.

Esse ano, eu tava estudando... o professor não veio mais dar aula. Eu tava gostando, só não tava gostando muito, porque tenho que tirar a coisa dos meus olhos, eu to ceguinha, não enxergo mais as pessoas de longe... não conheço mais de jeito nenhum. Por causa da diabetes, acaba com a vista da gente.

Mas eu acho que... A minha mãe falava que costurar de noite também acaba com a vista da gente. *Ixe!* Eu costurava muito de noite... me traziam roupa pra eu fazer, eu fazia, quando era de manhã era só pregar os botões e chulear, quatro, cinco calças, camisas, bermudas. Passava a madrugada todinha trabalhando...

Quando eu ia cochilar já cinco horas, quando os meninos: "Ah, eu quero comer!" E pronto, o sono acabava. Eu costurava pra vender. Era contratada pelas pessoas... Agora não presto mais, acabei...

A velhice acabou comigo... antes eu trabalhava muito, capinava, capinar era comigo mesmo! E agora eu já capino e já não me faz bem... me dói tudo... até minhas tripas doem, a modo que minhas tripas ficam todas soltas dentro de mim.

Capinar com a enxada. Ah... o braço aqui não navega mais, não tenho mais força. A dor... ainda agora eu tava falando com o Doutor: “Doutor, pelo amor de Deus, me passa um remédio pra essa dor”... Tem um remédio aí que to pra eu comprar, vou pedir pro menino ver se ele consegue comprar pra mim. Aí se eu me der bem é pra eu voltar lá com ele. Eu não durmo de noite, me dá aquela canseira, aquela falta de ar, assim... tipo o ar faltando... o meu fôlego... e eu não sei o que faço.

Eu não gosto de ver ninguém maltratando as pessoa... assim... igual as pessoa morena... não gosto! Eu gosto de moreno, meu marido era moreno... é igual aqueles... como é que chama... assim, os gay né? eu admiro muito eles. Tudo mundo é ser humano né? merece ser acarinhado, bem tratado.

Minha filha... velho não tem força, não... não enxerga... ixe! Antes eu achava que velho era vovozinho... quando eu era mais nova, todo mundo que era velho eu achava que era avô... ganhava presentes... e até hoje eu gosto dos velhos... hoje também as pessoas me chamam de vovozinha também... é tudo pagamento sabe? Quando a gente faz coisa boa a gente é pago com coisa boa... se você tratar bem os velhos, quando você ficar velho vão tratar você bem, entendeu?

Ligo o ventilador... antigamente eu não tinha ventilador, não sabia nem o que era isso, que eu nunca tive, meu ventilador era o ar nós respira... Agora já tenho, minha filha comprou um pra mim e tem dia é... como eu posso conseguir dormir um pouco, aí eu já durmo. E de noite um vidro de gel no braço, por aqui tudo, para eu poder dar um sono.

Tudo isso por causa da idade, a velhice chegou... Hoje eu já não posso nem lavar roupa com Qboa, sabão de pó. Se eu for pegar ônibus eu tenho que ir em pé, se eu não for em pé, se eu for sentar ataca dor de estômago e a cabeça fica assim... tonta. Quando passa a cabeça vem pro estômago, quando passa o estômago vem pra cabeça aí vem aquela vontade de derramar...

Não dá mais pra andar de ônibus, me ataca isso, essa dor, essa dor no estômago e dor nas pernas, É doído, doído, é tanto... E fica aquela dor, dor, dor. Não sei como voltei a estudar... eu não tinha vontade, porque eu não to enxergando

direito a noite, principalmente. Mas é muito legal... é animado, a gente aprende, conversa com as pessoas... mas é assim mesmo... *vixe*, que eu falei demais né? mas foi essa minha vida...

CAPÍTULO IV

TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO

...do GEFA, era só eu que cuidava, naquele tempo não tinha esse mulheral pra ajudar, era só eu pra capinar, eu capinava, eu varria, eu limpava casa, encerava casa, os pisos ali dentro... ih! Eram tudo tão verdinhos! Hoje não... já tem muitas voluntárias... (Maria Ferreira)



Figura 11 – Trabalhadoras do GEFA. Foto Elaine Fachine, maio de 2009.

Analisar vidas, histórias, trajetórias, não é tarefa fácil. A princípio, quando vemos a riqueza de informações, a diversidade de fatos e questões importantes, temos vontade de abraçar todos os dados, não deixar nenhum detalhe passar despercebido. Ao passar a euforia do momento, voltamos ao ponto planejado na elaboração do projeto: analisar apenas as temáticas propostas nas hipóteses iniciais.

Tínhamos a intenção em fazer as análises de forma individual, mas, após leitura minuciosa das narrativas, percebemos que seria muito complicado e incompleto, pois as falas se cruzam a todo momento, fazendo com que trajetórias tão diferentes assinalassem para temas comuns. Dentre estes, violência, atribuições da mulher, casamento, trabalho, solidão, lugar e velhice foram algumas temáticas enfatizadas por elas.

Ressaltamos que as três colaboradoras iniciaram suas narrativas por onde quiseram, obedecendo o que Meihy chama de *origem voluntária da narrativa*, demonstrando ao colaborador a sua importância em todo o processo que permeia a execução da pesquisa. Diante dessa premissa, D. Maria, D. Maria das Flores e D. Zuma iniciaram suas histórias, falando do lugar de origem, do lugar-mãe, do aconchego do lar e da família. Vieram de outros estados amazônicos e o rompimento com o lugar de origem, fizeram com que abraçassem o lugar de destino, iniciando seus textos com a representação do lugar de onde vieram.

Eu morei no rio Pauini (Maria – pág. 65); Eu sou filha do rio Tapajós, no Pará (Maria das Flores – pág. 102); De onde eu vim é do Amazonas (Zuma – pág. 127).

As três colaboradoras chegaram a Rondônia, motivadas pela violência. D. Maria das Flores fugiu aos 12 anos de idade, devido a torturas que sofria da madrasta, faz questão de mostrar, as profundas marcas deixadas em seu corpo e sofre muito ao rememorar esses episódios de violência na infância. ***Com doze anos eu fugi. Peguei dois vestidinhos que eu tinha, uma sandalhinha de dedo e fugi para a cidade (pág. 103).***

D. Zuma separou-se do marido devido às agressões que sofria quando ele bebia, resolveu morar com sua mãe, aqui em Porto Velho, e fala com orgulho que a decisão foi sua em deixar o marido: ***eu que larguei dele! Saí, deixei ele na casa e sumi (pág.128).***

D. Maria não sofreu violência física, mas devido a sua condição feminina, sem ter ao menos oportunidade de opinar ou escolher seu destino e dos filhos, foi obrigada a vir morar num lugar que lhe causava medo. Ficava amedrontada com as notícias que ouvia pelo rádio, sobre as constantes mortes que ocorria no garimpo. A palavra do marido foi decisiva e sem chances para questionamentos: ***A mesma coisa ele fez pra vir pra cá pra Porto Velho, ele chegou a dizer para mim que se ninguém quisesse vir, que ficasse! que ele vinha só! (pág. 75).***

Assim, as três aqui chegaram, trazendo em seus corações, a esperança de uma vida melhor, e é nesse confronto entre esperança e realidade, que abordaremos nos próximos tópicos suas concepções acerca das relações de gênero, envelhecimento e lugar.

4.1 Concepções acerca das Relações de Gênero

Destacamos na tabela a seguir tópicos que achamos interessantes para iniciarmos discussões sobre a percepção das colaboradoras a respeito das relações sociais entre homens e mulheres.

Maria	Maria das Flores	Zuma
1 - Responsabilidades domésticas	1 – Responsabilidades domésticas	1 - Responsabilidades domésticas
2 - Maternidade – 10 filhos	2 - Maternidade – 4 filhos	2 - Maternidade – 15 filhos
3 - Representação social e cultural através do poder simbólico	3 - Violência	Violência
4 - Comportamento Submisso	4 - Vinculação do sobrenome do esposo	3 - Traição e sobrevivência
	5 - Traição e Sobrevivência	4 - Medo de procurar ajuda

Por se tratar de uma temática que traz em seu bojo, construções sociais e culturais, encontra-se evidente nos textos das colaboradoras a naturalidade com que aceitam o perceptível: Responsabilidades domésticas, maternidade, obediência e violência. Além desses aspectos, destacamos o imperceptível para elas: que o

comportamento padrão ao qual as mulheres são submetidas, correspondem a um intenso aprendizado cultural que é massificado todos os dias, estabelecendo comportamentos de homens e mulheres, criando o que alguns autores chamam de assimetrias de gênero.

A teoria dos papéis sociais prioriza os fatores que influenciam o comportamento humano. Partindo desse pressuposto, os indivíduos ocupam posições na sociedade de acordo com os papéis socialmente construídos conforme derivação do sexo biológico a que pertencem.

D. Maria ao lembrar de seu namoro, noivado e casamento, diz que não vai tirar a aliança de seu dedo enquanto não quebrar: **...depois quando ele me pediu em casamento mesmo, que noivou, colocou a aliança no meu dedo... que ainda hoje está aqui. Não sai mais do meu dedo não! Tá fininha pra quebrar (Pág. 69).** Podemos verificar que para D. Maria, a aliança é um símbolo de lealdade e fidelidade, “obrigação” que, as mulheres aprenderam a cumprir. Ao nos referirmos às mulheres idosas, esse rigor é acatado com mais veemência, pois é levado em consideração os ensinamentos que tiveram. Portanto, mesmo estando na condição de viuvez, a atitude de permanecer com a aliança no dedo é uma forma em continuar com a “consciência tranqüila”, numa atitude obediente e saudosista.

Esse fato nos remete ao texto de José Maia Bezerra Neto (1995), que escreve sobre as representações sociais sobre a educação feminina, em Belém, no período de 1870-1888, destacando a disciplinarização de corpos e mentes, fomentada pelo bispo paraense Dom Macedo Costa que instituiu regulamentos para se alcançar o reino do céu, através de bons costumes e comportamentos. Dentre suas orientações incluía regulamentos para as mulheres solteiras, casadas e viúvas, estabelecendo que mesmo morto o marido, a figura feminina deveria continuar mantendo atitudes, sentimentos e comportamentos conservadores.

Numa visão maniqueísta e discriminadora, as regras são impostas na condição irreduzível de pecado e crime: o cumprimento das regras são fatores determinantes para o alcance do céu ou do inferno. Observemos então, os critérios que deveriam ser seguidos pelas mulheres que desejassem suas condutas aprovadas pela sociedade e por Deus.

CASADAS	JOVENS	VIÚVAS
Amar o marido	Ser muito modesta em todas as suas ações	Cuidadosa pelo seu bom nome
Respeitá-lo como seu chefe	Ser grave e sempre decente nas falas e maneiras	Vigilante como as casadas
Obedecer-lhe com afetuosa prontidão	Gostar de estar em casa e ajudar sua mãe	Dar exemplo de virtudes a umas e outras
Adverti-lo com discrição e prudência	Aplicar-se de contínuo ao trabalho	Ser amiga do retiro
Responder-lhe com toda mansidão	Raras vezes sair, e só por necessidade	Inimiga dos divertimentos mundanos
Servi-lo com desvelo	Aborrecer as vaidades nos vestidos e enfeites	Aplicada à oração
Calar, quando o vir irritado	Evitar conversações indiscretas com pessoas do sexo diferente	Zelante pela glória de Deus
Tolerar com paciência os seus defeitos	Detestar dissipações e profanos divertimentos	Amante da mortificação
Não ter olhos nem coração para outro	Amar os exercícios de piedade	
Educar catolicamente os filhos	Ser muito franca, leal e amorosa para com sua mãe e não ter segredo com ela	
Ser muito atenciosa e obediente para com o sogro e a sogra	Edificar com bom exemplo e doutrinar seus irmãozinhos menores	
Benévola com os cunhados	Andar acutelada a cada passo	
Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda família		

Ao ler cada item defendido pelo bispo Dom Macedo Costa, constatamos que essas eram apenas algumas atitudes que expressavam as práticas sociais existentes em sua época. E que mesmo estando no século XXI, nossas colaboradoras assumem comportamentos de obediência, mesmo sem a presença do marido, estando na condição de viúvas ou separadas. Hoje, por exemplo, em nossa cultura ocidental, não temos legislações que nos obriguem à obediência excessiva e rigorosa, conforme vimos com as orientações do bispo, contudo, a discriminação e o preconceito estão presentes, sinalizando para altos índices de violência moral, física, sexual e emocional, de forma tácita e latente.

Mesmo não tendo nenhuma legislação que nos obrigue, a tais atos, vejamos então o seguinte fragmento do texto de D. Maria: ... ***eu não posso dizer que vou trabalhar com vocês - porque é um trabalho – enquanto não falar com meu marido (pág. 80)***. Quando D. Maria recebeu o convite para participar do movimento solidário com a distribuição de sopa, não teve autonomia para responder de imediato, necessitava pedir autorização para o esposo. O efeito da dominação simbólica, torna o ato da subordinação, da subserviência, uma ação consciente e por que não dizer ‘adestrada’.

Para Joan Scott, 1999:

A qualidade entre relações sociais e direitos tem variado de uma época para outra. Desde as revoluções democráticas do século XVIII, a igualdade no Ocidente tem geralmente se referido a direitos – direitos que eram considerados possessão universal dos indivíduos não obstante suas diferentes características sociais.

E mesmo variando de uma época para outra, Leis e direitos ao que parece, não vem cumprindo com o papel que se propõe: disseminar e exercer o conceito de igualdade entre cidadãos e que as diferenças do ‘modelo padrão’ não impeçam a concessão de direitos políticos iguais.

Quando o esposo de D. Maria foi pedir permissão para namorá-la, seu pai, expôs os defeitos que considerava importantes, passíveis de motivos suficientes para a desistência do pretendente. Dentre eles, destacou os seguintes:

...que eu era preta, eu era alegre, era muito danada. “Minha filha é preta, ela brinca com todo mundo, conversa com todo mundo” (pág. 73).

Para o pai de D. Maria, além do preconceito racial, as mulheres deveriam manter-se recatadas, reprimidas, por isso, o alerta ao futuro namorado. Os defeitos deveriam ser ditos para que não ficasse nenhuma dúvida quanto a personalidade em desalinho da filha.

D. Maria das Flores, falou pouco sobre seus dois relacionamentos amorosos, citou sua relação com o primeiro marido de forma saudosa e aparentemente não guarda nenhum ressentimento pela traição que sofreu. Para ela o importante era não faltar o principal: o alimento para os filhos. Do segundo marido, enfatiza prontamente, dizendo que o mesmo nunca a agrediu, que era um excelente companheiro, no entanto, se contradiz quando demonstra sua condição de esposa sem autonomia para tomar as decisões mais corriqueiras do dia-a-dia, quando diz: ***Esse meu marido aí, não deixava eu sair de jeito nenhum. Esse... se eu saísse daqui para a casa da minha filha, já tinha minha filha... quando eu chegava ele estava muito bêbado, querendo... (pág. 114).***

Reclama chorosa quando diz que gostaria de utilizar apenas o seu sobrenome de solteira e não o nome do esposo já falecido: ***...eu não queria mais o nome do meu marido no meu nome... (pág. 109)***, considera a exclusão do sobrenome, um grande desrespeito a sua memória, e mesmo não satisfeita, não acha conveniente e correto, a retirada.

Com D. Zuma não foi diferente, talvez, tenha sido um pouco mais trágico do que as experiências de D. Maria e de D. Maria das Flores. Sofreu intensamente violência física e moral, quase foi degolada pelo primeiro esposo, nos relatando minuciosamente as constantes surras que levava. Como consequência, teve o olho direito comprometido devido a uma surra desferida com grande requinte de crueldade e covardia. Além de problemas na visão, sente fortes dores no corpo, do qual, também atribui a violência sofrida.

...às vezes eu penso assim: “será que essas dores que eu sinto no corpo... quem sabe não foi daquele tempo!”, né? Eu apanhava muito, eu apanhava muito, teve um tempo de chegar a provocar sangue, teve tempo de eu provocar sangue da peia que ele me dava, o maldito! Eu pensava que ia ser tuberculosa, virar aquela coisa de enfraquecimento que dá... (pág. 130).

Ao narrar os episódios de violência, D. Zuma colocava as mãos no rosto na tentativa de esconder um turbilhão de sentimentos que se misturavam. Ódio, mágoa,

tristeza e alívio em compartilhar suas histórias, sua vida, suas experiências que transbordavam de seu olhar desesperançoso. O compartilhar sem medo, poder dizer o que sente, extravasar os limites da liberdade que conheceu durante a vida, num sentido oposto ao que foi estabelecido e modelado. A falta de coragem em denunciar os maus tratos, fortalecia ainda mais a hegemonia do poderio masculino sobre sua condição feminina. ***As pessoas não iam acreditar em mim, porque eu era muito nova, porque era menina ainda, era mulher... Então, meu marido dizia que ninguém ia acreditar no que eu falava, e aí o que ia adiantar eu falar, se ninguém ia acreditar em mim... aí o meu consolo, o que era? Chorar! Chorar e pedir a Deus pra que eu saísse daquela vida, porque eu já não tava agüentando mais! (pág. 130).***

Tinha medo de denunciar e que seu corpo sofresse as conseqüências, a punição viria através de surras e repreensão, tinha medo de ficar só, porque o seu estado civil (casada) era a sustentação para sua condição biológica ser aceita, para ser útil através da maternidade e das obrigações domésticas.

Michel Foucault traçou uma *História da Sexualidade* (1988), pois compreendeu que a sexualidade era uma invenção social, que o sexo era constituído por muitas facetas que o regulavam, normatizavam, que produziam verdades absolutas. Para o autor, o século XVII foi o marco inicial da repressão, onde denominar o sexo seria algo muito difícil. Nesse período, a sexualidade foi encerrada, reprimida, mudando-se apenas para o quarto dos pais, onde era utilitário e fecundo. Falar em sexualidade nos tempos modernos, ainda traz certos resquícios conservadores da burguesia Vitoriana. Embora a virgindade não seja mais considerada um “pré-requisito” para se alcançar um casamento dentro dos padrões ‘corretos’, o discurso que ouvimos a respeito se sustenta na modernidade porque a “sua história e a sua política o protege”

A esse respeito, D. Maria das Flores traz em seu texto um episódio interessante que evidencia o grau de machismo, discriminação e intolerância na década de 50, quando o assunto alcançava as entranhas da sexualidade.

Porque no interior é assim: corre boato, quando não é mais moça e..., aí meu pai tirou a orelha da minha irmã. Cortou a orelha dela, porque ele soube que ela não era mais moça... Quando a outra minha irmã que estudava no colégio, soube da história... mandou buscar ela, aí as freiras tomaram de conta. Aí ela

virou freira... mas eu acho que foi pra esconder a orelha... mas ela ainda era moça, era uma criança ainda! (pág. 118).

Sobre o episódio ocorrido com a irmã de D. Maria das Flores, Foucault (1988, p. 10) esclarece que "... o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções". O que não está regulado, normatizado e aprovado para as gerações, merece sanções. O que não conseguimos é calcular os traumas, conflitos e desespero pelo qual essa moça possa ter sofrido com a atitude do pai. Seu corpo foi mutilado porque acreditavam que sua "honra" e a honra da família havia sido manchada.

É indiscutível as contribuições que alcançamos no último século em relação ao avanço nas discussões, referentes às relações sociais entre homens e mulheres. No entanto, mesmo com reformulações na legislação, é notável que a permanência da violência, continua existindo numa perversa manifestação da discriminação de gênero, independente de sua caracterização: física, sexual ou psicológica, as agressões podem se manifestar por meio de ameaças, constrangimentos, assédio moral ou sexual, estupro ou agressões físicas.

Vale ressaltar que desde a infância, a masculinidade está associada, à força, à luta, ao combate, tornando os corpos dos mais 'frágeis' instrumentos para se exercitar a virilidade. Precisamos ainda, vencer a visão reducionista de que a violência ocorre apenas em sociedades e comunidades pobres e desestruturadas, alimentada pelas drogas, álcool, e conflitos conjugais. Violências de gênero, ocorre em todas as classes sociais, independente da cor, religião ou idade, independente das relações afetivas ou não, pois vem obedecendo uma lógica cultural que criou, regulamentou e solidificou rígidas divisões morais, de papéis e de espaço, demarcando o território de quem lidera e de quem é liderado, através dos direitos e obrigações instituídos.

Outro fator em comum entre D. Maria das Flores e D. Zuma, era a traição conjugal. A reação das duas foi a mesma. O fato de não faltar alimento para elas e para os filhos, era o suficiente para o perdão, pois para elas, isso era um comportamento masculino normal dentro dos padrões de uma sociedade monogâmica.

Diante das narrativas das colaboradoras, percebemos que acham natural e aceitam a “condição feminina”. Não há como pensarem de outra forma, pois nasceram e viveram sendo tratadas como detentoras do espaço privado, com o título de rainhas do lar. Seria um processo longo de desconstrução de uma realidade vivenciada há muitas décadas. Como fariam para desfazer a ordem “natural” das coisas, a ordem social que aprenderam. Por que romperiam com o que acreditavam ser o sentido de suas vidas? Para elas, se o universo família e casamento, fossem desfeitos, o que fariam depois?

E nesse contexto, vemos que essas mulheres ensinaram aos filhos e netos o que aprenderam, e sem saber, continuam contribuindo de forma sutil e lenta para o fortalecimento das assimetrias de gênero. Se percebem como o segundo sexo, aquele que deve obediência e respeito ao sexo detentor da força, da coragem e da inteligência.

A historiadora Joan Scott, argumenta que é preciso desconstruir “o caráter permanente da oposição binária”, masculino e feminino. Diz que estamos dentro de uma lógica usual que concede homens e mulheres como pólos opostos que se interagem e se relacionam através do sistema dominação-submissão.

Louro (1997), cita em sua obra *Gênero e Sexualidade na Educação*, o filósofo Jacques Derrida, que também corrobora com Scott a respeito da desconstrução de oposições binárias. Lembra que o pensamento moderno está imbuído de dicotomias como ciência/ideologia, teoria/prática, presença/ausência, propondo a problematização desses pólos, na busca da desconstrução da polaridade desigual.

Faz-se necessário dizer que o processo de desconstrução facilita a perturbação da idéia que percorre em via única, e promove a observação mais detalhada de que o poder é exercido em várias direções. Os indivíduos que constituem a cadeia de dicotomias, não são apenas homens e mulheres, soltos, sem características que o definam, mas homens e mulheres de várias religiões, classes, etnias e idades.

4.2 Percepções acerca do envelhecimento:

Resumo das percepções das colaboradoras acerca do envelhecimento:

Maria	Maria das Flores	Zuma
<ul style="list-style-type: none">- Vinculação a doença- Dificuldade de Locomoção (transporte coletivo)- Abandono de atividades prazerosas- Medo- Facilidade que a juventude proporciona- Sentia-se uma mulher resolvida- Vaidade e Beleza	<ul style="list-style-type: none">- Vinculação a doença- Medo de andar só- Dificuldade para exercer atividades necessárias a subsistência (costura)- Sente-se indefesa- Sofrimento e tristeza	<ul style="list-style-type: none">- Vinculação a doença- Locomoção prejudicada por causa das doenças- Dificuldade para o trabalho- Não tem mais força- Liberdade- Preocupação em tratar bem os velhos- Solidão

O sociólogo Betinho, disse que vivemos em uma sociedade que tem medo das crianças e abandona nossos velhos. Bosi, afirma em sua obra *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, que “os velhos não tem armas, nós é que precisamos lutar por eles”. Ao ler as histórias de vida das colaboradoras, constatamos de fato, que elas lutam pela sobrevivência sem arma alguma. De que forma, nós, pesquisadores podemos lutar, então? Acreditamos que um dos primeiros passos, seria escutá-las. Tentar entendê-las. Foi o que fizemos. O que pensam, o que querem, de que forma políticas públicas poderiam contribuir com o processo de envelhecer de forma saudável. Sobre estas questões, nossas colaboradoras confirmaram nossas hipóteses. O entendimento sobre o envelhecimento para a classe pobre está associado à fraqueza, a doenças e dependência. Isto porque as fases da vida (jovens, adultos e velhos) se dão de formas diferentes, devido às trajetórias percorridas. A saúde de um indivíduo, por exemplo, que é alfabetizado, que se alimenta de forma adequada, que possui um plano de saúde, que resida em um local que contemple saneamento básico, água potável e outras necessidades

essenciais que um ser humano precisa, é diferente de um indivíduo que possua essas condições de forma fragmentada, ou possua o inverso do que foi citado acima.

Nossas colaboradoras vivem em condições precárias. D. Zuma vive com a aposentadoria, que é destinada para a compra de medicamentos e despesas com energia elétrica. O que lhe sobra, compra a alimentação. D. Maria recebe ajuda dos filhos. Maria das Flores não tem renda fixa e sobrevive através de atividades como lavar roupa pra fora e das costuras que faz com retalhos doados. As três recebem cesta básica do GEFA e se alimentam com a sopa distribuída aos domingos. Mesmo desempenhando essas atividades, queixam-se de não poder mais executar algumas tarefas, por causa da senilidade. As três não costumam mais por causa da visão. D. Maria e D. Zuma também não fazem mais partos pelo mesmo motivo.

As três colaboradoras vivem um dia por vez, num sub-mundo cercado apenas por uma preocupação: a de sobreviver mais um dia.

Hoje, eu to com 73 anos. Eu to assim... porque eu só vivo adoentada, é difícil o dia que eu to boa, boa. Minha filha... de primeiro eu era uma mulher resolvida, tudo era fácil, tudo eu resolvia com facilidade, hoje acho que tenho preguiça, falta de coragem, falta de saúde, já to muito velha... acho que é isso. Mas de primeiro, pra mim tudo era fácil... (Maria – pág. 75).

A idade é isso. Sofrimento e tristeza... tem que lutar né? (Maria das Flores – pág. 112).

A velhice acabou comigo... antes eu trabalhava muito, capinava, capinar era comigo mesmo! E agora eu já capino e já não me faz bem... me dói tudo... até minhas tripas doem, a modo que minhas tripas ficam todas soltas dentro de mim. (Zuma - pág. 143).

Mesmo acreditando que a velhice é sinônimo de doença, nossas colaboradoras sobrevivem como guerreiras, desempenhando trabalho voluntário na Instituição que as acolheu e as atividades domésticas que nunca deixaram de fazer. Maria das Flores se desespera ao falar que a cabeça quer cuidar do jardim, mas, o corpo não obedece mais aos comandos. Diante de todas as dificuldades, aproveitam todas as oportunidades que aparecem. Desde que gratuitos, estão dispostas a fazerem cursos de pintura, culinária, bordado, ou qualquer atividade que possa minimizar a miséria, elas se candidatam a aprenderem.

D. Maria e D. Maria das Flores quando vêem alguma possibilidade para ressaltarem as atividades que desempenham no GEFA, o fazem, soa aos nossos ouvidos, como um grito, para que todos ouçam que estão vivas, que podem contribuir com alguma coisa. O poder advindo da profissão são motivos de justificar a existência, fazendo com que os indivíduos exerçam sobre si mesmos um autocontrole, transformando a atividade laboral num hábito, num renascer diário e constante da personalidade. (TORRES, 2002)

Para Motta (2001), as trajetórias sociais de gênero vêm demonstrando ser determinantes, na situação real e nos sentimentos das pessoas idosas. Analisou que as perspectivas das relações de gênero:

“... também lembra/demonstra outras dimensões analíticas fundamentais na sociedade. Além de não ser necessariamente alternativa, mas co-extensiva à de relações de classe, também exemplifica ou enseja enfoque a em outras categorias ou determinações sociais, como idade e raça, que têm diferentes dinamismos”.

As idades são fatores de organização social e para Debert (2004), “são mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos. Assim, da mesma forma que a categoria gênero foi construída e modelada, a categoria envelhecimento também se deu da mesma maneira.

Quando Sartre cita que o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens, pois suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa, o que poderemos dizer dos velhos que não tem posses? Quem ou o quê os valorizarão? (BOSI, 2004)

Vivemos num contexto moderno mercadológico, onde propagandas e pacotes educacionais, turísticos ou funerários não se aplicam aos sem posses, aos pobres. Esse mercado é um mundo desconhecido por eles. Esse novo universo capitalista voltado aos idosos, faz parte de mais um contexto excludente e seletivo.

D. Maria foi a única que abordou questões como beleza e vaidade. Conta cheia de orgulho que chamava a atenção por ter pernas bonitas, reconhecendo que aos 73 anos de idade, sua beleza ficaria apenas na lembrança: ***Naquele tempo eu ainda era meia dura, tinhas as pernas bonitas... (pág. 80).***

D. Zuma, diz que apesar de todo o sofrimento, sente-se livre para fazer o que quiser, embora se sinta sozinha. ***Eu já passei martírio na minha vida, mas graças a Deus to bela! (pág. 142).*** Para Frémont, (1980), o espaço dessocializa-se com as

rupturas da morte ou separação, trazendo um sentimento saudosista. Não conseguiu compreender ao certo sua separação no segundo casamento, e é incentivada pelo ex marido a procurar outro relacionamento: ***Ele manda eu arrumar um marido: “Arruma um homem pra te segurar, a gente só não presta não”, ele fala pra mim: “Arruma ao menos um velho, que te leve nos postos, tu só anda sozinha por aí” (pág. 132).***

D. Zuma é a única que aborda questões sobre discriminação e preconceito de mulheres, negros e homossexuais, mostrando sensibilidade e o que sente quando é discriminada. Tem a preocupação em tratar bem os velhos, para ser bem tratada: ***Quando a gente faz coisa boa a gente é pago com coisa boa... se você tratar bem os velhos, quando você ficar velho vão tratar você bem, entendeu? Eu não gosto de ver ninguém maltratando as pessoa... assim... igual as pessoa morena... não gosto! Eu gosto de moreno, meu marido era moreno... é igual aqueles... como é que chama... assim, os gay né? eu admiro muito eles. Tudo mundo é ser humano né? merece ser acarinhado, bem tratado (pág. 144).***

Qual o lugar que essas mulheres podem se relacionar socialmente? Quais os lugares que poderão freqüentar? O que a cidade de Porto Velho pode oferecer a essas mulheres?

Em Porto Velho existe uma Instituição de longa permanência para idosos, “Casa do Ancião”, que acolhe velhos e velhas que não possuem famílias, uma Instituição municipal, “Casa do vovô e da vovó”, que atende aos que procuram por atendimento médico e psicológico. Existe também uma Associação de idosos e Instituições religiosas que tentam manter o suporte necessário, embora insuficiente. Apesar do Estatuto do Idoso preconizar a garantia de direitos aos idosos, nosso Estado está muito aquém no cumprimento das garantias essenciais para esses indivíduos. Preocupações com lazer, cultura, saúde e educação, pelo menos por enquanto, não estão sendo consideradas ações que requeiram prioridade.

Para nossas colaboradoras, as conseqüências físicas trazidas pela velhice, incomodam tanto quanto o afastamento parcial ou total do trabalho que sabiam e que gostavam de fazer (mesmo que informal), a dispersão da família, as modificações nas relações com as pessoas e a perspectiva de morte. A percepção que trazem sobre o envelhecimento é algo forte e triste, se vêm como pessoas cansadas, doentes, a espera do amanhã, carregando no peito a esperança de um

dia tranqüilo, onde suas necessidades básicas sejam supridas. É só isso que elas querem. É esse o desejo.

Não temos a intenção em categorizar como aspectos deterministas sobre a velhice que destacamos em nossa pesquisa. A forma como a apresentamos, foi a forma que a encontramos. Sabemos que o envelhecimento é vivenciado, é percebido e analisado de várias maneiras, dependendo do lugar, do gênero, da etnia, da religião ou região, enfim, do contexto em que vivem os indivíduos. Portanto, temos a convicção que há muito a se explorar sobre essa questão. Como Holanda (2006), acreditamos sermos mediadores de conhecimentos e saberes, e através da percepção dos colaboradores, dar sentido a sua existência, ao seu ponto de vista, ao seu saber, tornando o nosso papel acadêmico, num papel político e social.

E nesse contexto, a História Oral de Vida foi mais que uma ferramenta, mais que uma metodologia, mais que uma disciplina ou forma de saber, foi um processo construído em busca de atribuir um sentido, foi uma forma sistemática e rigorosa de “descobrir” questões do passado e do presente de mulheres idosas. Possibilitando dar sentido para elas, para mim e para os que se interessarem pela temática.

4.3 Percepções acerca do lugar:

Maria	Maria das Flores	Zuma
História do GEFA	Dependência	Ajuda
Importância da Instituição para a comunidade	Sociabilidade e Integração	Amizade
Trabalho feminino na instituição	Mudança de vida	Alimento pro corpo e pra alma
Sente-se reconhecida através do trabalho que desenvolve	Trabalho reconhecido	Oportunidade de trabalho
Satisfação pessoal	Oportunidade de aprendizado	“É uma despertarção”
Sentido à vida		

Frémont (1980) afirma que o indivíduo não é objeto neutro no espaço, pois o apreende, se conecta, se vincula, emite sentimentos, angústias, insatisfações ao que lhe rodeia e ao que lhe faz parte. A relação do homem com o espaço é dinâmico, é uma experiência contínua. Acredita que as relações dos seres humanos com os lugares é que parece ser o objeto fundamental da geografia, diante do espaço humanizado, repleto de conhecimentos, saberes e culturas, se desenvolvendo então, uma geografia social. O espaço vivido se apresenta como o revelador das realidades regionais:

O GEFA acolhe muitas pessoas que tem necessidade... Veja bem, se uma criança adoecer, às vezes o pai não tem dinheiro pra pegar um carro e levar para o hospital, ele... O carro vem buscar, leva no hospital, medica, às vezes interna, às vezes não fica internada, mas vem deixar aqui de novo, então eu acho importante (pág. 85).

O GEFA se apresenta como um revelador da realidade de um bairro periférico da cidade de Porto Velho. As famílias que ali freqüentam, vão em busca do alimento, do socorro, do aconchego, o que mostra as condições que aquela comunidade vivencia.

O espaço de circulação, o bairro, não apresenta políticas que demonstrem preocupações com a vida dos moradores. É no GEFA que algumas de suas necessidades são supridas. Transformou-se num refúgio, num abrigo, onde existe a colaboração voluntária. D. Maria descreve que no início dos trabalhos assistenciais da Instituição, era ela que fazia todas as atividades, revelando que hoje, existem dezenas de pessoas, maioria mulheres, que contribuem com a manutenção do lugar.

Do GEFA, era só eu que cuidava, naquele tempo não tinha esse mulheral pra ajudar, era só eu pra capinar, eu capinava, eu varria, eu limpava casa, encerava casa, os pisos ali dentro... ih! Eram tudo tão verdinhos! Hoje não... já tem muitas voluntárias... (pág. 84).

Para as colaboradoras, o GEFA é o lugar de ação, é o lugar que elas encontraram para trabalhar, para sentirem-se úteis. São atraídas e retidas, conscientemente ou inconscientemente, onde projetam, modelam e transformam o lugar, com a intenção de receber novas pessoas, de ajudar e de serem ajudadas. (FRÉMONT, 1980).

Os indivíduos durante a existência perpassam por vários lugares. De acordo com A. Moles e E. Rohmer (*apud FRÉMONT, 1980*) esses lugares são denominados de “conchas do homem”, para os autores, o homem está envolvido por invólucros que são rompidos através de implicações geográficas. Existe uma ruptura de uma concha para concha, ou seja, de um espaço ou lugar para outro, que é apropriado e assumido pelo indivíduo. Para os autores, o bairro se apresenta como o “lugar carismático da espontaneidade, do conhecido, do que está explorado, sem imprevisto’. Com essas rupturas estabelecem relações coerentes entre as conquistas desde o espaço infantil às estabilizações da fase adulta.

Não conseguimos visualizar esse contexto presente na vida de nossas colaboradoras. Que estabilidade D. Maria das Flores conquistou? O bairro pode até ser configurado como o espaço de circulação, carismático e conhecido. Mas o lugar espontâneo, de acolhimento, de relação afetiva e explorado, atribuímos ao lugar de ação: o GEFA. D. Maria das Flores, por exemplo, não conseguiu estabelecer conquistas materiais estabilizadas. Mora de favor numa casa cedida e a qualquer momento, pode ficar sem lar. Quando ela diz que: ***Eu acho que ali já é um pedaço da gente, Eu queria poder trabalhar mais, poder ajudar... fico contente em ver todo mundo com a barriguinha cheia... de ver tudo limpinho... o jardim florido... já virou a casa da gente, né? (pág. 116)***, é porque de fato, é o lugar que inconscientemente considera sua casa. As conquistas que ela tem são apenas suas evocações através das recordações e lembranças do passado.

D. Maria reside numa casa doada pela Instituição, forma que encontraram de tentar retribuir os trabalhos (mesmo sendo voluntário) que desenvolve a mais de duas décadas. Sua casa fica no terreno ao lado da Instituição, o que percebemos é que esse espaço de ação também é caracterizado por ela como o seu lugar de pertencimento e segurança.

Tuan (1983, p. 4), diz que os lugares são centros aos quais, atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de “comida, água, descanso e procriação”. Com a velhice, não há mais a procriação, portanto, as necessidades biológicas que necessitam, encontram no GEFA.

Sem o GEFA minha vida seria triste... eu não tenho quem converse comigo assim... assim né... trocar causos, histórias da novela, “você viu a fulana com o fulano”? “você viu o jornal hoje”? tirar brincadeira... orar junto, distribuir a

cesta básica junto, vim pra sopa... essas coisas... porque filho você sabe né? não liga pra conversar essas coisas com a gente (Zuma – pág. 134).

As várias rupturas que marcam a transição da idade adulta à do envelhecimento, afetam “obrigatoriamente o espaço vivido”. A aposentadoria, a diminuição das aptidões físicas e a sociabilidade são três rupturas que se destacam. (FRÉMONT, 1980)

Em relação a aposentadoria formal, D. Maria, D. Maria das Flores e D. Zuma não passaram por esse processo de ruptura, de desligamento. Não há o que romper, quando nunca se consolidou algo. Esse fato traz mais traumas aos homens que invariavelmente desempenharam suas atividades laborais no espaço público.

Percebem o lugar de ação como a oportunidade de socialização, de reconhecimento do trabalho, de aprendizagem e satisfação em contribuir com a comunidade. De ver seu trabalho valorizado e ver que muitas pessoas serão beneficiadas. Em relação às aptidões físicas, é o processo que mais as agrediu. Tuan nos diz que os lugares são pequenos mundos. Mundos que proporcionam descobertas, aprendizados. Através de um professor voluntário, foi oportunizado a comunidade aulas de alfabetização. As três se matricularam e demonstram consciência da importância da educação:

Sheila... eu não sei ler, não sei escrever e não sei como é que eu consigo fazer as coisa sabe? (Maria – pág. 87).

Estudar é muito importante... Porque a gente sabe. Abre a memória da gente, a gente parece que assim... que abre a memória da gente, é uma coisa alegre... (Maria das Flores – pág. 117)

Como muitas mulheres não tiveram acesso aos bancos escolares devido a repressão que viviam, e devido às responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos, as colaboradoras sentem-se felizes pela oportunidade aproveitada. Aprender a ler e a escrever trouxe novas possibilidades de descobertas de novos mundos. Já conseguem assinar o próprio nome e continuam dispostas a continuarem os estudos, na esperança que o Grupo Espírita Francisco de Assis possa proporcionar novas possibilidades.

4.4 Algumas Considerações

A geografia humanista e cultural traz uma análise espacial relacionada com o vivido, com sentimentos e percepções de identidade. Calcando sua crítica na geografia positivista, valoriza e prioriza a subjetividade, na tentativa de entender as relações dos indivíduos com outros indivíduos e com o lugar. Através dessa corrente geográfica, existe a possibilidade de estudar e analisar os grupos, as pessoas, a valorização, as representações carregadas de afetividades e vinculações estreitas.

Nesse contexto, Tuan desenvolve a idéia de que o espaço e o lugar são organizados pela afetividade humana. Essa idéia, essa conceituação, foi encontrada na relação entre o GEFA e as colaboradoras desta pesquisa. Analisando de maneira superficial e grosseira, essa percepção parece óbvia, por se tratar de uma Instituição religiosa. Mas, se mergulharmos profundamente nos reais motivos que fizeram com que essas mulheres alimentassem sentimentos profundos por esse lugar, encontraríamos razões além da concepção de lugar sagrado.

Claval afirma que o sentido de lugar, as experiências e vivências da paisagem são temporais, elaboradas e construídas pelas lembranças. O tempo vivido pelas colaboradoras emergiu de um passado intocável e, sobretudo, de um passado que justifica o presente.

Este estudo sobre velhice na geografia humana vem imbuído de desejos na tentativa de resgatar discussões sobre a importância dos idosos e idosas no contexto da vida moderna, buscando a intersecção entre o envelhecimento, geografia e gênero.

Ao tentar responder as indagações iniciais do projeto nos deparamos com um misto de sentimentos: alívio, satisfação, e principalmente, mais dúvidas do que certezas. No início da caminhada, temos a impressão de que sairemos de um trabalho de pesquisa com todas as dúvidas respondidas. Mas, ao contrário do que imaginamos, saímos com muitas inquietações, talvez, até mais indagações do que quando entramos. No entanto, é isso que estimula o pesquisador, as buscas por trocas de experiências, aprendizados, questionamentos e investigações infinitas.

Encontramos três mulheres idosas que mesmo convivendo com limitações físicas, contribuem, organizam, trabalham, participam ativamente dentro de uma comunidade. O que motiva essas mulheres? Diante do contexto em que vivem,

encontramos inúmeros fatores motivadores. A necessidade, a dependência, o prazer pelo trabalho, a vaidade, os momentos de socialização, a busca pelo alimento material e espiritual, o reconhecimento da autonomia, a satisfação, a liberdade. Não conseguiremos dissociar esses motivos que as levam a fazerem parte dessa comunidade, pois eles se complementam. Não vemos a possibilidade de classificá-los como mais, ou menos importantes, na vida delas.

E é através dessa dinâmica participativa que constroem algo novo, que mobilizam, que discutem, que decidem sobre atividades novas ou atividades cotidianas. É dessa forma que dentro das possibilidades alcançáveis que transformam o local em que vivem, que recriam, que reproduzem, seja através da busca de melhorias para a comunidade, seja através da mão de obra desempenhada em benefício de todos, e ainda, pelo respeito conquistado junto aos demais, através da experiência e maturidade. D. Maria, por exemplo, exerce liderança dentro do GEFA, é responsável pelas chaves, por receber alimentos, coordenar a distribuição de cestas básicas, é referência na comunidade. A Instituição iniciou com a importante contribuição de seu trabalho. É importante lembrar que a identidade se realiza na singularidade, na voz do outro, de acordo com sua trajetória, de acordo com a dinâmica social do lugar.

A transformação do espaço através do trabalho voluntário de homens e mulheres, durante mais de duas décadas, resultou num lugar que mais parece o 'porto seguro' da comunidade, do que uma simples casa que oferece pão e sopa aos necessitados. Percebemos que o aconchego encontrado no lugar, a ajuda material, espiritual e moral, satisfaz não apenas essas mulheres, mas, muitas pessoas que ali freqüentam. Obviamente que é um contexto de necessidade diferenciado, mas não deixa de ser importante na vida de seres humanos tolhidos de oportunidades e possibilidades.

Ao escolher a metodologia deste trabalho, não consegui enxergar a dimensão do quanto me apaixonaria, o quanto seria gratificante, o quanto me sentiria impotente em algumas situações. A configuração envolvente e fascinante permitida pela oralidade torna-se quase impossível de traduzir na escrita, os detalhes minuciosos provenientes do lugar, das emoções das rejeições e expressões corporais vistas e sentidas.

Pesquisar apoiada nas concepções acerca da História Oral de Vida nos faz viajar por muitos mundos diferentes, nos faz mergulhar em histórias surpreendentes, empolgantes e por vezes, revoltantes também. Estudar e tentar descortinar o que mulheres idosas pensam a respeito de sua condição social e política, de seus sonhos, de suas expectativas em relação ao futuro, possibilitou a imersão em contextos permeados por sofrimentos, discriminação, e liberdade estorvada.

Discutir gênero e envelhecimento como categorias de análise em uma pesquisa geográfica, foi um desejo ousado que favoreceu a compreensão das relações sociais entre homens e mulheres no contexto de uma vida, de uma história real. Aliás, três histórias reais. Nos permitiu partilhar com as colaboradoras acerca da realidade do que é envelhecer numa sociedade que renega os velhos e velhas como cidadãos. Viver de ajuda, de compaixão, da solidariedade, sem trabalho e letramento, vai de encontro a qualquer noção que se tenha sobre cidadania. Maria das Flores diz que tem vergonha de pedir ajuda: ***tenho vergonha de pedir, às vezes tô necessitando, mas não peço (pág. 107)***. No entanto, a necessidade faz com que ela esqueça que existe dignidade, pois não tem consciência da existência das legislações, estatutos ou quaisquer normas que possam sustentar e garantir seus direitos.

Este é um estudo sobre mulheres idosas em nossa região, onde sabemos que há muito o que percorrer para que a temática seja evidenciada e notada quanto tema emergente e urgente dentro da geografia. O envelhecimento deve ser analisado não só como um segmento crescente na população, mas como um segmento que necessita de um olhar esmerado, incluído nos estudos das ciências humanas, sociais, médicas e geográficas.

O Grupo Espírita Francisco de Assis é o lugar em que estão inseridas, é nesse espaço que as colaboradoras criam e recriam o lugar, ajudam a transformar diariamente a realidade de muitas famílias. O cotidiano dessas mulheres é vinculado à Instituição, a rotina vivenciada está completamente atrelada a comunidade de destino, como referência de proteção e conforto. Podemos verificar essa vinculação na fala de D. Zuma: ... ***eu ganhei tanta coisa ali... tudo, tudo... alimento pro corpo e pra alma... (pág. 135)***.

Vejo as colaboradoras como sobreviventes de uma trajetória de dificuldades e violência, de uma vida silenciada e invisível. Espero poder contribuir de alguma

forma com a publicização desta pesquisa, para que no mínimo, haja o despertar de interesses para implantação de projetos e programas que impulsionem a garantia de participação cidadã das mulheres idosas. Que sejam vistas como agentes transformadores, dentro das suas especificidades, do contexto social e político em que vivem. Políticas Públicas que valorizem suas aptidões e habilidades, fomentando meios para o alcance da igualdade e justiça.

E diante dessas breves considerações, afirmamos que as colaboradoras deste trabalho vivenciam uma velhice fora do lugar. Fora do lugar que atenda as necessidades básicas, fora do lugar que proporcione qualidade de vida de forma integral, onde possam ter oportunidades de serem agentes de sua própria história. Não estamos querendo afirmar que o GEFA seja desimportante ou que não cumpre o que se propõe, pelo contrário, essa Instituição faz parte da vida delas, faz parte delas, e por vezes, substitui algumas atividades de competência do Estado. Essas mulheres vivem uma fase cronológica que requer projetos especiais, projetos que sejam realmente voltados para as suas especificidades e necessidades. Estar fora do lugar, significa que o espaço que as acolheu, ainda não tem preocupação em subsidiar ações efetivas que garantam o mínimo necessário para a sobrevivência digna.

Nos limitamos em observar, dissertar e analisar o cotidiano, as relações construídas por essas mulheres, a entender como se sentem, o que fazem, o que desejam para o futuro. A preocupação com o futuro é voltado principalmente, para duas situações: o desejo do alimento à mesa e manter-se saudável, pois a saúde é algo que a idade pouco a pouco insiste em confiscar.

Nosso Estado está vivenciando um processo de desenvolvimento econômico, através das construções de usinas hidrelétricas, começando um novo redimensionamento espacial, uma nova formatação. O que está sendo pensado para os que estão fora da faixa de produção? que propostas, projetos voltados a educação, cultura, lazer, esporte, saúde da mulher em todas as fases da vida ou arte está sendo desenvolvido, no intuito de atender esse perfil da população? Quais as políticas públicas estão sendo desenvolvidas? A partir dessas três histórias, há muito o que se fazer, pesquisar, investigar. Há muitas outras questões a serem suscitadas, que necessitam de amadurecimento aprofundado, e esperamos que este

trabalho seja apenas o início de muitos outros, voltados a população idosa do Estado de Rondônia.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. A mulher na história – a história da mulher. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

BEZERRA NETO, José Maia. O asylo lindo e protetor: práticas e representações sociais sobre a educação feminina – Belém (1870-1888). In: ÁLVARES, Maria Luíza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995.

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 2003. (coleção primeiros passos).

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da geografia e a necessidade de abordagens culturais. In: KOZEL, Salette. SILVA, Josué da Costa. GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). Da Percepção e Cognição à Representação: representações teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

BARBOSA, Fabíola Holanda. Experiência e Memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia. São Paulo, 2006. 172 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social).

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: Velhice ou Terceira Idade?. BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice: Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 11. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social. 2. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRANCO, Adélia de. Envelhecer na luta: a trabalhadora idosa no Vale do São Francisco. In: Mary Ferreira, Maria Luíza Miranda Álvares, Eunice Ferreira dos Santos (org.). Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero. São Luís: EDUFMA/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

CLAVAL, Paul. Conferência Internacional de Geografia Cultural. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 08 de junho de 2007. [informação oral].

_____. A Geografia Cultural; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção d velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-FAPESP, 2004.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Otávio Cruz Neto Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo. NUPAUB/USP, 1994.

D'INCAO, Maria Ângela. Sobre o amor na fronteira. In: ÁLVARES, Maria Luíza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995.

FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. Mulheres Ribeirinhas do Rio Madeira: Cotidiano envolto em Brumas – Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional: Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRÉMONT, Armand. A região, espaço vivido. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação. 14ª Ed. Porto Alegre: Brasul, 2006.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONÇALVES, Maria Patrocínia. A capacidade de criação envelhece? Questões que nos fazem pensar se tudo tem tempo e hora para acabar..., 2006. 100p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica – PUC.

KRAMER, Heirinch, SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LEAL, José Carlos. *A maldição da mulher*. São Paulo: DPL, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na sociedade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (coleção primeiros passos).

MATTOS, Flora Bojunga de. *O homem e a mulher na terceira idade: ora sujeito, ora objeto da história*. In: *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. MATTOS, Flora Bojunga; ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; WERBA, Graziela (orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Manual de História Oral*. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MINDLIN, Betty. *Colaboração: Mauro Leonel. Couro dos Espíritos: namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.

MORAIS, Clodomir Santos de. *A marcha dos camponeses rumo à cidade*. Trad. de José M. N. de Aragão. Porto Velho: Edufro, 2002.

MORIN, Edgar. *Meus Demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MOTTA, Alda Britto da. *Chegando pra idade*. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade e velhice*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. A Dimensão de Gênero na Análise do Envelhecimento. In: Mary Ferreira, Maria Luíza Miranda Álvares, Eunice Ferreira dos Santos (org.). Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero. São Luís: EDUFMA/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. O Espaço Ribeirinho. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

PINTO, Célia Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Janela para a diversidade. In: PINTO, Graziela Costa (org.) São Paulo: Duetto Editorial, 2008. (Sexos – a trama da vida: Uma questão de Gênero; 3)

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989. disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/43.pdf, acesso em 27 de janeiro de 2009.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ROSSINI, Rosa Éster. Percursos metodológicos para a pesquisa em gênero e geografia. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 30 de maio de 2008. [informação oral]

SAFIOTTI, Heleieth I. B. O poder do macho. São Paulo: moderna, 1987.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. (coleção Milton Santos I).

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Nilson. Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da Fartura, 2002. 319p. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Humana) USP. São Paulo.

SARDENBERG, Cecília M.B e COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: Mulher e Relações de Gênero. BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L.; (orgs.) São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. Revista sobre Estudos Feministas 13 (1) pág. 11-30, janeiro-abril: Florianópolis, 2005

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. Revista de História Regional 8 (1) pag. 31-45 verão, 2003.

SIMONIAN, Lygia T. L. Mulheres Seringueiras na Amazônia Brasileira: uma vida de trabalho silenciado. ÁLVARES, Maria Luíza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995.

SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Trad. Da 2ª ed. Inglesa: Vera Ribeiro; revisão técnica: Bertha Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

STEARNS, Peter N. História das Relações de Gênero. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

TAVARES, Aderli Góes. Velhices: saberes tradicionais e inovações no rio Tauá – Dissertação de Mestrado: Belém, 2000.

TORRES, Vera Lúcia Scaramuzzini. Velhice numa cidade do trópico. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

_____. Velhice dentro e fora do mundo do trabalho. In: Rosa Carmina Couto, Edna Ramos de Castro Rosa Acevedo Marin (org.). Saúde, trabalho e meio ambiente: Políticas Públicas na Amazônia. Belém: NAEA, 2002. p. 221-235.

TOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VERAS, Renato. País jovens de cabelos brancos. Editora UnATI UERJ – Relume-Dumará, 1994.

WILKOMIRSKI, Binjamin. Fragmentos: memórias de uma infância 1939-1948. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

YANNOULAS, Sílvia Cristina; VALEJJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. Feminismo e Academia. Trad. Suyomara Deslandes Tindera. Ver. Brás. Est. Pedagógicos, Brasília, v. 81, n.º 199, pág 425-451, set/dez 2000.

[WWW. Ibge.gov.br/home/estatística/população/perfilidoso/default.shtm?7](http://WWW.Ibge.gov.br/home/estatística/população/perfilidoso/default.shtm?7)

[WWW. Portalsaude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diagnostico_local_porto-velho-ro.pdf](http://WWW.Portalsaude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diagnostico_local_porto-velho-ro.pdf)